

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Curso de Design Visual**

TAÍS ALINE BAPTISTA SALOMÃO

INDÍGENA É INDÍGENA EM QUALQUER LUGAR
Design Ativista para a Resistência Indígena em Contexto Urbano

**Porto Alegre
2021**

TAÍS ALINE BAPTISTA SALOMÃO

INDÍGENA É INDÍGENA EM QUALQUER LUGAR

Design Ativista para a Resistência Indígena em Contexto Urbano

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Design Visual.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria do Carmo Gonçalves Curtis

**Porto Alegre
2021**

TAÍS ALINE BAPTISTA SALOMÃO

INDÍGENA É INDÍGENA EM QUALQUER LUGAR
Design Ativista para a Resistência Indígena em Contexto Urbano

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual,
da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de
Bacharela em Design Visual

BANCA EXAMINADORA

Ana Elisa de Castro Freitas
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Gabriela Trindade Perry
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Marshal Becon Lauzer
Universidade Feevale (FEEVALE)

Maria do Carmo Gonçalves Curtis
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Professora Orientadora

Porto Alegre
2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha irmã Diana, que a simples existência me fez querer um mundo melhor, sendo a minha motivação para retornar aos estudos. Agradeço ao João Salomão, meu avô, pelo amor incondicional, apoio e cumplicidade. À minha mãe, mulher de fibra, que segurou a barra que é ter uma filha em graduação na UFRGS. Ao meu estimado Pepe, pela companhia nos melhores e piores momentos. E à Lunna, por toda sua curiosidade e alegria que trouxe aos meus dias.

A seguir vem a parte dura: gostaria de citar cada pessoa que me ajudou a chegar aqui, mas isso seria um outro TCC. Aos que acreditaram em mim e aos outros que questionaram a minha sanidade: meu muito obrigada.

Aos Feevalites Amades, com quem pude aprender a ver o design além da estética e sim muito mais como uma ferramenta social. À comunidade Urguiana, que também me deu forças e apoio para resistir e cruzar esses 5 anos de curso.

Deixo agora os agradecimentos aos meus amados amigos que contribuíram de alguma forma para a execução deste projeto: ao Bruno Ferreira, que sem ele não teria tido contato com o tema do meu trabalho, não teria “lambe” no Centro e nem projeção no Bom Fim; à Nathália Klug, a melhor companheira de planejamento de TCC “*and english*”; à Grazielle Borghetto, da análise das artes ao português, que colocou a Brunna Constantino nessa cilada ortográfica; à Lariane Mühl, que acreditou em mim quando eu já tinha jogado a toalha e me deu o empurrão; à Sáskia Azambuja, que ajudou com correção de português, a “colar lambe” e histórias boas para contar; à Paola Pagliari, pelas desventuras em série e parceria nos “lambes”; à Carolina Nobre, minha pequena maravilhosa biblioteca de saberes; à Diza Nobre, com quem tive a grande oportunidade de conhecer e contar com o apoio neste momento; ao Robson Klein, pelas trocas de conhecimento e dicas; ao Diego Santos, minha estrelinha de Belém, que me guiou por uma série de *lives* e artigos sobre os indígenas; à Luíse Tonett, quem diria que uma libriana

definiria uma escolha, hein; à Aline Mello, fono pleníssima que acordou cedo para ensaiar comigo em todas as apresentações; e, por fim, à minha família ancestral: Cacica Alice, Raquel, Tuany, Ezequiel, Lizi e Luan pela acolhida, pela parceria e por acreditarem em mim, apesar de ser a “caçulinha” (por ser a parenta mais recente), mas agora estarei presente com toda força. Resistir para existir!

Agradeço às pessoas que me ajudaram de forma anônima a realizar esse trabalho. Aprendi que todas foram fundamentais para a execução deste projeto.

Agradeço ao Programa Universidade para Todos - PROUNI, que me deu a oportunidade de estudar na Feevale, e ao auxílio PRAE da UFRGS que, com o seu suporte educacional e financeiro, ambos oportunizaram a chegar aqui e me graduar em um curso que me identifico.

À Maria do Carmo, abrirei o meu coração: sempre tive uma admiração por ela. No primeiro semestre, tive as suas aulas e ali decidi que eu a queria como orientadora. Muitas vezes encontrei com ela no corredor, mas não consegui conversar como uma fã... como uma não! Sou uma fã legítima! Bem que a MC tem até Fã Clube, não sou exclusiva nesse respeito de admiração. Maria, depois de muitos “calmas” e “TAÍSSSSSS”, chegamos aqui e seguiremos na luta pela desconstrução colonial, partindo sempre de nós para poder levar aos outros.

E por último, mas não menos importante, agradeço a mim, que por mais tarde que possa parecer aos olhos do outro, afirmo que estar chegando aqui já foi algo jamais sonhado, nem na adolescência e muito menos no início da minha vida adulta. Lembro-me quando estava no início da minha primeira tentativa de graduação aos 24 anos e um professor perguntou se, para algum aluno, já era “um infinito” estar ali em aula. Lembro-me bem que fui a única a levantar a mão. E hoje, após dois “infinitos” e mais um buraco negro, chego à uma nova galáxia pronta para explorar quantos outros “infinitos” vierem.

Muito obrigada a todos!

*"... ao desenvolver esse TCC
pude encontrar a família ancestral."*

RESUMO

Esse trabalho propõe um projeto de design visual para apoiar a resistência indígena em contexto urbano, por meio da abordagem ativista da prática projetual. Foi realizada uma ação de pesquisa junto com o Centro de Referência Indígena-Afro do Rio Grande do Sul - CRIARS, sob a liderança da Cacica Alice Guarani. A iniciativa, que enfocou os indígenas em contexto urbano, sua identidade, pertencimento e a retomada de territórios ancestrais, foi planejada para acontecer de 18 de abril de 2021 (dia anterior ao Dia da Luta Indígena) a dia 22 de abril dia 2021 (data que marca os 521 anos da invasão colonial portuguesa). A metodologia proposta foi a Metodologia de Desdobramento em 3 Etapas, de Flávio Santos (2005), por se tratar de uma estrutura metodológica em 3 etapas (Pré-concepção, Concepção e Pós-concepção) que possibilita agregar nas fases metodológicas de outros autores, utilizamos Bonsiepe (1985), Löbach (2001) e adaptação de ferramentas do design kit da IDEO (2009). A ação ativista, totalmente aprovada pelo CRIARS, foi realizada conforme o período previsto e foram obtidas avaliações por parte dos stakeholders envolvidos na proposta. Para assinalar esse momento de resistência foi desenvolvido, em co-criação com os integrantes do CRIARS, um conjunto de produtos gráfico-digitais para promover uma ação ativista em vários bairros da cidade e Porto Alegre (Bom Fim, Azenha, Moinhos de Vento, Santa Cecília, Restinga, Centro Histórico e Cidade Baixa). A ação ativista foi constituída por cartazes em formato A3 (lambes), adesivos (*art sticker*), cards para redes sociais e quatro projeções realizadas em três pontos da cidade (Bom Fim, Centro Histórico e Petrópolis). Esta ação ativista representou a demarcação de um território que, embora de forma simbólica, promove a discussão e a visibilidade para a luta de indígenas em contexto urbano, pretendendo estimular a consciência e orgulho nestes e provocar, no não indígena, o questionamento sobre as consequências do colonialismo, demonstrando que eles colaboram direta ou indiretamente na propagação destes pré-conceitos.

Palavras-chaves: indígena em contexto urbano, identidade, pertencimento e retomada do território ancestral.

ABSTRACT

This work aims to present a visual design project to support indigenous resistance in an urban context through an activist approach to design practice. A research action was carried out in conjunction with Centro de Referência Indígena-afro do Rio Grande do Sul - CRIARS under the leadership of Cacique Alice Guarani. This initiative focuses on indigenous people in an urban context, their identity, belonging and the resumption of ancestral territory. The action started on April 18th, 2021, which precedes the Day of Indigenous Struggle, and ended on April 22, 2021, the day that marks 521 years of the colonial invasion. To mark this remarkable moment of indigenous struggle, a set of digital-graphic products to promote an activist action in several neighborhoods in Porto Alegre (Bom Fim, Azenha, Moinhos de Vento, Santa Cecília, Restinga, Centro Histórico and Cidade Baixa) was developed in co-creation with CRIARS participants. This material consists of posters in A3 format (lambes), stickers (art sticker), cards for social networks and four projections made in three points of the city (Bom Fim, Centro Histórico and Petrópolis). This activist action represents the demarcation of a territory. Although it was a symbolic act, it promoted the discussion and visibility about the struggle of indigenous people in urban context. It also stimulates the awareness and pride of belonging of these indigenous people and provokes the non-indigenous people to question the consequences of colonialism, demonstrating that they collaborate directly or indirectly in the propagation of these preconceptions. The proposed methodology of this project was the 3-Stage Deployment Methodology by Flávio Santos (2005). As it is a methodological structure in 3 stages (Pre-Conception, Conception and Post-Conception), that makes it possible to add methodological phases from other authors; we use Bonsiepe (1985), Löbach (2001) and adaptation of IDEO design kit tools (2005). The action was implemented according to the expected period, and we obtained some evaluations from the stakeholders.

Keywords: *indigenous people in urban context, identity, belonging and repossession of ancestral territory.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A autora com 3 anos de idade	16
Figura 2 - Cartaz de Alexander Rodchenko (1924).....	25
Figura 3 - A luta continua, Atelier Popular, 1968	26
Figura 4 - Arte criada para o Movimento #EleNão Arte de Militão Queiroz	27
Figura 5 - Primeira assembleia Indígena em 1974 (Diamantino - MT)	32
Figura 6 - Ailton Krenak na Câmara dos Deputados em seu discurso (1987).....	32
Figura 7 - I Encontro de Povos indígenas em Contexto Urbano	33
Figura 8 - Imóvel da PMPA há mais de 10 anos desocupado.....	35
Figura 9 - Demolição imóvel PMPA	36
Figura 10 - Fases Imóvel: abandonado, ocupação baronesa, CRIARS.....	37
Figura 11 - População indígena assistida pela Secretaria Especial de Saúde Indígena.....	44
Figura 12 - Texto abertura Exposição "Invasão Colonial 'IVI OPATA' de Xadalu	45
Figura 13 - Quadrinho Alice, p. 10.....	46
Figura 14 - As três etapas básicas do MD3E.....	48
Figura 15 - Etapa de gerenciamento e documentação do projeto.....	49
Figura 16 - Comparativo de desdobramento mínimos obrigatórios.....	49
Figura 17 - Espaço para os desdobramentos auxiliares	50
Figura 18 - Esquema da Pré-concepção.....	51
Figura 19 - Esquema da Concepção.....	54
Figura 20 - Esquema da Pós-concepção.....	56
Figura 21 - Atividades de desdobramento mínimo.....	57
Figura 22 - Estado dos participantes da pesquisa *	73
Figura 23 - Nuvem de Palavras: Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas? ..	75
Figura 24 - Nuvem de palavras: O que você entende por indígena em contexto urbano?	77
Figura 25 - Publicações editadas em 1966 pelo PROVOS.....	80
Figura 26 - Atelier Populaire, maio 1968	81
Figura 27 - Cartazes Ateliê Popular	82
Figura 28 - Manifestação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.....	82
Figura 29 - Cards do Instagram MTST Brasil	83
Figura 30 - Intervenções Inverso	84
Figura 31 - Intervenção <i>Shoot The Shit</i> e a ação da EPTC.....	85
Figura 32 - Intervenção Área Indígena de Xadalu	86
Figura 33 - Manifestação <i>Black Lives Matter</i> (2020)	87
Figura 34 - Derrubada da estátua de Cristóvão Colombo.....	87
Figura 35 - Imagens retiradas do Instagram com #designativista	88
Figura 36 - Quebrando Preconceitos. Construindo Respeito	95

Figura 37 - Participantes da reunião de co-criação	97
Figura 38 - Levantamento de ideias de frases para a ação.....	100
Figura 39 - Sketchs para lambes ou art stickers	100
Figura 40 - Etapas do Lambe 1.....	103
Figura 41 - Lambe releitura de placa	105
Figura 42 - Evolução proposta lambe 3.....	107
Figura 43 - Exemplos de <i>art sticker</i> em Porto Alegre	108
Figura 44 - Adesivo 1	109
Figura 45 - Adesivo 2.....	110
Figura 46 - Cards para Ação.....	111
Figura 47 - Cards 521 anos Google Drive.....	111
Figura 48 - Cards CRIARS.....	112
Figura 49 - Lambe 2 dos ajustes a versão final	114
Figura 50 - Lambe 3.....	115
Figura 51 - Percurso da intervenção no bairro Bom Fim, Porto Alegre Amiga na Colagem Lambe 1.....	120
Figura 52 - Percurso da intervenção na avenida Goethe, Porto Alegre, Autora e mãe na Colagem Lambe 1.....	121
Figura 53 - Percurso da intervenção no bairro Restinga, Porto Alegre/ Amiga na Colagem Lambe.....	121
Figura 54 - Percurso da intervenção no Centro Histórico, Porto Alegre / Amigo na Colagem Lambe 3.....	122
Figura 55 - Percurso da intervenção no bairro Petrópolis, Porto Alegre/ Autora e amiga na Colagem Lambe 1.....	122
Figura 56 - Projeção realizada por Rodrigo Spolidoro e Câmera Causa.....	123
Figura 57 - Projeção realizada no Centro Histórico pela Ocupação Utopia.....	124
Figura 58 - Projeção no Petrópolis.....	124
Figura 59 - Percurso da intervenção no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/ Amigo e parenta na Colagem Lambe 2.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Projeto de DNA do Brasil.....	40
Quadro 2 - Dados demográficos da população indígena no Brasil	42
Quadro 3 - Síntese das entrevistas.....	71
Quadro 4 - Análise de similares físicos.....	89
Quadro 5 - Hierarquização das Pautas do CRIARS.....	91
Quadro 6 - Hierarquização decrescente dos problemas.....	92
Quadro 7 - Imagens da cidade de Porto Alegre	97
Quadro 8 - Referências visuais de colagens	98
Quadro 9 - Cards e rede social.....	99
Quadro 10 - Explorando ideias para os adesivos.....	101
Quadro 11 - Estudos para os cards	102
Quadro 12- Ficha técnica do Lambe 1	104
Quadro 13 - Ficha técnica do Lambe 2	106
Quadro 14 - Ficha técnica do Lambe 3.....	107
Quadro 15 - Ficha técnica do art sticker 1	109
Quadro 16 - Ficha técnica do art sticker 2	110
Quadro 17 - Ficha técnica Cards	112
Quadro 18 - Atualização ficha técnica lambe 2.....	114
Quadro 19 - Cronograma previsto	117
Quadro 20 - Cronograma realizado.....	119

SIGLAS

ADG - Associação dos Designers Gráficos no Brasil

ATL - Acampamento Terra Livre

APIB - Associação dos Povos Indígenas do Brasil

Cecan - Centro de Cultura e Arte Negra

Cimi - Conselho de Indígenas Missionários

COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

Comin - Conselho de Missão entre Povos Indígenas

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRIARS - Centro de Referência Indígena-afro do Rio Grande do Sul

EPTC - Empresa Pública de Transporte e Circulação

FNB - Frente Negra Brasileira

Funai - Fundação Nacional do Índio

UCHC -União Catarinense dos Homens de Cor

UCHC -União Cultural dos Homens de Cor

UHC -União dos Homens de Cor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPCN - Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

MD3E - o Método de Desdobramento em 3 Etapas

MIB - Movimento Indígena do Brasil

MNU - Movimento Negro Unificado

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

MUCDR - Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial

PNDA - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

OEA - Organização dos Estados Americanos

OIT - Organização Internacional do Trabalho

SAI - Sociedade de Artes Industriais

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

TEN -Teatro Experimental do Negro

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 ANTEPROJETO	15
1.1 TEMA	15
1.2 DELIMITAÇÃO.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	16
1.4 PROBLEMA DE PROJETO	19
1.5 OBJETIVOS	19
1.5.1 Objetivo Geral.....	19
1.5.2 Objetivos Específicos.....	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 DESIGN COMO UMA ABORDAGEM SOCIAL.....	20
2.1.1 Design Social	22
2.1.1.1 O Papel social do designer gráfico.....	23
2.1.1.2 Design Ativista	24
2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIAS URBANAS.....	27
2.2.1 Movimento Étnicos.....	28
2.2.1.1 Movimento negro	29
2.2.1.2 Movimento indígena.....	31
2.2.2 Intervenção urbana	33
2.2.3 Centro de Referência Indígena-afro do Rio Grande do Sul.....	34
2.3 INDÍGENA EM CONTEXTO URBANO.....	37
2.3.1 Indígenas brasileiros (povos originários).....	39
2.3.1.1 Indígenas no Rio Grande do Sul	42
2.3.1.1.1 Indígenas em Porto Alegre	44
3 METODOLOGIA.....	48
3.1 PRÉ-CONCEPÇÃO	50
3.1.1 Problematização	51
3.1.2 Coleta de dados	52
3.1.3 Definição do problema.....	53

3.2 CONCEPÇÃO.....	54
3.2.1 Geração de alternativas.....	54
3.2.2 Verificação rápida da capacidade.....	55
3.3 PÓS-CONCEPÇÃO.....	56
4 PRÉ-CONCEPÇÃO.....	58
4.1 FERRAMENTAS DE RECRUTAMENTO.....	58
4.2 COLETA DE DADOS.....	59
4.2.1 Entrevista.....	59
4.2.1.1 Entrevista 1: designer-acadêmica.....	59
4.2.1.2 Entrevista 2: designer-ativista.....	61
4.2.1.3 Entrevista 3: designer-militante.....	64
4.2.1.4 Entrevista 4: designer-indígena.....	66
4.2.1.4 Entrevista 5: indígena e integrante da Ocup. Baronesa / CRIARS.....	68
4.2.2 Visita de campo.....	71
4.2.3 Questionário <i>online</i>	72
4.2.4 Análise diacrônica.....	79
4.2.4.1 Provos.....	79
4.2.4.2 Atelier Populaire.....	80
4.2.4.3 Movimento dos Trabalhadores Sem Teto -MTST.....	82
4.2.5 Análise sincrônica.....	83
4.2.5.1 Inverso.....	83
4.2.5.2 Que ônibus passa aqui?.....	84
4.2.5.3 Área indígena.....	85
4.2.5.4 Black Lives Matter.....	86
4.2.5.5 Design Ativista.....	87
4.2.6 Análise de configuração estética.....	89
4.3 DEFINIÇÃO DO PROJETO.....	90
4.3.1 Lista de requisitos.....	90
4.3.2 Estruturação do projeto.....	91
4.3.3 Hierarquização dos requisitos.....	92

5 CONCEPÇÃO	94
5.1 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS.....	94
5.1.1 Co-criação.....	94
5.1.2 Momento de reflexão	97
5.1.3 Método de transformação	102
5.2 VERIFICAÇÃO RÁPIDA DAS CAPACIDADES	112
5.2.1 Equipe do Projeto.....	113
5.2.2 Orçamento.....	115
6 PÓS CONCEPÇÃO	117
6.1 ROTEIRO PARA O SUCESSO	117
6.2 AÇÃO ATIVISTA.....	118
6.3 FEEDBACK.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES	141
APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTAS	142
APÊNDICE B - VISITA DE CAMPO CRIARS 02/12/2020.	146
APÊNDICE C - LISTA DE ATIVIDADES COM O CRIARS.....	157
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO <i>ON-LINE</i>	158
APÊNDICE E - FLUXO DAS PERGUNTAS	163
APÊNDICE F - RESUMO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	164
APÊNDICE G - RESPOSTAS DOS NÃO-INDÍGENAS	172
APÊNDICE H - RESPOSTAS DOS INDÍGENAS.....	191
APÊNDICE I - CONTATO INSTAGRAM.....	197
ANEXOS	198
ANEXO I - Card.....	199
ANEXO 2 - Quadrinho Entrevista ALICE	200
ANEXO 3 - Gastos com a ação	205

1 ANTEPROJETO

O presente capítulo trata sobre a temática e objetivos a serem cumpridos e se divide em tema, delimitação, justificativa, problema de projeto e objetivos.

1.1 TEMA

O foco deste trabalho é o indígena em contexto urbano uma vez que, nesses 521 anos de invasão e expropriação de suas terras, empurrando-os a subsistirem nas cidades e nessa condição, muitos (governo, não-indígenas e até mesmo indígenas aldeados) colocam em xeque a sua identidade. Considera-se que um projeto de design visual pode contribuir na resistência indígena em contexto urbano.

Este projeto aborda o Centro de Referência Indígena-afro do Rio Grande do Sul - CRIARS, localizado em Porto Alegre, um espaço de retomada ancestral que busca reivindicar o reconhecimento das populações indígenas e Indígena-afros em contexto urbano. Esse reconhecimento compreende tanto o espaço territorial quanto o simbólico para essa população. Após terem gerações excluídas do meio urbano, jogados à periferia, invisibilizados, forçados a viver sem o reconhecimento do Estado e, ao passo que não podem se reconhecer como indígenas, nem se auto identificar, negam sua identidade e menosprezam o seu pertencimento ancestral.

1.2 DELIMITAÇÃO

Delimitação temática: retomada do território ancestral, identificação e pertencimento do indígena em contexto urbano;

Delimitação espacial: cidade de Porto Alegre, bairros: Bom Fim, Azenha, Moinhos de Vento, Santa Cecília, Restinga, Centro Histórico, Petrópolis e Cidade Baixa.

Delimitação projetual: intervenção urbana sob abordagem de design ativista com produção de um conjunto de peças gráfica e digital;

Delimitação temporal: 2020 a 2021.

1.3 JUSTIFICATIVA

A ascendência indígena está no sangue da autora que, desde a infância (Figura 1), teve de explicar que seus olhos puxados, seu rosto redondo e seus cabelos lisos não são de ascendência oriental e, mesmo assim, muitos ainda costumam duvidar. Segundo o relato materno, a ascendência da autora vem de sua tetravó que teria sido “pega no laço” ou, sem eufemismo, foi sequestrada de sua aldeia, violentada e teve sua história apagada. Essa parte não é possível mudar, mas é possível resgatar sua memória. Por essa questão identitária a autora torna-se mais sensível ao tema.

Figura 1 - A autora com 3 anos de idade



Fonte: Acervo familiar da autora

A opção pelo tema surgiu da urgência pela preservação e direito a identidade indígena. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), estima que existam 315 mil indígenas vivendo em contexto urbano no Brasil. Desde a invasão colonial, faz-se a aposta de que com o contato do indígena com o *jirúá* ‘civilizaria’ essa população, tratando os indígenas, a partir de uma visão colonial, como selvagens e como se o contato com os não-indígenas os domesticasse, negando aos indígenas a sua identidade, cultura e o pertencimento.

A aposta no 'branqueamento' indígena e a negação de sua origem, excluí o direito ao território ancestral, conseqüentemente, promove a usurpação e a exploração das terras. O encolhimento das terras indígenas é outro fator que os jogam para a cidade, pois muitos não tem mais área suficiente para subsistir e, não sendo possível plantar e nem caçar, dependem da 'caridade' do não-indígenas e/ou seus órgãos governamentais. O IBGE, no Censo Indígena de 2010, levantou que 42% dos indígenas brasileiros vivem fora de terras indígenas no Brasil e que essa população constitui 305 etnias indígenas que falam, ao menos, 274 línguas. A retomada do território ancestral é reivindicada pelo CRIARS que teve seu início a partir da Ocupação Baronesa formada por afrodescendentes e indígenas em busca de seus direitos ancestrais.

Os movimentos de retomada e reconhecimento dos territórios ancestrais, que já não eram fáceis nos governos anteriores, foram agravados pelo governo de Jair Bolsonaro, desde que assumiu a presidência em 2019, que tem atuado constantemente para a diminuição e retirada de qualquer direito dos indígenas aldeados a suas terras, com o sucateamento e tentativas de diminuição da relevância da Funai - Fundação Nacional do Índio. A Funai atua diretamente com indígenas aldeados, mas não reconhece o indígena em contexto urbano, considerando-o 'civilizado' pelo contato com a cidade e que, nesse sentido, teria deixado toda sua história para trás. Os poucos territórios indígenas demarcados são constantemente visados e ameaçados pelo governo de Jair Bolsonaro, conhecido por favorecer a exploração das terras indígenas desde sua atuação política como deputado federal. Em 1998 o então deputado discursou na Câmara dos Deputados criticando a demarcação das terras indígenas, como prevê a constituição, destacando a seguinte parte do discurso:

"Até vale uma observação neste momento: realmente, a cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e, hoje em dia, não tem esse problema em seu país -se bem que não prego que façam a mesma coisa com o índio brasileiro; recomendo apenas o que foi idealizado há alguns anos, que seja demarcar reservas indígenas em tamanho compatível com a população". (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1998, p. 33).

Esta fala foi amplamente divulgada nas redes sociais no período das eleições de 2018 (Anexo 1). A Agência Lupa verificou e confirmou a veracidade dessa publicação feita nas redes sociais. O post obteve 215 reações em menos de 18 horas de sua publicação, sendo a maioria: “amei” e “curti”, ou seja, aprovando a fala de Bolsonaro. Nos comentários da publicação apareceu a foto do candidato à presidência pelo Partido Novo, João Amoedo, com a frase: “E tá errado, porra?”, demonstrando a concordância com o discurso de extermínio de indígenas.

Segundo o sítio jornalístico BBC NEWS BRASIL (2019), foi promessa de campanha a exploração das áreas indígenas. O atual presidente teria afirmado que as terras indígenas, ao serem exploradas, trariam um ganho de royalties e não demonstrando sentido serem preservadas e utiliza a expressão: “não se sabe a bem quem”, como se condenasse ou ignorasse todo um ecossistema e cultura ancestral contidas nessas áreas. Segundo matéria do JORNAL NACIONAL (2020), devido a esse olhar predatório de Bolsonaro, de 2019 até o primeiro semestre de 2020 houve aumento recorde no desmatamento em regiões de preservação ambiental e reservas indígenas. E o presidente demonstra atuar ativamente fragilizando as fiscalizações e políticas de controle ambiental.

O desrespeito e marginalização dos aldeados também ocorre no estado Rio Grande do Sul. Um exemplo é a situação que ocorre em Porto Alegre, no Centro Histórico, onde muitos indígenas aldeados vão para a cidade vender seus artefatos com autorização da prefeitura municipal, porém, ainda assim, são constantemente hostilizados pelos comerciantes locais. Essa realidade é abordada no minidocumentário “É preciso estar aqui”¹, de 2019, que mostra o cotidiano de uma comunidade indígena na qual os homens fazem as peças artesanais e as mulheres vão à Porto Alegre para vender e garantir o sustento da comunidade. Se a realidade dos aldeados, que são reconhecidos pelas entidades, se mostra difícil, a dos indígenas em contexto urbano tem uma luta dobrada em seu caminho.

¹ Minidocumentário “É preciso estar aqui,” 2019. Vídeo realizado pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas - Comin para a campanha da Semana dos Povos Indígenas: Quebrando Preconceitos, Construindo Respeito: Luta e Resistência dos Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/Z6X2dgHGRxc>.

A realidade dos indígenas em contexto urbano chegou à autora através de uma entrevista em quadrinhos (Anexo 2) onde a então líder da Ocupação Baronesa, Alice Martins, contava as dificuldades passadas por estes indígenas no seu direito a identidade, à cidade e a retomada do território ancestral. A Funai é uma instituição que deveria proteger todos os indígenas, mas sempre questiona a legitimidade dos indígenas urbanos, com regras que excluí os indígenas que passam a viver em cidades e os que não nasceram na aldeia. Por esses pontos é urgente que o design visual como uma ferramenta que facilita compreensões, se valha para construção de uma ação ativista de apoio e exigência dos direitos dos indígenas, pelo direito a identidade e de retomada de seu território ancestral, estando eles em contexto urbano ou não.

1.4 PROBLEMA DE PROJETO

Como o design visual pode contribuir no processo de identificação e o pertencimento do indígena em contexto urbano, atuando junto com o CRIARS.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Desenvolver um projeto de design visual para promover uma ação gráfica e digital que busca estimular a identificação e o pertencimento do indígena-afro em contexto urbano, atuando junto com o CRIARS.

1.5.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar movimentos ativistas que causaram impactos positivos na sociedade;
- Pesquisar e investigar sobre CRIARS;
- Identificar possibilidades de abordar o tema do indígena em contexto urbano para a sua sensibilização numa abordagem de design ativista.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo que embasa o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, não tendo a pretensão se esgotar o assunto, apresenta três tópicos: design social, movimentos sociais e resistências urbanas e indígena em contexto urbano. O primeiro tópico aborda a base filosófica do projeto, 'o design como uma abordagem social', desdobrando o que é design social, qual é o papel social do designer e apresenta o design ativista. Após é apresentado o tópico 'movimento sociais e resistências urbanas'. E por último uma breve contextualização do indígena em contexto urbano e as consequências desses mais 521 anos de colonização.

2.1 DESIGN COMO UMA ABORDAGEM SOCIAL

O design comumente é visto e abordado como uma profissão mercadológica, sendo o *Styling*² o maior contribuidor histórico para essa visão. A economia norte-americana, em crise pós-quebra da bolsa de valores em 1929, utilizou-se do design para gerar produtos mais atrativos e que precisavam ser atualizados a cada ano como uma forma de recuperar a economia pós-guerra (ANDRIOLI e GALAFASSI, 2014).

Entretanto, para Denis (2002), o design e o reformismo social tiveram suas origens quase que simultaneamente. Os Pensadores Românticos foram uns dos primeiros a denunciar os danos das indústrias, sendo eles: as explorações dos trabalhadores pela indústria, a destruição da paisagem natural e a redução das relações sociais a meras trocas econômicas. John Ruskin, um crítico e educador, entre as décadas de 1850 e 1860, criticava a divisão das tarefas, a desqualificação da mão de obra e defendia que a solução seria o bem-estar do trabalhador. Seguindo as ideias de Ruskin, Willian Morris defendia que um produto deveria tanto refletir a qualidade do projeto como o bem-estar do trabalhador. Morris começou a divulgar o design de forma inédita através de vários empreendimentos. Forty (2007, p. 85), destaca o lado

² *STYLING* foi um movimento do design moderno estadunidense que se desenvolveu em meados do século XX "como instrumento de incentivo às vendas, e a forma aerodinâmica, como ideal estético" (SCHNEIDER, 2010, p. 97, apud ANDRIOLI e GALAFASSI, 2014, p. 2)

socialista de Morris trazendo a fala dele em uma palestra: “Não é desta ou daquela máquina tangível de aço metal que queremos nos desfazer, mas da grande máquina intangível da tirania comercial, que oprime a vida de todos nós”. Morris acreditava que poderia haver um progresso com uma maneira mais responsável do processo industrial.

Em seu livro "Design para o Mundo Real", onde questiona as bases do design, Papanek (1970, p. 84) cita a frase do Buckminster Fuller: “Se você quer ser um designer tem que decidir o que te interessa mais: fazer coisas que tenham sentido ou fazer dinheiro”³. Essa frase mostra o antagonismo entre o social e comercial, porém há autores mais recentes (MARGOLIN & MARGOLIN, 2004) que já apresentam uma posição mais conciliatória em que defendem que não se trata de antagonismo, mas de complementaridade. O design com seu objetivo projetual estigmatizado como uma profissão de “aparência” e lucro fácil, vai ao encontro do pensamento crítico de Barros (2014, grifo nosso), que defende uma postura mais engajada,

(...)acreditamos que o design gráfico tem uma função de base, a qual precede seu uso para a venda de mercadorias: transmitir mensagens. **E que esta função deve ser resgatada, revista e estudada, e ter sua importância devidamente creditada dentro das pesquisas de design e comunicação.** Em um cenário onde o consumo é cada vez mais criticado e as questões sociais e ambientais encontram lugar de destaque em todas as mídias, nos interessa apontar o uso de peças gráficas como meio de transmissão de mensagens que não têm como objetivo vender algum produto ou serviço. A imagem como veículo de cidadania, de desenvolvimento social, de conscientização, de alerta, de educação, este é o nosso objeto de estudo. Podemos perceber, assim, **que a função do design vai muito além da venda de mercadorias, ela é uma espécie de peça-chave para a conscientização da sociedade, pois participa de seu desenvolvimento como ferramenta para construção de identidade e informação, além de refletir seu modo de vida.**

Para Dondis (1997, p. 7), a experiência visual humana é “fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente e reagir a ele (...)”. É o que afirma Denis (2000), quando diz que o design é uma ferramenta que pode

³ Tradução da autora para: “*Si usted quiere ser diseñador tiene que decidir que le interesa más: hacer cosas que tengan sentido o hacer dinero.*” Buckminster Fuller

contribuir para a construção de um país e de um mundo melhores. Quem atuou ativamente no Brasil, buscando resgatar os valores do design, foi o designer Gui Bonsiepe (2011), que aborda a questão e critica que o design tem priorizado a superficialidade e esquecido do que é importante, o que ele define como substância, que o design renunciou ao seu viés projetual, atendendo modismos e seu lucro fácil. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, após um levantamento que apontava falta de profissionais qualificados no Brasil para a docência de Desenho Industrial, convidou Bonsiepe a assumir o cargo de assessor na Superintendência de Inovação Tecnológica e, assim, ele participou da criação do Laboratório de Desenvolvimento de Produto/ Desenho Industrial (LÉON, 2014, apud CURTIS, 2017). Iida (2011, p. 8), acreditava que um dos problemas era que a maioria dos professores de design tinham outras formações em áreas correlatas, levantando a questão da importância para um designer da graduação em design e não só o mestrado e doutorado, o que teria criado esse aspecto de “casca de coco”, uma superficialidade nos cursos de Design.

Então o que seria de fato o Design Social? Quais seus valores para ser definido como tal?

2.1.1 Design Social

Joaquim Redig afirma que “design social é pleonasma”, já que um design que não contempla a sociedade não deveria ser considerado design (REDIG, 2011). Papanek, em 1970, em seu livro, no capítulo IV “Como cometer um crime: a responsabilidade social e moral de um designer”⁴, apresenta a experiência de seu primeiro contato quando teve que projetar um rádio para o senhor G. Papanek não estava satisfeito em ter que projetar algo meramente estético, mas senhor G. argumentou que, para aquele rádio fosse fabricado, necessitaria que fosse aberta uma nova fábrica que contrataria muitos funcionários de várias partes do país (Estados Unidos da América). E, se o rádio não desse certo, essas pessoas ficariam desempregadas, e detalhou o

⁴ Tradução feita pela autora do título: “*Como cometer um crimen: las responsabilidades sociales, y morales del diseñador*”.

sofrimento que as famílias passariam. Apesar da lógica fazer sentido, Papanek considerou o pensamento simplista demais, entendia que a responsabilidade do designer é muito maior que isso, que antes de começar a projetar tem que ter consciência de sua responsabilidade social e moral, se está projetando pelo bem social ou não. (PAPANEK, 1970). O que Lima e Martins acrescentam:

“Design social é uma abordagem de projeto que implica tanto metodologias participativas como motivações projetuais e consequências sociais do processo de design. É possível afirmar ainda que o design social também promove valores como sustentabilidade e desenvolvimento sociocultural” (LIMA e MARTINS, 2011, p. 115).

Em seu artigo "A função social do design: realidade e utopia", Norberto Chaves diz que de maneira ampla todo design é social, pois impacta a sociedade de alguma maneira. Que no sentido humanista ele depende de atores socioeconômicos que assumiriam esse papel, só que no contexto real do design é regido pela economia neoliberal, que tem um caráter que vai contra o social [CHAVES, 2020?]. Então como um designer visual/gráfico poderia atuar para o bem social?

2.1.1.1 O Papel social do designer gráfico

Para entender o papel social do designer gráfico faz-se necessário a compreensão sobre as quais são os objetivos do profissional e para assim podermos entender como este contribui socialmente. Um designer que se compromete com as questões sociais, sendo um profissional que **não** está interessado em defender o consumismo imediato, mas alguém disposto a defender ideais elevados como os sociais e os culturais tornariam um designer valorizado, tanto pela sua audácia e quanto por sua coragem (WHITELEY, 1998 apud LIMA E MARTINS, 2011).

Uma confusão que acontece frequentemente é confundir artista e designers. Frascara (2000), difere o designer de um artista pela forma de mensagem expressa, pois o designer não desenvolve uma nova mensagem, mas age como intérprete da mensagem, onde não cabem estilos pessoais e não deve criar estilos e sim comunicações, que essa interpretação deve utilizar um método projetual para

desenvolver os meios a tornar acessível e as formas que essa mensagem será comunicada.

Sobre o papel social Braga (2011), constata que é um conjunto de deveres e direitos relativo à função social que um indivíduo exerce dada sua posição social, sendo uma dessas posições relacionadas às categorias da sociedade como, por exemplo, a ocupação profissional, portanto uma categoria profissional é uma categoria social. Braga ainda resgata que o design gráfico moderno veio, em sua grande parte, a serviço da comercialização de produtos industriais, mas também foi um agregador da arte e da técnica que deram formato a comunicação visual dos movimentos de arte de vanguarda. Lima (1996), defende que o termo "design visual" é mais adequado por ser mais abrangente, pois não se refere somente a tecnologia aplicada, mas à percepção do indivíduo já que não necessariamente o objeto será impresso.

O código de ética da Associação dos Designers Gráficos no Brasil- ADG, traz em seu capítulo 2, artigo 5º, itens 1 e 2, as questões sociais do profissional de design gráfico:

“Artigo 5º - No desempenho de suas funções, o Designer Gráfico deve: 1. Interessar-se pelo bem público e com tal finalidade contribuir com seus conhecimentos, capacidade e experiência para melhor servir à sociedade; 2. Contribuir para a emancipação econômica e tecnológica de nosso país, procurando utilizar técnicas e processos adequados a nosso meio ambiente e aos valores culturais e sociais de nosso país;” (ADG, s/d)

Desse modo, a partir das reflexões relativas ao papel social do designer gráfico, é possível reportar ao design ativista como uma possibilidade viável de exercer a responsabilidade social no âmbito da prática projetual.

2.1.1.2 Design Ativista

O ativismo seria uma das possibilidades que o design tem que se posicionar ativamente na sociedade. Para Venturelli (2019), a ação ativista na criação de uma arte aborda como se fosse um jogo, para provocar a ordem e o sistema político estabelecido, depois dominá-lo e explorá-lo no seu próprio trabalho criativo. Desde

os anos 1960 sendo utilizado como ferramenta e meio de subversão, uma atitude de transformação social onde subverte a ordem inclusive de se atuar em prol dos interesses econômicos, no sentido da ética e da diversidade de pensamentos. Ainda Popper (1983) apud Venturelli (2019, p. 160), afirma: “quem adere ao movimento de uma cultura, da ação e da participação coletiva e criativa, é anticonformista. É o extremo inverso da organização social e do mercado contemporâneo, seja da arte, do design ou da arquitetura.”

Para Curtis (2011, p. 27), “o cenário sociopolítico do início do século XX gerou condições que estreitam as relações entre arte e tecnologia, e o design gráfico surge dessa articulação”. A primeira guerra mundial, Revolução Russa, embargos econômicos, o socialismo sendo implantado na Rússia, precisavam ser comunicados, porém com o analfabetismo de 70% da população e, diante da necessidade informar e educar a população, os construtivistas viram na arte essa possibilidade (Figura 2). Muitos desses artistas acabaram indo para o design gráfico, produziram cartazes, revistas, panfletos... (CURTIS, 2011).

Figura 2 - Cartaz de Alexander Rodchenko (1924)



Fonte: designices.com [2020?]

Neves (2011), aborda que outro momento significativo para o ativismo gráfico foi em 1963, quando o “Manifesto por um design consciente”, feito pelo designer britânico Ken Garland, que estava incomodado com o consumismo incentivado pelo design utilizado em peças publicitárias. Garland buscou através do seu manifesto, apresentado no encontro da Sociedade de Artes Industriais - SIA, expor a mensagem que o designer tinha que ser menos tecnicista e se preocupar

mais com a sua responsabilidade social. O manifesto foi assinado por mais de 22 profissionais presentes e sua mensagem ganhou o mundo.

Em maio de 1968, Paris é tomada por manifestações de estudantes e trabalhadores. Os estudantes questionavam o sistema tradicional de educação, e os trabalhadores demonstravam preocupação com o desemprego que só aumentava. Um grupo dos manifestantes ocupou a Escola de Belas Artes de Paris e utilizou o material disponível para fazer cartazes (Figura 3), jornais e panfletos. Esse grupo se autodenominou *Atelier Populaire*, e seu conteúdo era direcionado contra a burguesia e a favor da arte à serviço da sociedade (NEVES, 2011; BARROS, 2014).

Figura 3 - A luta continua, Atelier Populaire, 1968



Fonte: <http://legreffon.com/graft/page/2/>

Barros (2014), conta que houve um fruto desse movimento: em 1970 foi fundado o Grapus, um escritório que atuou só com questões sociais (associações, sindicatos, municípios, estruturas culturais e institucionais) e funcionou por 20 anos. Um dos sócios afirmou que: “O Grapus foi um tipo de utopia que se realizou”. Sendo referência até hoje, os sócios se separaram e abriram outros escritórios com o mesmo ideal.

A jornalista Natalia Collor, apresenta um histórico recente do ativismo no Brasil. Em 2005 foi criada uma rede de coletivos, o Fora do Eixo, em que a ideia era fortalecer um cenário cultural fora do circuito dominante, Eixo SP-RIO. A partir dele, junto com a Marcha da Liberdade, nasce o Mídia Livre, que se comunica fora da estética convencional, veiculando informações no momento que acontece, sem

edição de foto, vídeo ou textos. Em 2018 foi criado um grupo de Design Ativista no Facebook com mais de 4 mil designers de todo o Brasil, eles foram responsáveis pela arte que marcou o movimento "#EleNão" (Figura 4). Após as eleições, confirmando o crescimento da extrema direita, foi criado, em dezembro de 2018, o "Design Ativista Pra Quem Não Aguenta Mais". A primeira reunião foi realizada em Porto Alegre e juntou pessoas que trabalharam dentro do circuito comercial e queria fazer algo para combater o autoritarismo da direita, assim agindo de forma organizada e coesa.

Figura 4 - Arte criada para o Movimento #EleNão Arte de Militão Queiroz



Fonte: <https://medium.com/@nataliacollor>

Podemos entender, então, o design ativista como um desdobramento do design social com ação mobilizadora, que questiona de forma ativa as instituições por meio de intervenções e manifestações a fim de estimular uma mobilização social com interesse em um bem social.

2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIAS URBANAS

As reivindicações dos movimentos sociais são indicadores das inconsistências e carências sociais do sistema socioeconômico-político vigente. Para Domingues (apud SCHERER-WARREN, 2007, p. 101), pode-se caracterizar movimento social como um "grupo mais ou menos organizado, sob uma liderança determinada ou não; possuindo programa, objetivos ou plano comum; baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia; visando um fim específico ou uma

mudança social”. O que pode ser complementado por Scherer-Warren (2006, p.116, glifo nosso):

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais etc.

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados -dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações -, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural.

Constata-se que quando há um aumento de manifestações urbanas, pode-se verificar a crise nas instituições. E essas lutas criam formas de ações criativas para que se torne possível viver na cidade, através de ações táticas de intervenção ou apropriação da utilização dos espaços públicos (CARVALHO e IMBRUNITO, 2019).

Este projeto enfoca os movimentos étnicos, em especial os indígenas, por meio de intervenções explorar o espaço urbano como uma afirmação de propriedade de um território que o não indígena faz questão de assim dizer que ao indígena ali não pertencer.

2.2.1 Movimento Étnicos

Os movimentos étnicos brasileiros buscam lutar contra o racismo estrutural, cultivado por uma elite dominante branca, desde o início do processo de colonização. Em 1940, Kar von Martius, naturalista e botânico, afirmou: “Cabia ao historiador brasileiro redigir uma história que incorporasse as três raças, dando predominância ao português, conquistador e senhor que assegurou o território e imprimiu suas marcas morais ao Brasil” (DUARTE; SCOTTI, 2010, p. 81 apud CHAUÍ, 2000, p. 49-50) Com o apagamento do passado dessas “minorias”, seja por Rui Barbosa queimando os registros de todos os escravos para poupar os escravagistas (ESTADÃO, 2015), ou pelo extermínio em massa do povo indígena durante todos

esses anos, e destacado o que ocorreu no período da ditadura militar, onde aproximadamente 8.350 indígenas foram mortos pelos militares (GARCIA, 2019). Traremos sobre o movimento negro e o indígena no Brasil, apontando as influências e alguns marcos para tentar compreender como foram constituídos e o que reivindicavam.

2.2.1.1 Movimento negro

Domingues (2007), divide o movimento negro brasileiro em 4 fases:

- **Primeira fase : Primeira República ao Estado Novo (1889-1937):** A república no Brasil começou com todo o legado de marginalização do negro após a abolição da escravidão em 1888, quadro que foi também ignorado pela República nascente. No intuito de reverter esse quadro, houve um movimento de formação de vários grupos: grêmios, clubes e associações, formados por pessoas que haviam sido escravizadas e seus descendentes. Também surgiram jornais para tratar as questões dessa realidade, que ficou conhecida como imprensa negra. Em 1931 a formação da Frente Negra Brasileira - FNB, formada em sua maioria por mulheres, chegou a ter delegações em diversos estados, teve aspirações políticas. Em 1936 tornou-se um partido político, mas fora extinto em 1937, com o Estado Novo.

- **Segunda fase: Segunda República à ditadura militar (1945-1964):** Sem o mesmo poder de aglutinação da fase anterior, foi formado em Porto Alegre em 1943 a União dos Homens de Cor - UHC (ou Uagacê), que chegou a ter delegações em dez estados do país. Em 1950 seus representantes tiveram uma audiência com o presidente para reivindicar a favor da "população de cor". Dissidências possibilitaram a formação de outros grupos que também foram importantes: União Cultural dos Homens de Cor - UCHC, no Rio de Janeiro; a fundação da União Catarinense dos Homens de Cor - UCHC, em Blumenau, em 1962; o Teatro Experimental do Negro - TEN, fundado no Rio de Janeiro, em 1944. Sendo esse último, que começou com uma proposta de uma companhia de teatro com artistas negros, mas o projeto foi além e começaram a oferecer cursos de alfabetização,

costura. Foram responsáveis pela fundação Instituto Nacional do Negro e o Museu do Negro; organizaram o I Congresso do Negro Brasileiro; entre outras ações. Suas ações buscavam a implantação de ações antidiscriminatórias através de direitos civis dos negros. Nesse período, em 1951, foi aprovada no Brasil a primeira lei antidiscriminatória após uma bailarina negra estadunidense ser proibida de se hospedar em um hotel em São Paulo.

- Terceira fase - início do processo de redemocratização à República Nova (1978-2000): após 1964, o golpe militar desmantelou todos os movimentos negros e estes permaneceram em certa clandestinidade, já que nesse período foi disseminada a versão de que não havia preconceito de cor no Brasil. Só por volta de 1970 começaram a se reestruturar fundado o Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN em São Paulo, formado em 1972 por artista e estudantes. No Rio de Janeiro, em 1976, foi fundado Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN. A volta a atividade política só ocorre em 1978 com o Movimento Negro Unificado - MNU, inspirado em Martin Luther King, Malcom X, Panteras Negras e outras organizações pela luta dos direitos dos negros estadunidenses. No dia 18 de junho de 1978 o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial - MUCDR, criado a partir de uma reunião com diversos grupos e entidades negras, organizou-se com Estatuto, Carta de Princípios e Programa de Ação. Após o primeiro congresso o nome foi alterado, já que a luta antirracista era a prioridade, passando a ser se chamar de Movimento Negro Unificado - MNU. O MNU foi responsável para que o termo "negro" saísse da conotação pejorativa e fosse adotado oficialmente para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país, entre muitas outras ações.

- Quarta fase - uma hipótese interpretativa (2000 - ?): Aqui existe um novo marco para o movimento negro com o movimento hip-hop. Também os perfis ativistas de jovens afrodescendente atuando para fortalecer a autoestima do negro com campanhas do tipo: "Negro Sim!", "Negro 100%". O rap com letras de protesto e denúncias raciais. Para se diferenciar do movimento negro, a troca do negro por

preto. Estão buscando sua autonomia no movimento, mas não representa uma ruptura com o movimento negro.

Pires (2020), conta o impacto do movimento *Blacks Lives Matter*, que teve início nos Estados Unidos, após a morte por sufocamento de George Floyd por um policial branco, e desencadeou uma série de protestos por vários países. No Brasil com o movimento Vidas Negras Importam, reivindicando a atuação do homem branco nas pautas antirracista. Pelo mundo o movimento ganhou força colocando abaixo muitas estátuas de escravagistas e colonizadores, questionando os símbolos e os modelos que foram celebrados por influência de um modelo dominante eurocêntrico (PRESSE, 2020).

2.2.1.2 Movimento indígena

A organização do movimento indígena é mais recente no Brasil, e com forte influência internacional. Desde a invasão de 1500, não se teve um marco como os negros com a abolição da escravatura. Bicalho (2010), aponta que a partir da Declaração dos Direitos Humanos de 1948 foram reconhecidos os direitos e liberdade independente de raça, etnia, sexo. Em 1940 foi realizado o 1º Congresso Indigenista Interamericano, no México, onde foi criado pela Organização dos Estados Americanos - OEA o Instituto Indigenista Interamericano, que é responsável pelas bases do Indigenismo oficial latino-americano com a meta de integração dos grupos indígenas à nacionalidade.

Esse movimento inicial latino-americano foi intimidado pela Ditadura Militar, com sua política expansionista e exterminadora de etnias, e os indígenas começaram a se organizar apoiados pelo Conselho de Indígenas Missionários - CIMI⁵, que apoiaram a organização de Assembleias Indígenas (Figura 5) e que, concomitantemente, deu origem ao Movimento Indígena do Brasil - MIB, criado e consolidado entre 1970 e 1984. (BICALHO, 2010)

⁵ CONSELHO DE INDÍGENAS MISSIONÁRIO - Cimi foi criado em 1972 pela Comissão Nacional dos Bispo do Brasil para oportunizar um espaço de fala para os indígenas e apoiá-los, a partir deste surgiram outras organizações.

Figura 5 - Primeira assembleia Indígena em 1974 (Diamantino - MT)



Fonte: Santos e Thomaz Júnior (2010, p. 143) apud CIMI (2015)

Os indígenas saíram de suas aldeias e começaram a se articular para defender seu território e o MIB foi responsável pela organização indígena durante a constituinte em 1987 fizeram discurso na Câmara dos Deputados (Figura 6), Ailton Krenak subiu ao púlpito vestindo um terno branco, pois era o protocolo exigido para que pudesse entrar no Congresso Nacional, vestido com terno, camisa e gravata, Ailton começou o discurso se desculpendo se ofendia alguém e tira do bolso um pote jenipapo e começa a pintar toda a sua face, um homem (terno) branco se transformando em um indígena, em seu discurso ressalta que os anos de violência contra o povo indígena, e termina seu discurso como um homem (de terno) branco que reconhece de onde veio, valorizando a sua origem, e conseguiram aprovar um capítulo específico garantindo, entre outros direitos, de suas terras, a sua crença e cultura (BICALHO, 2010).

Figura 6 - Ailton Krenak na Câmara dos Deputados em seu discurso (1987)



Fonte: Jaenisch (2017 p.1) in Filme Índio cidadão? (2014)

Segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil -APIB [2021?] foi criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre - ATL em 2005. O ATL é mobilização nacional dos indígenas, realizada anualmente no mês de abril, acontece desde 2004, com objetivo de tornar visível a situação dos indígenas no

dissertação, organiza as intervenções em: técnica (utilizada) e suportes (onde aplicadas). As técnicas seriam: estêncil, serigrafia, *graffiti* (*spray*, pincel e rolinho), crochê (ou *yarn bombing*), meme digital e projeção. Aplicada nos suportes como: lambe-lambe, adesivo, murais, fachadas, árvores, postes, placas de sinalização e web.

2.2.3 Centro de Referência Indígena-afro do Rio Grande do Sul

Para entender o Centro de Referência⁶ Indígena-afro do Rio Grande do Sul, é necessário conhecer a história de resistência e de retomada dos territórios ancestrais da Ocupação Baronesa.

Isoppo (2020) relata que a Ocupação Baronesa se formou em janeiro de 2019, buscando se firmar como o primeiro centro de referência Indígena-afro⁷, e que sua pauta vai além do direito da moradia, pois pede a retomada do território ancestral. A ocupação se instalou em 28 de março de 2019 na rua Baronesa do Gravataí, n 640, um conjunto de sobradinhos (Figura 8) pertencentes a prefeitura municipal de Porto Alegre, que estavam abandonados por mais de 10 anos.

⁶ Centro de Referência - CR, termo comumente utilizado para locais físicos que buscam atender uma determinada população, na falta de uma classificação exata que defina o termo, trouxemos o exemplo de Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que segundo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009, p. 7), "CRAS é a unidade em torno da qual se organizam os serviços de proteção básica, do que decorre sua função de gestão local. Espaço físico, organização do mesmo e das atividades, funcionamento e recursos humanos devem manter coerência com a concepção de trabalho social com famílias, diferenciando o serviço que deve dos que podem ser ofertados no CRAS." Similar os Sistema Nacional de Saúde que define: 'Centro de Referência é qualquer serviço, departamento ou unidade de saúde, reconhecido como o expoente mais elevado de competências na prestação de cuidados de saúde de elevada qualidade em situações clínicas que exigem uma concentração de recursos técnicos e tecnológicos altamente diferenciados', podemos ver que a diferença se dá pela proposta de cada CR, seja da assistência social ou a saúde.

⁷ Indígena-Afro, então, é uma relação, um modo particular de articular diferenças. Sem substancializar (não por isso desrespeitar) suas matizes originárias, essa ideia fertiliza uma nova proposta de pensar a vida humana em relação societária, na contramão do essencialismo da pureza étnica e do proselitismo (ISOPPO, 2020, p. 105).

Figura 8 - Imóvel da PMPA há mais de 10 anos desocupado



Fonte: Carol Ferraz/Sul21

Esse território onde o imóvel se localizava é reconhecido historicamente como um território negro, onde viviam comunidades quilombolas que foram removidas do local devido à valorização urbana do bairro. Há dados históricos que apontam que aquela região foi ocupada por comunidades indígenas muito antes da colonização, que era comum indígenas acolherem escravos fugidos ou alforriados. Então as famílias da ocupação solicitavam à prefeitura seu direito de retomada do território ancestral e, por consequência, à moradia. Porém, em 07 de junho de 2019, foi determinada a reintegração de posse e algumas famílias, sem ter para onde ir, continuaram ocupando a calçada em frente ao imóvel. (ISOPPO, 2020)

No dia 18 de julho, às 6h30 da manhã, foram surpreendidos com uma retroescavadeira (Figura 9) que colocou o prédio todo abaixo.

Figura 9 - Demolição imóvel PMPA



Fonte: Marcelo Ferreira/ Brasil de Fato

Após 3 dias, em 21 de julho de 2019, foram para uma casa no bairro Cidade Baixa, onde estão atualmente (Figura 10). A Ocupação Baronesa assumiu seu papel de engajamento social Indígena-afro e atua como Centro de Referência para a população Indígena-afro do Rio Grande do Sul.

Em visita ao Centro de Referência, Ezequiel, integrante do CRIARS, o define como: “um espaço de retomada para reivindicar o reconhecimento das populações que viveram nesse território que hoje vivem em total existência periférica, estão existindo, mas estão existindo na periferia da cidade e o Centro vem com esse conteúdo, com essa compreensão de trazer isso com mais força para que esse reconhecimento se dê a partir exatamente, da importância do papel dos indígenas e Indígena-afros em contexto urbano pois existe um pertencimento, inclusive ancestral, do território, não é um ser externo, não é um ser estranho, não é um ser que estaria chegando, esteve sempre presente nunca foi, no ponto de vista étnico ele sempre permaneceu no território, mas permaneceu na invisibilidade e forçado a viver sem o reconhecimento do próprio Estado por não pode colocar o seu próprio reconhecimento e não pode se auto identificar.”

O que é complementado por Alice Martins, que afirma que Centro de Referência Indígena-afro faz o acolhimento das indígenas aldeadas que saem de suas aldeias para vender a arte ancestral de seu povo no centro da cidade de Porto Alegre, pois acontece muitas vezes do valor da venda diária não completar o

dinheiro de sua passagem de volta a aldeia, muitas outras optam por ficar a semana inteira no Centro de Referência para vender seus artesanatos e assim economizar a passagem diária de ida e volta. O CRIA/RS também faz campanha de arrecadação de alimentos, roupas, material escolar, entre outros, para comunidades indígenas e Indígena-afros, periferias, pessoas em situação de rua, recicladores, guardadores de carros e quilombolas. E seguem na luta pela retomada do território ancestral (MARTINS, 2019).

Figura 10 - Fases Imóvel: abandonado, ocupação baronesa, CRIARS



Fonte: Acervo CRIARS

2.3 INDÍGENA EM CONTEXTO URBANO

O indígena em contexto urbano não tem reconhecido o seu direito a terra e nem a identidade, tanto por seus pares aldeados como pela população urbana, como aponta o artigo *"Indígenas no espaço urbano: não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia"*, de Aguiar, Klintowitz e Correia (2020). Esses autores referem que a cidade "com sua imagem civilizatória", seria responsável por uma civilização deste indígena (que através do contato com a cultura do colonizador, o indígena deixaria de ser um selvagem), além de preconceituosa, também nega ao indígena ser o que realmente é, bem como seu direito dele de ir e vir; que a invisibilidade sofrida por estes vem da falta de interesse da sociedade pelos indígenas e seus movimentos mais tradicionais; que algumas migrações foram voluntárias ou involuntárias pela violência sofrida, mais a industrialização e remoção de comunidades intensificaram-se por volta de 1940;

que “indígena é indígena em qualquer lugar, inclusive nas cidades”. Martins (2019), em entrevista ao Brasil de Fato, define o que é ser um indígena em contexto urbano:

Quando a gente fala no contexto urbano não estamos falando de um indígena que saiu de dentro da aldeia do Interior e veio para a Capital. Estamos falando de indígenas que nunca moraram na aldeia, que seus pais não moraram na aldeia, que seus avós talvez não tenham morado na aldeia, mas que ele não deixa de ser indígena. Ele não deixa de ser coletivo, não deixa de carregar uma comunidade junto com ele, que antes dele vieram seus ancestrais e os nossos ancestrais viviam todos juntos, em comunidade.

Para Fundação Nacional do Índio [2020?, grifo nosso], os critérios que definem quem é indígena no Brasil, conforme o Estatuto do Índio de 1973 e o Decreto nº 5.051/2004, consistem na autodeclaração e na consciência de sua identidade indígena; e **no reconhecimento dessa identidade por parte do grupo de origem**. Essa autodeclaração é feita através do Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI), que não substituiu a certidão de nascimento, mas garante algumas prerrogativas como acesso a cotas universitárias, assistência médica específica e a reservas indígenas (BEZERRA, 2012).

Mas Organização Internacional do Trabalho - OIT no qual o Brasil é um país signatário, em sua Convenção 169 de 1989, em seu 1º artigo, item 2, relata: “A **consciência de sua identidade indígena** ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção” [OIT, 2021, grifo nosso]. Sobre a população indígena urbana o IBGE (2011, p. 18, grifo nosso), em suas considerações finais do Censo indígena 2010, diz:

a população indígena residente no Brasil que se autodeclarou em 2010 manteve-se em patamares similares àqueles de 2000, com um pequeno crescimento, contudo, quando se observa pela situação do domicílio, o declínio revelado pelos indígenas urbanos pode ser um indicativo de que aqueles que deixaram de se classificar como tal não possuíam nenhuma ligação com os seus povos de origem. Isto quer dizer que, **em 2000, se classificaram genericamente como indígena. Muitos autodeclarados indígenas captados em 2000 já residiam nas áreas urbanas há mais de 10 anos**. Logo, no Censo Demográfico 1991, por alguma razão não se autodeclararam como tal.

Para compreender como surgiram esses indígenas nas cidades se faz necessário contextualizar quando os indígenas foram separados de suas aldeias, terras e/ou famílias. Cabe retomar de modo sintético o processo histórico que inicia em 22 de abril de 1500.

2.3.1 Indígenas brasileiros (povos originários)

O povo originário, que habitava este território posteriormente batizado pelos portugueses de Brasil, chamaremos de indígenas brasileiros para fazer uma acentuação geográfica, mas não temporal.

Após 520 anos da invasão europeia o Brasil ainda nega sua origem. Para NASCIMENTO (2004), a mulher indígena é a principal geratriz étnica brasileira. Essas mulheres eram sequestradas de suas terras pelos portugueses e os filhos gerados dessa miscigenação deram origem aos brasileiros. Este filho, que não se identificava com a origem materna, acabava integrando a cultura paterna, o que também afirma a socióloga Ana Carla de Sá em sua participação em um podcast ⁸. Acentua-se que o brasileiro, além de não reconhecer a mãe indígena, é um filho bastardo, já que no início das invasões só vieram homens europeus, não vieram mulheres. Esses homens já tinham uma vida estabelecida no seu local de origem, oficial e regada segundo os protocolos da igreja, com uma família além-mar, legítima e valorizada, de modo que os filhos nascidos aqui eram, então, vistos e tratados como bastardos. Até hoje o brasileiro é alienado dessa mãe, não sabe e não reconhece como começou, tanto por desconhecimento como por falta de interesse (MAMILOS 210..., 2019). O que é confirmado através do Projeto de DNA do Brasil, um projeto que investiga o genoma Brasileiro (Quadro 1). A meta do projeto é sequenciar o genoma de 15 mil brasileiros. Já foram sequenciados 1247 desses genomas e o levantamento, até a data de apresentação da matéria, indicou que a herança do cromossomo Y (paterna) dos brasileiros é 75% de origem europeia e a

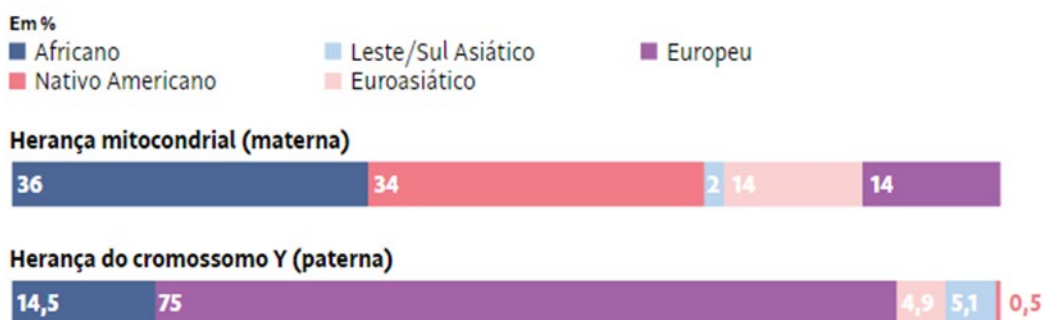
⁸ Podcast Mamilos 210, disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-210-povos-indigenas-de-onde-vimos-para-onde-vamos/>.

herança mitocondrial (materna) é de 34% indígena e 36% africana, demonstrado cientificamente o subjugo dessas mulheres a estes homens europeus e a dizimação dos homens indígenas (0,5%) em seu próprio território.

Quadro 1 - Projeto de DNA do Brasil

Projeto que investiga genoma dos brasileiros tem primeiros resultados

Miscigenação foi assimétrica e envolveu mais homens europeus e mulheres africanas e indígenas



Fonte: Projeto de DNA do Brasil (2020)

Essa falta de interesse do brasileiro, ou desconhecimento de sua origem, poderia ser pela ausência de registros antes de 1500 ou, então, por ser conhecida a versão do invasor (colonizador) registrando só um lado da história. Então registrar o que foi vivido por indígenas e negros é um dos objetivos de Ribeiro (1995) em seu livro O Povo Brasileiro, que também destaca como foi agressiva a chegada dos portugueses, como agiram de forma destrutiva e os conflitos que trouxeram, sendo:

- o biológico, as doenças que os portugueses trouxeram, contra as quais já tinham desenvolvido anticorpos, aqui encontraram muitas populações indígenas com seus corpos intactos e muitas foram dizimadas;
- o ecológico, na disputa de terra e das riquezas naturais do território;
- o econômico e o social, escravização indígena e exploração das riquezas naturais.

O Instituto Socioambiental (2019c), aponta que no ano de 1910 foi quando a Constituição Nacional instituiu que deveria ter um órgão estatal para cuidar dos

indígenas, pois eram vistos e tratados legalmente como “relativamente capazes”, e então foi criado o Serviço de Proteção ao Índio -SPI. Mas a “má gestão, falta de recursos, corrupção funcional, foram alguns dos motivos que levaram à extinção do SPI em 1967, dando origem à Funai”, que continua vigente até os dias atuais. A própria Fundação define seu papel como órgão estatal:

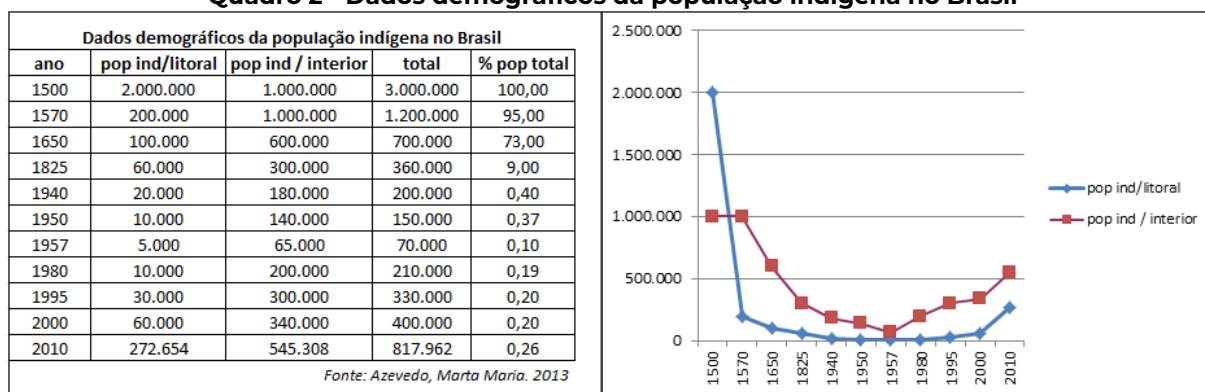
cabe à FUNAI promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas. A FUNAI também coordena e implementa as políticas de proteção aos povos isolados e recém-contatados. [FUNAI, 2020?]

A Lei Federal 6.001/1973, que ficou conhecida como o Estatuto do Índio, não incluía os direitos de preservação da cultura aos indígenas brasileiros. Esse direito só veio a ser reconhecido na Constituição de 1988, título VIII - “Da Ordem Social” no Capítulo VIII - “Dos Índios”, nos artigos 231 e 232, reconhecendo seus direitos originários sobre a terra, sobre a organização social e sua própria cultura.

Mas a questão da capacidade dos indígenas foi revista somente em 2002 com o novo Código Civil, que definiu que a capacidade será regulada por uma legislação especial. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2019). Os dados mais recentes da população indígena são do Censo 2010, que identificou por autodeclaração de cor ou raça: 817.963 indígenas, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras, apontando um aumento de indígenas urbanizados (IBGE, 2011). Esse número, quando comparado com antes da invasão colonial de 1500, conforme a Funai (2020), aponta que a população indígena estimada era de 1.000 povos indígenas vivendo no território, que somaria aproximadamente 3.000.000 indígenas. Nesse sentido, podemos verificar o genocídio ocorrido no país.

Azevedo [2013 apud FUNAI, 2020?], organizou os dados encontrados sobre a população indígena no decorrer dos anos, no Quadro 2:

Quadro 2 - Dados demográficos da população indígena no Brasil



Autora: Azevedo, [2013 apud FUNAI, 2020?]

Tendo o Brasil tamanho continental, faz-se necessário um recorte da região do Rio Grande do Sul para verificar as peculiaridades vividas na região.

2.3.1.1 Indígenas no Rio Grande do Sul

Quanto aos povos originários que habitavam o Rio Grande do Sul - RS, Pacievith (2019), assinala que eram indígenas das etnias: guarani, tapes e charruas. Também sinaliza que os primeiros registros sobre a região datam de 1531, quando navegadores passavam pela costa e nomearam como Rio Grande de São Pedro. E assim a região ficou muitos anos sendo visitada por exploradores que vinham capturar indígenas para escravizar e até o século XVIII era considerada “terra de ninguém”. Nascimento (2005), conta que as missões jesuíticas eram para escravizar indígenas, que eram vendidos para os engenhos de açúcar do Nordeste, e foram os jesuítas que trouxeram o gado para região. Os lucros com a venda de indígenas como escravos chamou a atenção da metrópole e ocasionou a cobiça. O desfecho foi a expulsão dos jesuítas da região pelos bandeirantes, começando assim a formação inicial do RS: as primeiras estâncias de gado surgiram das fazendas apropriadas pelos fazendeiros e a utilização da mão de obra escrava. Para Pacievith (2019), os primeiros povoadores em nome da coroa portuguesa vieram em 1740 e se acomodaram onde atualmente é Porto Alegre. Braga (2006), aponta que só em 1750, com o Tratado de Madrid, as regiões noroeste e oeste foram incorporadas ao

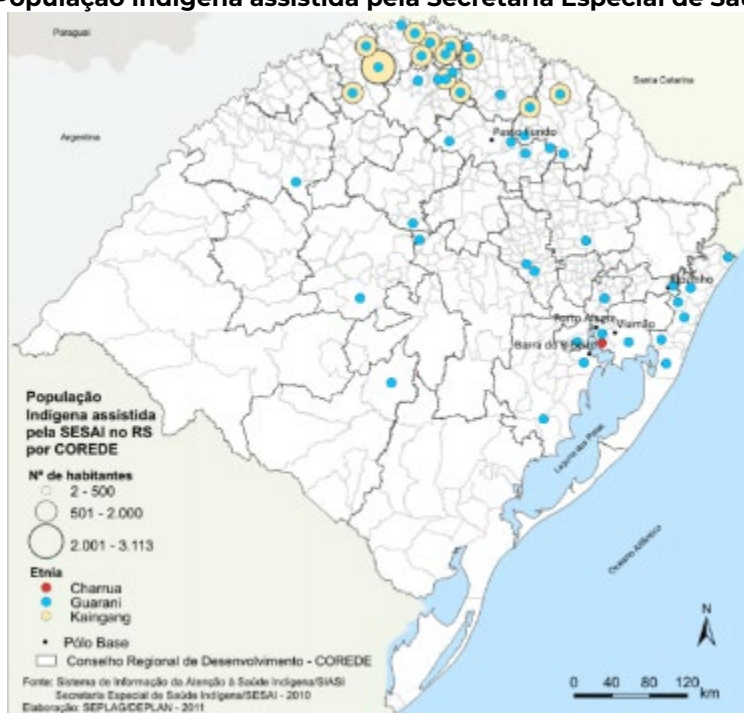
RS. Antes do tratado o território pertenceu ora para coroa espanhola, ora para coroa portuguesa.

Alguns autores apontam que a identidade regional dos estados do Sul é fruto da formação social e territorial, única no Brasil, constituída socialmente no século XIX e politicamente entre 1892 e 1930 (FEE, 2006, apud IBGE, 2017). Essa identidade regional, Ribeiro (1995, p. 415), define:

Originalmente, esses gaúchos não se identificavam como espanhóis nem como portugueses, do mesmo modo como já não se consideravam indígenas, constituindo uma etnia nascente, aberta à agregação de contingentes de índios destribalizados pela ação missionária ou pela escravidão, de novos mestiços de brancos e índios desgarrados pela marginalidade, e de brancos pobres segregados de suas matrizes. Esses eram os gaúchos originais, uniformizados culturalmente pelas atividades pastoris, bem como pela unidade de língua, costumes e usos comuns. Tais eram: o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta peculiar caracterizada a pelo xiripá e pelo poncho; as boleadeiras e laços de caça e de rodeio; as candeias de sebo para alumiar e toda a tralha de montaria e pastoreio feita de couro cru; a que se acrescentaram as carretas puxadas por bois, os hábitos de consumo do sal como tempero, da aguardente e do sabão e a utilização de artefatos de metal principalmente a faca de carnear, as pontas das lanças.

Identificamos alguns aspectos peculiares da identidade gaúcha, abordaremos os dados desse século XXI. O Censo Indígena do IBGE (2011) levantou que a população indígena no estado é de aproximadamente 33.000 pessoas, ou seja, cerca de 0.3% do total da população. O estado do Rio Grande do Sul (2012), em seu Marco dos Povos Indígenas do RS, informa que esses indígenas seriam das etnias: Kaingang, Guarani, Charrua e Xokleng. A Figura 11 traz a distribuição da população indígena e, segundo a Secretaria Especial de Saúde do Indígena no RS, existem aproximadamente 400 pessoas Xokleng, mas não estão identificadas no mapa, pois vivem na região do Vale do Paranhana, de forma dispersa, mas com seus grupos familiares.

Figura 11 - População indígena assistida pela Secretaria Especial de Saúde Indígena



Fonte: SEPLAG|DEPLAN (2011, apud RIOGRANDE DO SUL,2012, p. 14)

O estado do Rio Grande do Sul é o terceiro estado em números absolutos de falantes em sua língua materna, primeiro foi o povo Tikuna, em segundo o povo Guarani Kaiowá de Mato Grosso do Sul.

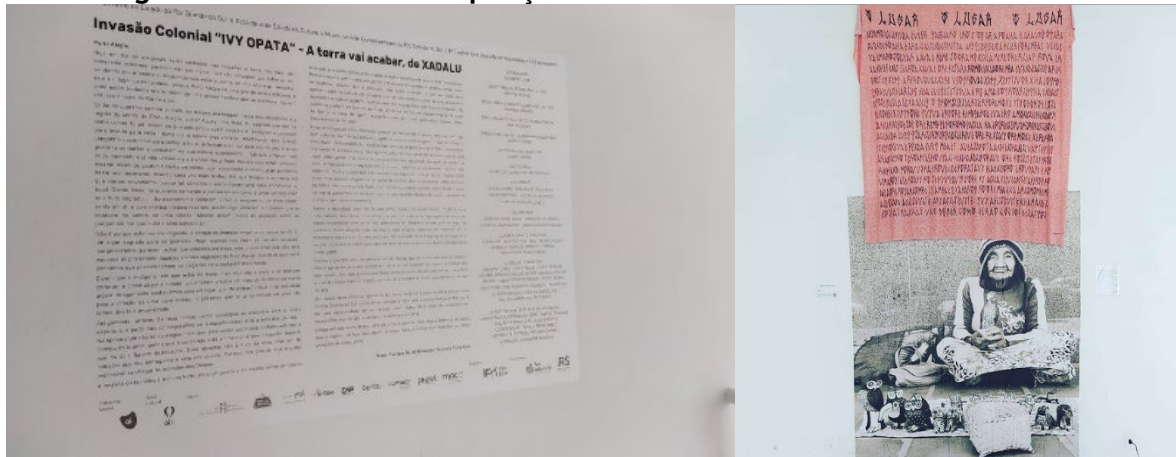
2.3.1.1.1 Indígenas em Porto Alegre

A Exposição “Invasão Colonial “IVY OPATA”⁹ traz o texto de abertura do Cacique Geral Mburuvixá Tenondé Cirilo Kara (Figura 12), que traça uma linha temporal da relação dos Guaranis com a cidade de Porto Alegre, e conta que antes da invasão colonial, na área conhecida de Porto Alegre, havia uma árvore sagrada que seu fruto não podia ser colhido do pé, o nome desse fruto era “Aguay”, que explicaria a origem do nome do Rio Guaíba. Refere que os guaranis vinham colher os frutos, levavam para sua casa, mas com a chegada dos invasores, os indígenas foram vendo pouco a pouco diminuírem os pés de sua árvore sagrada, e começaram a sentar ao redor do pé e refletir no que estava acontecendo até que um dia

⁹ Exposição do artista urbano Xadalu no Museu de Arte Contemporânea do RS – MAC/RS no período de 27 de janeiro de 2020 a 08 de março de 2020.

chegaram e tinha uma casa onde na visita anterior tinha o último pé. Novamente se sentaram e refletiram, viram a cidade crescendo e continuam vindo e refletindo nos acontecimentos da invasão do homem branco. E o Cacique Cirilo questiona por que são destruídos e por que deveriam estar no mato, pois Porto Alegre era mato antes dos invasores chegarem.

Figura 12 - Texto abertura Exposição “Invasão Colonial ‘IVI OPATA’ de Xadalu



Fonte: a autora

O minidocumentário “É preciso estar aqui” de 2019, realizado pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas - Comin para a Campanha da Semana dos Povos Indígenas: Quebrando Preconceitos, Construindo Respeito: Luta e Resistência dos Povos Indígenas no Brasil, retrata a realidade da comunidade Guarani Mbya da Reserva Coxilha da Cruz da Barra do Ribeiro, que tem como única forma de sustento a venda do artesanato que acontece no Centro Histórico de Porto Alegre. O documentário retrata um dia de trabalho e as indígenas relatam as suas dificuldades e a hostilidade manifestada por comerciantes de Porto Alegre contra elas, que não se sentem bem na cidade, mas precisam estar aqui para poder sustentar sua família.

O minidocumentário vai ao encontro da entrevista-quadrinho (Figura 13) com a Cacica Alice de Oliveira Martins. Alice conta que seus avós perderam a terra na época da ditadura militar e que nunca morou em uma aldeia. Relata seu movimento de resistência da causa indígena, expõe a criminalização dos movimentos sociais e a violência que sofre através de abordagens policiais, muitas

vezes, sendo chamados de vagabundos. Como o Cacique Cirilo, ela destaca a questão do direito que eles têm a terra de seus ancestrais, da retomada do território, pelo direito de viver coletivamente e ressalta que tudo é terra indígena, que eles já estavam aqui antes dos colonizadores. Ressalta, também, a necessidade de uma moradia e de direitos básicos do cidadão, como o direito à saúde e a educação.

Figura 13 - Quadrinho Alice, p. 10



Fonte: Aguiar (2019).

Nos três relatos aparece a marginalização de um povo que busca o seu sustento através de seu trabalho e, muitas vezes, acabam tendo que receber doações, porque não tem sua terra para viver e plantar o seu sustento; que precisa vir à cidade vender seu artesanato para poder comer e se vestir; que sofre pela incapacidade de o não-indígena entender uma cultura que vive do coletivo e respeita o meio ambiente. E o indígena em contexto urbano que, além todo o passado sofrido de seus ancestrais, pode até carregar um fenótipo indígena, mas o sistema não o reconhece como tal, deixando para ele as marcas de trabalhos com mão de obra menos valorizadas pelo homem-branco ou total marginalização.

Assim, constata-se o testemunho de 521 anos de resistência de um povo que já estavam aqui, foram excluídos de seus direitos e reservados a espaços específicos. Segundo Ailton, ao tentarem criar uma Reserva da Biosfera, tiveram

que explicar a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco que isso era importante para a terra não ser devorada pela mineração, como se manter só uns poucos lugares preservados fosse suficiente para o planeta. (KRENAK, 2019). E com esses espaços reduzidos e expropriados dos indígenas, cada vez mais os joga nas cidades lhes reservando espaços em periferias e o Estado se omite e usa o discurso que só é indígena quem é aldeado, como forma de negar os seus deveres, obrigações e não fazer nenhuma reparação histórica, negando seu direito a sua cultura e identidade o que prevê a Constituição e OIT, chegando a hora de agir marcar os espaços como locais diversos, onde também transitam os indígenas.

3 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso utiliza a metodologia projetual proposta por Flávio Santos (2005) e metodologia científica de Pronadov e Freitas (2015) que definem a metodologia como: “a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.” (PRONADOV e FREITAS, 2015, p. 14)

A metodologia projetual utilizada é o Método de Desdobramento em 3 Etapas - MD3E, de Flávio Santos (2005) que foi desenvolvido em sua tese com objetivo é auxiliar a compreensão dos alunos ajudando a identificar qual metodologia já existente melhor se encaixa em seu projeto, dando autonomia e liberdade para eles. O MD3E é um método aberto e radial que permite voltar ou avançar uma etapa, ou atividade, assim que identificada uma nova necessidade do projeto. A estrutura radial é para a compreensão de causa e efeito de cada etapa e atividade (SANTOS, 2005). O método inicia-se a partir de um problema de projeto que identifica uma necessidade humana, para depois se abrir em três etapas básicas: PRÉ-CONCEPÇÃO, CONCEPÇÃO e PÓS-CONCEPÇÃO (Figura 14) até que todas as atividades do projeto sejam contempladas e concluídas ao final do TCC2.

Figura 14 - As três etapas básicas do MD3E



Fonte: Santos (2005, p. 77)

Neste momento foram definidos dois procedimentos que permeiam todo o projeto (Figura 15), o registro de todas as etapas e desdobramentos, através do gerenciamento e a documentação dessas atividades a cada etapa.

Figura 15 - Etapa de gerenciamento e documentação do projeto



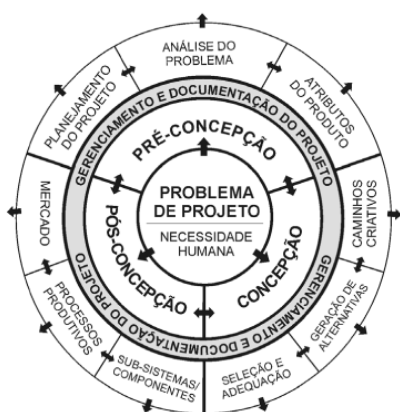
Fonte: Santos (2005, p. 78)

A forma do registro da documentação é um relatório redigido conforme normas estabelecidas pela comissão de TCC Design UFRGS.

A etapa seguinte agrega as atividades de desdobramentos mínimos obrigatórios da MD3E, que segundo Santos (2005) devem ser passadas para elaboração, mas podem ser reformuladas conforme a necessidade do projeto (Figura 16). As atividades foram alteradas e substituídas pela metodologia de Bonsiepe (azul), Löbach (vermelho) e IDEO (lilás).

Figura 16 - Comparativo de desdobramento mínimos obrigatórios

Atividades de desdobramento mínimo obrigatório sugerido por Santos (2005):



Atividades de desdobramento mínimo obrigatório adotados para este projeto:

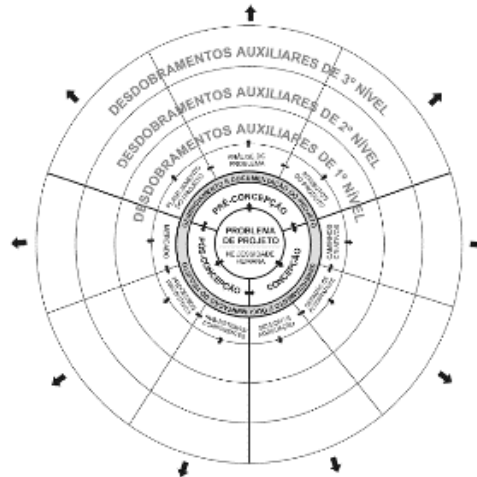


Fonte: adaptada pela autora

A metodologia, por ser aberta, caso identificada a necessidade de outras atividades para o desenvolvimento do desdobramento mínimo obrigatório, pode

ter incluídos outros desdobramentos auxiliares (Figura 17), acrescentando técnicas ou etapas de outras metodologias projetuais quantas forem necessárias. Para este projeto foi necessário até o desdobramento auxiliar de segundo nível.

Figura 17 - Espaço para os desdobramentos auxiliares



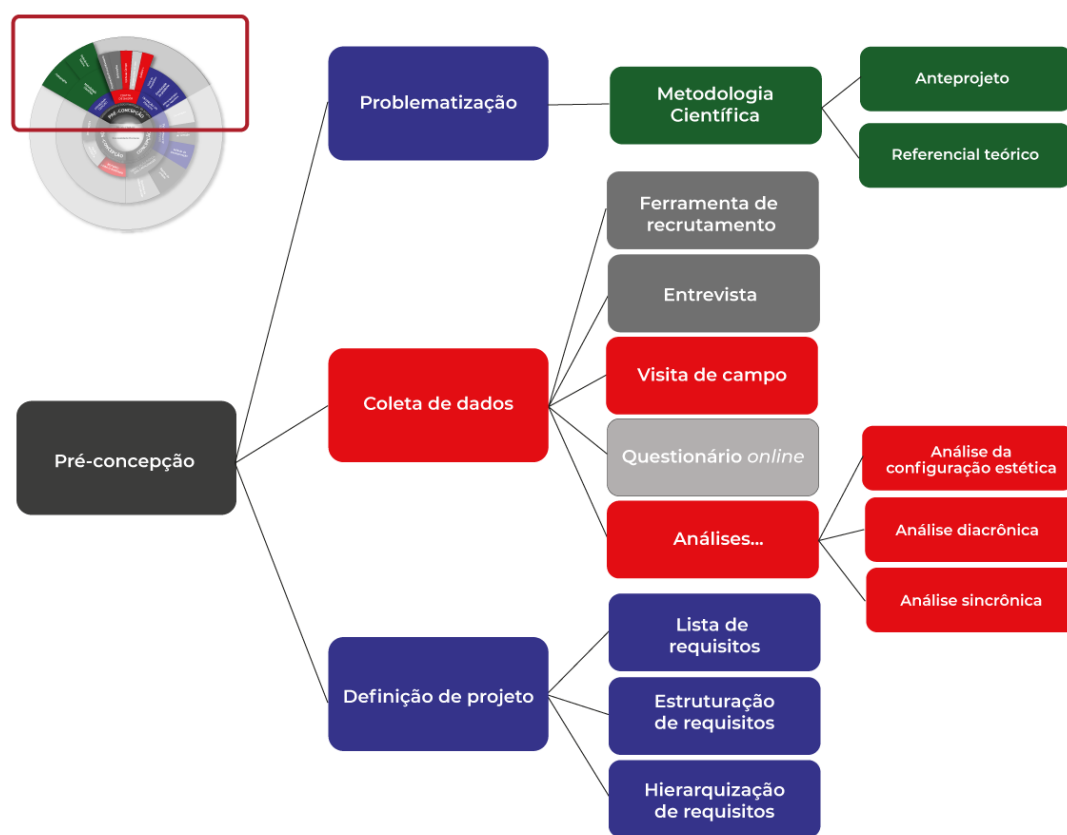
Fonte: Santos (2005, p. 83)

A partir das etapas básicas de PRÉ-CONCEPÇÃO, CONCEPÇÃO E PÓS-CONCEPÇÃO, foram desenvolvidas as atividades mínimas obrigatórias: Problematização, Coletas de dados, Definição do projeto, Geração de alternativas, Verificação rápida da capacidade, Roteiro para o sucesso, Ação Ativista e Feedback.

3.1 PRÉ-CONCEPÇÃO

Para Santos (2005), a etapa básica de PRÉ-CONCEPÇÃO contempla até a parte conceitual do projeto, sendo igualmente a etapa compreendida pelo TCC1. Segue esquema na Figura 18:

Figura 18 - Esquema da Pré-concepção



Fonte: a autora

3.1.1 Problematização

Esta atividade utiliza a metodologia de Bonsiepe (1986), que busca identificar através de três perguntas (O quê? Por quê?, E como?) o problema do projeto. Assim, a pesquisa foi dividida inicialmente em dois desdobramentos auxiliares metodológicos de primeiro nível: a metodologia científica de Prodanov e Freitas (2013). Para elucidar as seguintes questões:

- **Metodologia científica**, quanto a sua natureza, essa pesquisa é de natureza aplicada porque visa desenvolver algum produto de design visual, com objetivos de pesquisa exploratória ampliando o conhecimento sobre design ativista e o indígena em contexto urbano com a coleta de dados bibliográficos e qualitativos:

- **Anteprojeto**, apresenta o planejamento da pesquisa para compreender o problema e para traçar os objetivos onde se propõe a responder as questões que Bonsiepe propôs através da metodologia científica proposta por Pronadov e Freitas (2013), a definição do problema responderia “O quê?”, a justificativa o “Por quê?” e o “Como?” através da metodologia projetual apoiada pela metodologia científica, Pronadov e Freitas incluem também o “Para que?” onde é apontado os objetivos tanto geral como específicos.
- **Referencial teórico**, para aprendizado e levantamento bibliográfico das questões referente ao problema a ser resolvido, organizada em três tópicos principais: design como uma abordagem social, movimentos sociais e resistências urbanas e indígena em contexto urbano.

3.1.2 Coleta de dados

Proposta por Löbach (2001, p. 143) que define: “quando há conhecimento de um problema e intenção de solucioná-lo, segue-se uma cuidadosa análise dele. O âmbito dessa análise depende da abrangência e da importância da solução do problema.” Para dar sequência e aprofundar a coleta de dados, foram realizados:

- **Ferramentas de recrutamento** (*Recruitment Tool*) para selecionar os perfis das pessoas mais adequadas a serem entrevistados para nortear o projeto;
- **Entrevista**¹⁰ (*Interview*) a parte de organização do roteiro e a entrevista com os perfis selecionados;
- **Visita de Campo** ir ao CRIARS conhecer e interagir com os integrantes;

¹⁰ Tradução nossa

- **Questionário on-line** para melhor compreensão e conhecimento do que já foi desenvolvido, tanto em material, ação e linguagem visual, ficou subdividida em quatro atividades de desdobramento auxiliar de 2º nível;
- **Análise diacrônica** serve para verificarmos o que foi elaborado ao longo de um período, sobre um mesmo material ou produto, esta é uma das análises de similares de (BONSIEPE, 1986);
- **Análise sincrônica**, essa é para verificar todos os materiais e produtos em um mesmo período, a fim de uma comparação para identificar semelhanças e diferenças (BONSIEPE, 1986);
- **Análise de configuração estética** é um estudo comparativo fazendo análise de produto, determinando as deficiências e os valores, para estabelecer a melhoria possível do produto em desenvolvimento, demonstrado o estado real dos produtos analisados (LÖBACH, 2001).

3.1.3 Definição do problema

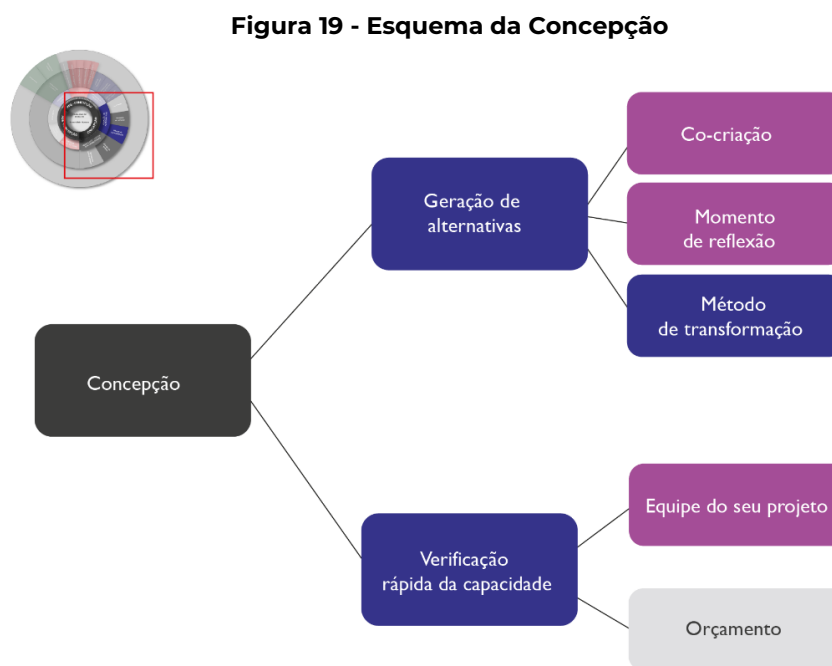
O terceiro e último desdobramento obrigatório desta etapa básica de PRÉ-CONCEPÇÃO serve para definir o conceito do projeto, utilizando a fase de “definição do problema” de Bonsiepe (1986), que consiste em listar, estruturar e hierarquizar os requisitos e atributos necessários para a criação do conceito proposto para o projeto, para isso foi subdividido em três desdobramentos auxiliares de 2º nível, de Bonsiepe também:

- **Lista de requisitos:** elaborar cada requisito por vez, definindo sua relação com a meta que se deseja alcançar e representado em termos qualitativos;
- **Estruturação do problema:** organizar os requisitos por afinidades;
- **Hierarquização dos requisitos:** definir as prioridades após organização.

Finalizando a etapa básica de PRÉ-CONCEPÇÃO a compreensão do problema e desenvolvimento do conceito definido, a próxima etapa básica de CONCEPÇÃO, compreende a segunda parte do trabalho de conclusão.

3.2 CONCEPÇÃO

Esta etapa básica inicia junto com o TCC2, assim como a PRÉ-CONCEPÇÃO possui três desdobramentos mínimos obrigatórios, que também foram adaptados para este projeto, os desdobramentos auxiliares de 1º nível são: geração de alternativas, fase de avaliação e verificação rápida da capacidade.¹¹ Segue esquema na Figura 19:



Fonte: a autora

3.2.1 Geração de alternativas

Para Bonsiepe (1986), a etapa de geração de alternativas, inicia-se com técnicas cujo objetivo é facilitar a produção de um conjunto de ideias básicas, como respostas prováveis a um problema projetual. As técnicas a serem utilizadas:

- **Co-criação** reunião com a comunidade do CRIARS, onde compartilhou-se a primeira fase do trabalho de conclusão. Na segunda parte houve uma

¹¹ Tradução nossa.

troca sobre o que poderia ser realizado na ação e muitas ideias foram geradas a partir da reunião;

- **Momento de reflexão** o momento de exploração as ideias, sem qualquer comprometimento com a realização ou plausibilidade;

- **Método de transformação** analisa as sugestões geradas nas técnicas anteriores e transformá-las ao associar com outras propostas já existentes (BONSIEPE).

3.2.2 Verificação rápida da capacidade

A terceira atividade do desdobramento mínimo obrigatório que faz o fechamento da etapa básica da Concepção, utiliza a técnica proposta pelo HCD da IDEO (2009), verificação rápida das capacidades ¹² (*Capabilities quicksheet*) consiste em analisar a viabilidade e capacidade técnica do que foi proposto no Método de transformação, sendo necessário o desdobramento auxiliar de primeiro nível em duas atividades:

- **Equipe do seu projeto** (*staff your project*) ¹³, adaptado da IDEO para uma formação de uma equipe técnica com os designers que se disponibilizaram a participaram durante as entrevistas da etapa de PRÉ-CONCEPÇÃO, serão convidados a participar da avaliação, através de análises e sugestões das gerações de ideia selecionadas para o projeto;

- **Orçamento** apurar os valores e quantidades possíveis de serem produzidas.

Após a realização de todas estas etapas pode-se passar para a etapa de PÓS-CONCEPÇÃO, para que seja realizada a ação ativista urbana.

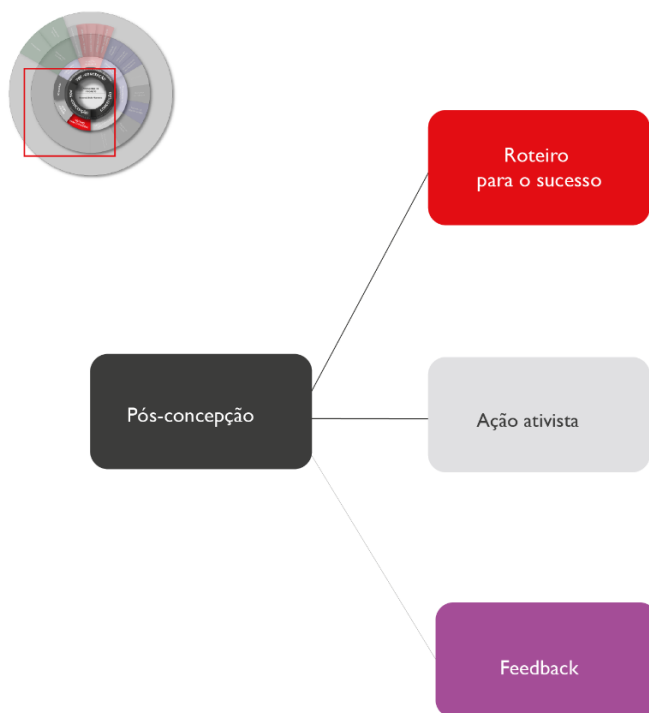
¹² Tradução autora.

¹³ Tradução Google Translation

3.3 PÓS-CONCEPÇÃO

Para Santos (2006), é a etapa após geração de ideias, concretizando o produto. A Figura 20 tem o esquema que apresenta a Pós-concepção.

Figura 20 - Esquema da Pós-concepção



Fonte : a autora

- **Roteiro para o sucesso** ¹⁴ (*roadmap for success*) consiste em um cronograma claro para a realização do projeto.
- **Realização da ação** detalhamento de como foi realizado a ação em comparação ao planejado.
- **Feedback** o que a comunidade do CRIARS achou da ação realizada e sugestões para o próximo ano.

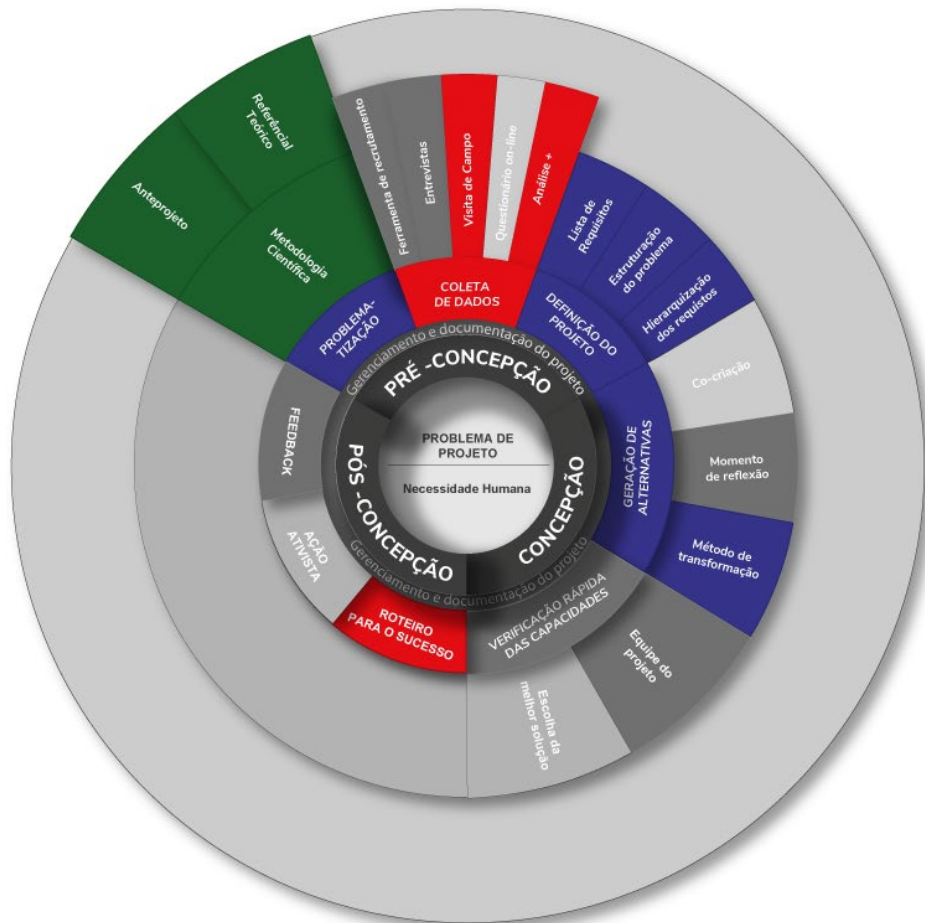
Para IDEO (2009) a implementação não é o encerramento de um projeto, mas sim que o projeto está em constante transformação, encorajando medições

¹⁴ Tradução nossa.

constantemente, validações dando ao projeto impacto para sustentar no mundo real e ao usuário autonomia.

Concluindo a última etapa do círculo da MD3E (Figura 21), temos as etapas e as atividades metodológicas sugeridas para o projeto.

Figura 21 - Atividades de desdobramento mínimo



AUTORES
BONSIEPE (1984)
IDEO_DCH (2013)
LÖBACH (2001)
PRONADOV e FREITAS (2013)
SANTOS (2015)

Fonte: elaborado pela autora

4 PRÉ-CONCEPÇÃO

Nesta etapa houve uma compreensão do que foi visto no referencial teórico, teve-se contato com pessoas designer, ativista ou indígenas, ou até os três juntos, foi utilizado as Ferramentas de recrutamento para levantar esses perfis, pode guiar a Coleta de dados, contou com entrevistas, visita de campo, questionário *on-line* e análises (diacrônica, sincrônica e configuração estética).

4.1 FERRAMENTAS DE RECRUTAMENTO

Na elaboração das entrevistas utilizamos a ferramenta do *design kit* do método HCD da IDEO [2020?], foi adaptada para o uso individual da autora, ao invés de uma equipe de trabalho como é sugerido pela IDEO. A ferramenta sugere que se diversifique as pessoas entrevistadas em idade, gênero, etnia, classe e posição social para compreensão ampla através da abordagem de extremos do público envolvido no projeto. As pessoas foram selecionadas com o propósito de entender o que com perfil a pessoa designer sabe sobre a realidade indígena, selecionando pessoas que atuem como ativista de alguma causa social e assim conhecer, identificar possibilidades ações e pontos necessários do projeto ativista.

As entrevistas foram de caráter anônimo e individual, realizadas através da plataforma *Google Meet* em horário pré-agendado, com duração prevista entre 30 e 50 minutos. Entrevistas foram de natureza qualitativa com roteiro semiestruturado (Apêndice A). Para desenvolver o roteiro, foram elaboradas perguntas focadas para cada perfil, sendo as quatro primeiras comum a todos os perfis e as demais de forma aberta para a entrevista fluir de maneira espontânea possibilitando a pessoa entrevistada trazer questões pertinentes ao tema.

Foram contatadas pessoas designer e pessoas indígenas com perfis ativistas, foram contatadas pessoas¹⁵: uma designer-ativista, uma designer-militante, uma designer-acadêmica, três designers-indígenas, duas indígenas-ativistas e uma

¹⁵ Inserimos um hífen na descrição perfil, ex. designer-ativista, para facilitar a leitura e compreensão que se trata de uma pessoa que possui as duas características.

socióloga. Os contatos foram através das redes sociais, e-mails e *whatsapp*. Obteve-se o retorno positivo com interesse e disponibilidade de participar de quatro designers (acadêmica, ativistas, indígena e militante). Outras três pessoas tiveram interesse, mas não conseguiram disponibilidade. Duas pessoas designers-indígenas não retornaram o contato. Estas pessoas foram selecionadas por indicação de conhecidos ou foram identificadas durante a pesquisa da fundamentação teórica e contatadas.

4.2 COLETA DE DADOS

4.2.1 Entrevista

Os áudios das entrevistas foram todos gravados, com o intuito de preservar o anonimato, não identificaremos o nome e nem gênero, utilizando gênero neutro para se referir a pessoa entrevistada, e tratando como “a pessoa” mais o perfil que a identifica. As entrevistas contidas aqui estão em ordem cronológica de execução. Todas as pessoas entrevistadas se disponibilizaram a participar da etapa de avaliação de proposta do projeto.

4.2.1.1 *Entrevista 1: designer-acadêmica*

A pessoa designer-acadêmica tem 29 anos, vem de uma família de classe média e está cursando mestrado em uma instituição pública. No primeiro momento pensou em abordar a questão indígena, mas devido à pandemia teve que alterar o tema do seu projeto, pois seria necessária uma intervenção presencial com os indígenas, o que não seria possível no contexto pandêmico de 2020. O interesse em pesquisar a relação entre culturas foi sendo construído pouco tempo antes da sua conclusão da graduação, quando começou a estudar propostas de projeto de pesquisa para o mestrado, começou a questionar o que leva na globalização a subalternização do Brasil, procurando entender o porquê da produção brasileira de tecnologia e inovação em design não possuírem relevância internacional. Começou a procurar outras maneiras de observar a diversidade cultural, conflitos e tensões entre culturas, tipos de projeto

que pudessem observar materialidades de formas mais efetivas, e perspectivas epistemológicas para se conectar com o tipo de interpretação e teoria. À medida que foi pesquisando os tópicos foi se aproximando do pensamento decolonial e através dessas “lentes” encontrou uma forma de ver a diversidade cultural que fez sentido para ela e pôde compreender que a forma de materialização da cultura brasileira ocorre de forma diferente e foge do nível de uma produção industrial globalizada e capitalista. Dentro desta perspectiva começaram a surgir opções de pesquisa, inicialmente optou por explorar a possibilidade de trabalhar com imigrantes refugiados haitianos, chegando a fazer parte de um coletivo que acompanha esses imigrantes. Seguindo em sua pesquisa, identificou que a questão de produção material e cultural da comunidade indígena que se mostrou mais rica, considerando mais urgente de solução e trataria da diversidade local brasileira. O contato da pessoa designer-acadêmica com a comunidade indígena ocorreu de forma teórica e com servidores públicos que atuam diretamente com eles, assim foi explorando possibilidades, considerando o que seria mais viável para a produção acadêmica em seu mestrado. Sobre o contato com os indígenas, contou que é sabido pelos acadêmicos que os indígenas são abertos às universidades e estudantes, mas acredita que se tentasse contato indo direto até a comunidade, talvez a recepção não seria a mesma, devido à cobiça da exploração imobiliária, eles estão em constante ameaça de quem possa aparecer em suas terras. Acredita que a receptividade e abertura à comunidade universitária seja devido que os indígenas esperarem desse contato que haja um registro e compartilhamento do seu conhecimento ancestral. Sobre as comunidades indígenas em Porto Alegre, relatou que tem conhecimento de duas comunidades indígenas, mas são longes do centro urbano, uma aldeia se localiza na Lomba do Pinheiro e a outra no Morro do Osso. A primeira comunidade está sendo ‘engolida’ pela cidade, perdendo o seu território pouco a pouco, e a outra fica na área do Morro do Osso que é restrita, todas as aldeias dependeriam das ações civis e doações para se manter, pois não estão conseguindo produzir o artesanato para vender para garantir sua subsistência. A pessoa designer-acadêmica explica que os Kaygangs trabalham com cerâmicas, sendo as cestarias produzidas pelos Guaranis. Os Kaygangs, apesar de produzirem esses materiais, tem

como tradição as cerâmicas que estavam sendo produzidas em uma pequena casa onde a mãe do Pajé criava seus vasos, porém uma tempestade acabou danificando o local e desde então pararam as produções de cerâmicas. Acredita na relevância do tema do projeto da autora, devido ao processo de subalternação que trouxe vários danos a essa população e que o recorte que está sendo dado traz à tona que o indígena não precisa estar na aldeia dentro de uma indumentária indígena para ser um indígena. Aconselha um estreitamento de escopo, um estudo na interculturalidade e foco na co-criação, para não acabar sendo uma designer impondo um projeto a eles, de forma rasa e sem aprofundamento.

Esta entrevista abordou a questão indígena de um ponto de vista acadêmico e oportunizou o primeiro contato com uma visão a questão indígena na cidade de Porto Alegre, com os conceitos de decolonialidade, interculturalidade e principalmente com a ideia de co-criação, os questionamentos e pontuações da pessoa designer-acadêmica, foram relevantes e auxiliaram para contextualizar e direcionar as entrevistas seguintes.

4.2.1.2 Entrevista 2: designer-ativista

A pessoa designer-ativista tem 24 anos, vem de um contexto de classe média, formou-se em comunicação digital por uma instituição privada de ensino, quando começou a atuar profissionalmente a direção de arte foi a área que mais se identificou, já que sempre gostou de desenhar. A pessoa designer e ativista começou a participar de questões políticas no final dos movimentos de 2013, o interesse aumentou ao fazer estágio em um órgão governamental que incentivava o controle civil das ações governamentais, teve contato com colegas que já atuavam em um coletivo, ao se aproximar deles naturalmente se aproximou das pautas políticas. Teve contato com um coletivo A, que ela explica que funciona como um grande guarda-chuva que dentro dele, possui vários outros coletivos. Em 2015, teve a experiência de morar por um mês numa comunidade ativista urbana em São Paulo, que é uma casa coletiva que compõe o coletivo A, nessa casa vivem cerca de 20 a 30 pessoas, onde se divide tudo, as pessoas trabalham com o conceito de caixa coletivo e com trabalho igualmente coletivo. Após um mês retornou para sua cidade para continuar os estudos, mas continuou

contribuindo com o grupo de forma remota. Em 2017, quando concluiu a sua graduação, se propôs a atuar junto com o coletivo A, em abril de 2018 recebeu o convite para trabalhar na campanha de um candidato político, ao final do segundo turno retornou a sua cidade. Em janeiro de 2019 foi montada uma casa temporária do coletivo em outro estado e foi aí que se mudou para lá e desde está vivendo a vida de forma coletiva. A atuação ativista dos designers também tem coletivo específico dentro do Coletivo A, esse coletivo se propõe em ser um modo de fazer e não uma instituição, mas como uma mensagem que qualquer pessoa pode acessar, através da marcação da # (*hashtag*)¹⁶ e não a página ser vista como um pódio, mas um registro da história do país. A pessoa designer-ativista dá o exemplo do dia da visibilidade lésbica, onde foi elaborada uma pauta explicando a origem da data, a motivação e a importância da discussão, a proposta lançada nas redes sociais, ali as pessoas tiveram contato com a proposta e fizeram artes sobre a temática, lançando em suas contas pessoais em redes sociais com a hashtag, acreditando que essa proposta motive as pessoas a se tornarem produtoras de mídia e assim possibilita que a ação chegue em pessoas que talvez não teriam contato com o perfil deles espontaneamente. Esse coletivo de designers já organizou uma série de encontros com pessoas ativistas de todo país, um desses encontros contou com a presença do designer e sociólogo estadunidense David Carson. Mas devido a pandemia tem inviabilizado a realização de outros encontros, mas estão estudando outras possibilidades como viabilizar o evento. A intervenção urbana acontece com a utilização de projeções¹⁷ em prédios utilizando projetos gráficos criado para as redes sociais, que acabam favorecendo as projeções, por serem mensagens curtas e claras, algumas se transformam em lambes, mas são ações que surgem de forma espontânea, não é o foco do coletivo, mas o objetivo é fomentar que cada pessoas façam o seu próprio ativismo. Acredita que é possível atuar sozinho no ativismo, mas a

¹⁶ *Hashtag*, definida como palavra ou expressão precedida pelo símbolo (#) muito recorrente na internet, mais especificamente nas redes sociais virtuais, com diversas funcionalidades. Entre as funções básicas da hashtag estão: fornecer e agregar informações comuns, agrupar mensagens e pessoas que tratam de assuntos comuns; fazer propaganda e promover marcas, campanhas, eventos, além de serem usadas para fins lúdicos, como jogos, brincadeiras e humor. (SILVA, 2017, p. 7). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AX2J6S>

¹⁷ Projeção: utiliza um dispositivo de mídia para efetuar uma projeção de luz com imagens ou vídeos com objetivo de uma intervenção artística em espaço urbano. (SALGADO, 2011).

conexão de um trabalho coletivo é mais potente, já que uma ideia nunca é feita sozinha, ela é composta por várias pequenas partes, em forma coletiva é possível agregar outras que enriqueceriam ainda mais o projeto. A sensibilização de pessoas não é algo que tenha uma regra, que não tem problema fazer um infográfico, mas é preciso saber falar com o emocional das pessoas também. Esse assunto foi amplamente debatido pelo coletivo depois das eleições de 2018, analisando a estética das publicações que circulavam nos grupos de *whatsapp* e redes sociais bolsonaristas, que consideraram um 'design feio', a pessoa entrevistada aponta que até essa colocação de chamar o design de feio foi pensada e questionada pelo coletivo, por ser uma maneira preconceituosa de se dirigir ao que foi feito, pois já que a função do design é comunicar algo e era o que estava ocorrendo nas redes bolsonaristas de forma eficiente, as com as pessoas se identificavam com as publicações e dando credibilidade, seja pela simplicidade e/ou parecer que elas mesmas poderiam ter feito a publicação, gerava uma confiança familiar ao indivíduo. Referente ao tema do projeto da autora, a pessoa entrevistada afirmou que não tinha um conhecimento do tema, mas o que foi apresentado pela autora, sugeriu que poderia ajudar divulgando o Centro de Referência, ou desenvolvendo uma identidade visual para as oficinas ou para esses produtos. Pensar o design como algo transversal, podendo gerar engajamento nas oficinas que acontecem na Ocupação, ou visibilidade ao Centro de Referência, criando uma plataforma onde contasse a história dessas pessoas, analisando de que formas o design poderia resolver o problema ou até mesmo amenizar estas dores, dando o exemplo de criar oficinas como o Xadalu com a comunidade.

A pessoa designer-ativista trouxe um contexto diferente à autora, uma experiência de vida comunitária, o ativismo e suas percepções, vive de forma coerente, o seu engajamento e sua vida são uma só. A vivência dentro de uma comunidade ativista urbana, sem uma forma individualista e sim plural, observando-se que toda vez que referia a algum projeto que estava envolvida era utilizando o sujeito no plural (a gente, nós...). Esta relação remete a vida indígena, que o coletivo vem antes do individual. As experiências de engajamento, projetos narrados, a organização e profissionalismo, mostra que a existência de um ativismo estruturado, desmistificando a visão de

improvisação do ativismo. Trouxe um ponto importante que a pessoa tem que ser sentir envolvida emocionalmente com o projeto, se reconhecer através dele, para apostar nele. E que o ativismo é mais forte dentro de um coletivo.

4.2.1.3 Entrevista 3: designer-militante

A pessoa designer e militante tem 30 anos, bacharel em Design por uma universidade privada e graduando em filosofia, também em uma instituição privada, vem do contexto de classe média alta, é servidor público atuando na educação infantil, militante político há uns cinco ou seis anos. Não se entende como ativista, mas sim como militante, militando pelo socialismo dentro da Quarta Internacional, partido internacional fundado pelo Trotsky. Seu interesse político veio das manifestações de 2013, na graduação mais para o final do curso passou brevemente pelo movimento do DCE e movimento estudantil. Mas o design sempre foi uma ferramenta, um modo de como: fazer, colocar e divulgar os materiais dentro da militância e nas intervenções urbanas, eventualmente atua como freelancer. Não lembra de ter sofrido alguma influência de uma pessoa específica, mas cita Gui Bonsiepe que tratava o design social a partir de outra perspectiva, artista como o Criolo e o poeta marginal Sérgio Vaz, que o chamaram atenção para reflexão sobre certas ideias. No movimento político não teve uma pessoa específica, mas as pautas foram se construindo e o levando para militância. O contato na política com a candidatura da Sonia Guajajara e as ações da APIB (associação dos povos indígenas do Brasil), os teóricos como Karl Marx e o marxismo, no contexto do design e cultura Theodor Adorno. Mas o principal privilégio de ter essa experiência como militante são os movimentos, seja, os de resistências (dos povos originários e do povo negro) ou os de ataque (dos empresários e do agronegócio), afirmar que é fundamental enxergar e entender o que diferencia esses movimentos. Fundou junto com três amigos um coletivo de intervenções urbanas e poesia marginal, atualmente não tem atuado ativamente, já que o coletivo tomou corpo próprio e conta com mais de 50 pessoas para organizá-lo, com integrantes mais engajados e outros nem tanto. Esse coletivo organiza sarau na periferia e intervenções urbanas na cidade, através de lambes. Os saraus são um espaço democrático que todos podem participar,

não só quem organiza como quem vai assistir, uma oportunidade de ouvir e ser ouvido, onde é possível passar uma mensagem, também divulgar poetas e poetisas que não são reconhecidos normalmente. Em 2017, surgiu a vontade do coletivo de organizar festa, junto com alguns dos integrantes do coletivo, deram início a novo coletivo para atuar na produção cultural independente do cenário local, promovendo bandas, no formato de festa, com espaço para promoção cultural de outros artista, há venda de ingressos, bebidas e comidas, não é com intuito de ter lucro, mas de tornar o evento viável, pagar a estrutura do evento, o cachê das bandas e um pouco do trabalho do pessoal que faz o evento acontecer, já que partem do princípio que todo trabalho deve ser remunerado. Além das intervenções com os lambes, conta ter feito pichação em pautas políticas bem pontuais, já que os muros sempre apelam a alguma coisa, sendo uma forma de se comunicar com trabalhadores e trabalhadoras que vivem a cidade seja dentro do ônibus ou transitando pelas ruas, não são as pessoas que ficam encerradas em condomínios fechados e só saem para transitar em um *shopping*. Mas a principal intervenção é com os lambes com poesia, convites para evento, intervenção poética, intervenção política, mesmo com o advento da internet, se faz necessário viver os espaços públicos, já que os muros da cidade são mais democráticos em vários aspectos. A pessoa designer-militante, não lembra de ter contato com indígena em contexto urbano, lembra de já ter visto nas sinaleiras pedindo 'esmola', não sabendo se eles estão em situação de rua ou se vem de uma comunidade indígena próxima para conseguir dinheiro para seu sustento. Vê a relevância no projeto proposto pela autora, aconselha que continue entrando em contato agentes de cultura indígena, para marcar esse direito a cidade cita Marx que o 'dinheiro traz o acesso a cidade', para que possamos entender como é vivida a cidade, que não é feita para todos de forma igual. Afirmou que se interessou pela temática e vai procurar mais informações sobre as comunidades, entender a situação dos indígenas em contexto urbano. Sobre o projeto da autora, sugere a promoção de espaços de escuta, como um meio de oportunizar os não-indígenas a entenderem o contexto do indígena urbano brasileiro. Lembra o trabalho do Xadalu que aborda a situação dos indígenas aldeados, salientando que é urgente dar

uma situação digna, pois quem está em situação de rua esta margem de seus direitos, a outra possibilidade que lhe resta é estar preso.

A pessoa entrevistada designer-militante trouxe pontos muitos semelhantes da pessoa designer-ativista, com experiência em coletivos e uma postura engajada, no caso da pessoa militante, não tem sua renda da militância, mas as duas pessoas entrevistadas tanto a militante quanto a ativista, tiveram seu primeiro contato com a política através das manifestações de 2013, ambas citaram o trabalho do Xadalu, acreditam que um ativismo solitário é possível (mas em coletivo tem mais força) e a questão do indivíduo tem que se identificar com a proposta, sentido que aquilo faz sentido para ela, ou ser um espaço seguro para sua voz.

4.2.1.4 Entrevista 4: designer-indígena

A pessoa designer e indígena, tem 24 anos, bacharel em design de produto e gráfico em uma universidade federal, já nasceu na cidade, os pais nasceram de uma comunidade indígena. Mesmo vivendo na cidade, a mãe passou muitos conhecimentos da cultura indígena, como a culinária, também conseguiu ter um bom contato com a mata, já plantar e colher. Conta que sua mãe é de uma comunidade indígena, mas sua avó paterna também teve o apagamento da sua história, saiu da comunidade aos 4 anos de idade, lembra muito pouco da sua etnia, mas a pessoa entrevistada conta que está atrás do resgate de sua história. Fez uma reflexão sobre o 'em contexto urbano', não sabe dizer se concorda ou não com termo, que esta frase está de construção, *já que a América toda é um território indígena, então o correto é indígena em contexto indígena, porque indígena é indígena em qualquer lugar.* Aponta que como a autora, muitas pessoas têm sangue indígena, mas desconhece sua identidade, tão quanto o termo 'pardo' serviu tanto para tirar a identidade de pessoas indígenas, como das pessoas negras, foi uma forma de apagar etnias e identidades. A pessoa entrevistada atua em um coletivo que visa divulgar obras de escritores indígenas e escritores negros. Perto de onde ela mora tem três aldeias, coladas na cidade, acreditam que as aldeias até conseguem plantar e colher algumas coisas, mas é necessário pegar alguns recursos externos. Conta sobre uma exploração imobiliária que

propôs uma ecovila perto dessas aldeias, que para a construção tiveram que derrubar todo o bioma do cerrado, plantaram vegetação que não eram nativas da região. Relata que recebe muitas ameaças, que viver é um ato de resistência. Que no final do ano de 2019, Paulo Paulino Guajajara foi assassinado porque estava defendendo o seu território indígena, o direito de sua família e preservação da terra, sendo isso um benefício para todos os indígenas ou não, pois hoje só existe área preservada onde os povos indígenas estão, eles são os guardiões da floresta. Para que possa atuar pró-indígenas o ideal é seguir páginas como da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB, APIB, ler escritores indígenas, defender as pautas e a demarcação de terras. Também se situar se enxergar dentro da sua vivência e alteridade do outro, entendendo como uma vivência impacta na vida da outra. Estudar a 'branquitude', já que estão sempre preocupados em estudar os indígenas e os negros, mas nunca analisam sua própria história. Utilizou seu conhecimento em design para ensinar as comunidades indígenas a manusearem câmeras e fazerem vídeos. Identifica que o problema é que o design ainda exerce um papel extremamente impositivo, abordando como se houvesse apenas uma única estética possível, trabalhar a diversidade é um passo muito importante para romper com o colonialismo. Sobre apropriação cultural, a pessoa entrevistada alerta que o não-indígena tem que entender que não é só pegar as coisas como se não tivesse dono, porque quando um indígena pega uma folha é pedido licença, quando entra na mata, também é pedido licença. Não é chegar e sair pegando, mas tratar com respeito, mas o não-indígena tem um pensamento colonial que é só chegar e ir explorando, que se os museus fossem devolver tudo que saquearam de todos os povos, não ia ter mais museus na Europa. A pessoa designer-indígena dá uma sugestão para não errar na abordagem é sempre transpor para outra raça, não se fala de negro em contexto urbano ou negro quilombola, não se usa branco em contexto urbano, assim talvez seja possível ver se não está caindo em uma discriminação, a pessoa entrevistada dá um exemplo de um episódio do *The*

Voice¹⁸, que tem uma indígena participando e Lulu Santos perguntou se ela era indígena 'pura', como alguém perguntasse isso para um branco. E para não cair na questão do fenótipo indígena, pois tem muitos indígenas que não tem cabelo liso, outros não tem os traços, pois os indígenas passaram por um processo forçado de colonização durante todos esses anos que a miscigenação e a colonização atingiram a todos. Sobre o projeto da autora a pessoa entrevistada diz: "Não é dar voz para os indígenas, e sim engrossar ela, pois. existe um caldeirão e deve se temperar mais".

A entrevista com a designer-indígena trouxe o ativismo indígena não só como uma forma de vivência e sim uma forma de preservação de sua cultura, o questionamento se existe mesmo um espaço reservado para indígena, já que a América toda é uma área indígena, que o não indígena tem muitas coisas a aprender com o indígena desde o mais básico como pedir permissão à preservação das áreas como uma forma de preservação do próprio planeta. Que o indígena é tão segregado da realidade do não indígena, que é preciso ficar classificando se é indígena e qual o contexto que ele, como se o seu fenótipo possa definir a sua identidade, pertencimento e sua cultura.

4.2.1.4 Entrevista 5: indígena e integrante da Ocup. Baronesa / CRIARS

Essa é a entrevista era para ser junto com uma visita de campo, infelizmente devido a pandemia e uma série contratemplos, tendo que ser realizada por *whatsapp*, através da troca de mensagens e áudios para atender a entrega do projeto dentro da data estipulada, outras informações para compreensão do contexto da Ocupação e do CRIARS foram retiradas de uma entrevista dada para um portal de notícias. A pessoa integrante tem 39 anos, nasceu fora da aldeia, há vinte e seis anos se envolve com a questão da luta por moradia, para compreender a vida dentro desses espaços, principalmente para os povos indígenas, espaços que são muito isolados e invisibilizados. Questiona por que os indígenas não aparecem, se há mais de 30% dos

¹⁸ The Voice Brasil – é um programa reality show musical onde são formadas quatro equipes lideradas por artistas da música brasileira, essas equipes competem para encontrar quem tem a melhor voz e performance. O episódio em questão foi exibido em 29 de outubro de 2020, que a Thaline Karajá se apresenta pela primeira em busca da seleção para uma das equipes, segue endereço do episódio: <https://globoplay.globo.com/v/8981973/>.

povos indígenas em contexto urbano, mas se as pessoas não buscarem os seus direitos de se autodeclararem os não-indígenas nunca vão saber que elas existem. Conta as dificuldades da autodeclaração, nos lugares onde precisa declarar raça, só é disponibilizado duas opções: ou parda ou amarela. mesmo sendo indígena, mas não vive em uma aldeia, os órgãos não a consideram, que é preciso sempre estar se autodeclarando, se autoafirmando, a maioria das pessoas não se autodeclaram por serem barradas. Na verdade, já querem classificar antes da pessoa falar. Sobre o local da Ocupação de onde foram despejados e depois viram os sobradinhos serem demolidos. A história da região da Baronesa do Gravataí é marcada pela passagem do povo guarani e pela ocupação por negros escravizados libertos e seus descendentes, no século XIX - a partir de 1950, passa por um processo de remoções das populações negras para outras áreas da cidade, o povo negro é retirado daquele espaço e levados para a Restinga, que então era uma zona sem estrutura alguma, tiveram que desbravar o local, porque isso foi imposto. Narra o que aconteceu com a Ocupação Baronesa nesse processo que o povo retoma o seu espaço ancestral e é novamente expulso, violentado e violado de todas as maneiras, a ponto de demolirem os sobradinhos, passarem por cima com a retroescavadeira. A especulação imobiliária, gentrificação, mas também a vida das pessoas não vale absolutamente nada, que a vida das pessoas é nada. A pessoa entrevistada conta que conversou com governo municipal para fazer uma negociação em uma sexta-feira e na quarta-feira seguinte o imóvel foi totalmente demolido. Aquele que era o espaço da prefeitura, também era um espaço do povo, das pessoas que pagam impostos na cidade, o prédio tinha uma relação histórica com a cidade, uma construção de 1926 e mostram que é possível passar por cima de tudo e de todos em função da especulação imobiliária. Naquele espaço onde é a Baronesa, a uma quadra de onde fica o prédio, o quilombo Areal da Baronesa, em que só a rua Luiz Guaranha foi reconhecida como quilombo. Toda aquela área é um quilombo, só que não reconhecido. Quando se iniciou a ocupação, trouxemos a questão do pertencimento, da identidade com aquele lugar. Assim com muitos outros locais aqui em Porto Alegre, por ali passaram os guaranis, a etnia da pessoa entrevistada, depois vem o povo negro, que viveu ali por muitos anos e na década de 50 do século XX começou a remoção

destas pessoas. A moradia é um direito constitucional, é para todos os povos, mas que não é executado, os movimentos sociais de luta popular, quando fazem uma ocupação é porque dentro daquele espaço não está sendo exercida a função social, quando falamos em função social, não se está somente falando da questão da luta por moradia, envolve a questão do acesso, porque se está em um espaço que é centralizado que onde se tem o acesso a direitos básicos: saúde, saneamento básico e educação, então se está habitando onde é o seu lugar, por isso ocupar o espaço onde é a Baronesa, por ser um espaço de acesso e disputa por um território central, que também é de disputa de território ancestral de pertencimento de um povo. A invasão é quando se invade um local que já está habitado, parece que às vezes há falta de compreensão da língua portuguesa entre os indivíduos, que fazem de conta que não entendem, ou que fazem isso para continuar sempre a criminalizar e ofender. Ocupar é ocupar um espaço que está ocioso, que está precisando ser ocupado. O projeto todo da Ocupação Baronesa, vai além da questão de moradia é uma luta por pertencimento, de identidade com aquele lugar. Mas explicando por que a Baronesa é uma ocupação, pois para retomar é preciso ocupar. Em primeiro momento Baronesa prepara o solo e emprega esforços para que em sequência, de modo espontâneo a comunidade indígena urbana encontre um solo frutífero e favorável para seu florescer, atuando então como um Centro de Referência. Sobonfu Somé, educadora e escritora contemporânea, institui que: *“Para criar uma comunidade que funcione, é preciso observar cuidadosamente alguns de seus fundamentos: espírito, crianças, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança e ritual. (...) um círculo de poucos e bons amigos a me perder em uma multidão de pessoas, as quais não ligam umas para as outras.”* O espaço está em disputa jurídica, enquanto isso estão organizando a casa por onde se faz mais urgente, existem várias melhorias a serem feitas, principalmente no telhado, pintura da casa, reparações elétricas e hidráulicas, como estão há um ano e quatro meses, estão se estruturando conforme têm conseguido, mas é almejado a estruturação da casa toda e que se vença a disputa jurídica. O trabalho como Centro de Referência visa unir as pessoas podendo organizar a sociedade civil como tem sido feito até agora, trazendo cesta básicas, produtos de higiene pessoal, limpeza, fraldas do tamanho P, M e G, organizam e levam para os núcleos de mulheres artesãs atendidas pelo centro. A pessoa

entrevistada 5 acredita que a autora precisa ser a pessoa em essência para atuar junto com a Baronesa e caminhar junto com quem está fazendo a sua retomada, assim aprenderem de forma conjunta. Que poderia ajudar somando na comunidade se envolvendo nas ações do Centro de Referência.

A entrevista foi fundamental para compreensão e entendimento, do que significa o direito a cidade, poder estar em uma área central, ter o direito de se identificar, que tudo isso não é uma luta individual e sim conjunta, que pretende cada vez mais empoderar e apoiar indígenas e afro-indígenas.

Para sintetizar a análise dos dados obtidos nas entrevistas foi elaborada o Quadro 3 com a síntese das entrevistas:

Quadro 3 - Síntese das entrevistas

Pessoa Entrevistada	Designer e Acadêmica	Designer Ativista	Designer Militante	Designer Indígena	Indígena Ativista
Indígena em contexto urbano	Indígenas que transitam na cidade para comercializar	<i>Não foi perguntado, mas foi explicado</i>	Pessoas em situação de rua	Não sabe se concorda e a necessidade disso	Indígena que não nasceu na aldeia,
Como sensibilizar ou ajudar	“não falar em nome deles”	Identificação ex. “ <i>design feio</i> ” <i>bolsonaristas</i>	Ser, ouvido, espaço de fala, pertencimento	Sempre se colocando no lugar	Se juntado a causa
Alguma sugestão	Criar e construir coletivamente	Página com depoimentos Oficina Xadalu	Entender melhor a necessidades, para poder atuar	Criar e construir coletivamente	Pertencimento e retomada do território ancestral

Fonte: a autora.

4.2.2 Visita de campo

A primeira visita de campos foi realizada no dia 02 de dezembro de 2020 ao CRIARS, a Cacica Alice foi bem receptiva, atenciosa e disponíveis, a visita teve a duração um pouco mais de 2 horas, também estavam presentes a Raquel e Tuany indígenas em contexto urbano integrante da comunidade. Foi uma imersão sobre o papel da Ocupação Baronesa e a origem do Centro de Referência Indígena-afro, fundamental para a compreensão dos objetivos e ações realizados por eles, parte já transcrita na

fundamentação teórica e anteprojeto. Como o encontro foi no período de férias acadêmicas e devido a identificação com a pauta pela autora, essa se disponibilizou a apoiar o CRIARS em peças gráficas digitais para as suas ações, fora o projeto de ativismo proposto. Ao final da reunião foi solicitado pela Cacica que a reunião fosse transcrita na íntegra (Apêndice B). Isso causou uma primeira impressão de desconfiança ou desconforto em relação ao projeto proposto pela autora, impressão que foi sendo desfeita com os contatos seguintes. Segue no Apêndice C a lista com as atividades realizada pela autora paralelas ao projeto, esse contato foi muito produtivo o que aproximou a autora ainda mais dos integrantes do CRIARS, com o andamento dessa convivência houve um engajamento maior e hoje a autora é parte integrante da comunidade do CRIARS. Um ponto que é necessário destacar, nessa atividade paralela que a Cacica solicitou que não deveria constar nenhum grafismo nas peças gráficas, como a comunidade é multiétnica como cuidado que ocorra que algum grafismo fique de fora.

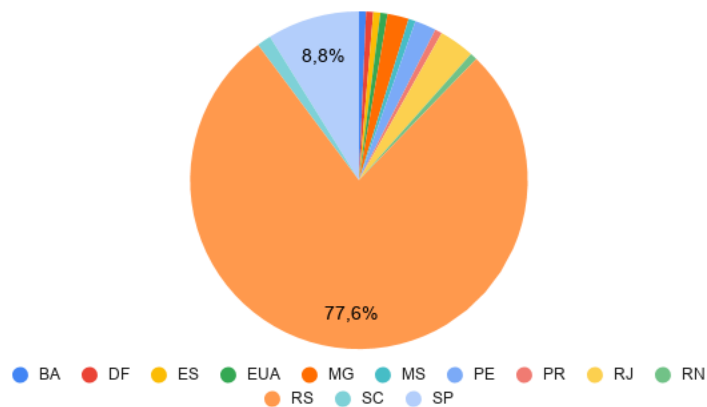
4.2.3 Questionário online

Devido ao contexto pandêmico foi necessário que o questionário (Apêndice D) fosse disponibilizado de forma virtual, o que já segregou o público-alvo, ficou disponibilizado do período de 28/02/2021 a 11/03/2021, sendo divulgado nas redes sociais, nos serviços de mensagens instantâneas (*Telegram e Whatsapp*) e compartilhado por outras pessoas, obteve-se a participação total de 147 pessoas, sendo desse total 26 indígenas, o que representou 17,69% dos participantes. Foram elaboradas perguntas qualitativas e quantitativas, iniciando com perguntas comum a todos participantes até a pergunta “Qual a sua cor?”, neste ponto havia um direcionamento para uma seção específica conforme fosse as respostas, as pessoas se identificassem como indígenas seguiam para uma seção específica e as demais para outra seção (fluxo das perguntas no Apêndice E). O resumo com as respostas obtidas no questionário se encontra no Apêndice F, as planilhas com as repostas individuais dos indígenas no Apêndice G e dos não-indígenas no Apêndice H.

Aqui apresentamos o perfil formado pela maioria das respostas obtidas que foi formado por: 60,5% se identificam com o gênero feminino, 77,6% moram no estado do Rio Grande do Sul (Figura 22), 36,7% têm a idade entre 25 e 34 anos, 42,9% com a graduação superior concluída, 53,75% com a renda familiar entre 4 e mais de 9 salários-mínimos e 64% se autodeclararam de cor branca. É necessário observar que o grupo de pessoas que participaram do questionário não corresponde à realidade da média nacional, mas reflete a realidade acadêmica da autora, que deslocou a média salarial e a escolaridade acima da média nacional, que é confirmado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNDA (2019) do IBGE que apurou que a média de rendimento do brasileiro é de R\$ 2.498 (2,5 mínimos em 2019) e 78% da população tem até o ensino médio.

Figura 22 - Estado dos participantes da pesquisa ^{19*}

Unidade Federal dos participantes da pesquisa:



Fonte: autora

PESSOAS NÃO INDÍGENAS

O questionário buscou verificar com os não-indígenas foram três pontos: verificar o conhecimento da pessoa sobre a sua ancestralidade, se têm contato com indígenas e o que entendem por indígena em contexto urbano. A pergunta sobre a ancestralidade foi organizada de forma que a pessoa de alguma forma refletisse o quanto ela sabe da sua ancestralidade europeia, africana e/ou indígena.

¹⁹ EUA Ier Unidade Federativa Flórida

Foi solicitado que os não indígenas respondessem treze questões quantitativas e duas qualitativas. O perfil da maioria não-indígena que respondeu o questionário: 58,2% por pessoas que se identificam com o sexo feminino, 77,9% de cor branca, 74,6% com ascendência europeia e desses 75,2% sabiam o grau de parentesco, 45,6% com ascendência africana e desses 28,51% sabiam o grau de parentesco, 46,7% com a ascendência indígena e desses 56,1% souberam dizer qual era o seu grau de parentesco, 18,9% responderam conhecer alguma pessoa indígena. E duas perguntas qualitativas, foram lidas as respostas e feito uma nuvem de palavras para identificar os padrões das respostas para cada pergunta:

- Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?

Alguma das respostas recebidas no questionário:

“Marginalizados e verdadeiros donos do Brasil” (homem, pardo, POA, graduado, 25 a 34 anos, 4 e 8 salários-mínimos, ascendência europeia e não sabe as demais)

“Confesso que não sei muito sobre os indígenas. Meu conhecimento se restringe ao que li nos livros de história na escola” (mulher, branca, POA, pós-graduada, 35 a 44 anos, 9 ou mais salários-mínimos, não sabe a sua ascendência)

“Sei muito pouco, reconheço que o que tenho são ideias estereotipadas” (mulher, branca, SP, 25 a 34 anos, graduada com renda de 4 a 8 salários-mínimos, com ascendência europeia e não soube informar se tem indígena)

“São pessoas que vivem isolados e comem o que tem na floresta” (homem, branca, POA, Ensino Médio, 9 ou mais salários-mínimos, somente ascendência europeia)

“São autóctones” (homem, Viamão, graduado, 45 a 59 anos, 1 a 3 salários-mínimos, somente ascendência europeia)

Poucas pessoas apontaram a sua percepção sobre os indígenas, respondendo que sabia o que diziam ter visto na escola ou em notícias, mas a maioria das respostas afirmando que os indígenas são os verdadeiros donos do território brasileiro. Alguns poucos estereótipos aparecem de pessoas que afirmam ter somente ascendência europeia, mas não há instrumentos para validar que seja coincidência, ou por

“Acredito ser alguém que tem origem indígena, mas que vive na cidade, e busca preservar sua cultura” (mulher, branca, Porto Alegre, 35 a 44 anos, pós-graduada, não sabe a sua ascendência)

“Aqui na minha cidade faz um tempo que não vejo eles, talvez por conta da pandemia (tenho saído apenas para o essencial) mas sempre vejo eles tentando se inserir com o artesanato e sendo desprezados e quase invisíveis à sociedade.” (mulher, branca, Campo Bom, 25 a 34 anos, graduada, 1 a 3 salários-mínimos, com ascendência europeia)

“Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.,) do seu habitat natural (natureza).” (homem, branco, POA, 44 a 59 anos, pós-graduado, 9 ou mais salários-mínimos, ascendência europeia e não sabe as demais)

“O urbe, por definição é a mistura (aglomeração) urbana... índios, se saírem do reserva, são mais humanos aglomerados. Devem ser tratados pela regra comum. Alias, todos devemos, democracia, pois não?” (homem, POA, graduado, 60 ou mais anos, 4 a 8 salários-mínimos, somente ascendência europeia)

Foi utilizado novamente o recurso da nuvem de palavras (Figura 24), para análise de palavras, para a maior parte dos participantes eles entendem o indígena em contexto urbano como aquele aldeado que vai a cidade para trabalhar ou estudar, ou até mesmo aquele que se muda para a cidade, mas dão a entender que estes estão deslocados nesse espaço, como se a cidade não fosse para eles, duas pessoas usaram a expressão que esses indígenas estão “fora do seu habitat natural”. Através da nuvem de palavras apresenta o indígena ligado a cultura, a aldeia, sociedade e povo, também palavras como espaço, área, terra e grupo, como se delimitasse o indígena a um local para viver sua cultura, o que dificulta o entendimento que um indígena pode morar na cidade e pode ser indígena sem ter nascido em uma aldeia.

por ser nortista. Era Orientadora de uma escola e a diretora vivia fiscalizando meu trabalho porque vim lá de "cima", e a fama do norte é não ter uma educação qualificada. Também quando passei no Mestrado na UFRGS, ouvi: "eles tem obrigação de dar vaga pra índio". Expressões como: "o que está fazendo aqui, você deveria está no mato"; "Só podia ser índia". E assim por diante." (mulher, indígena, Viamão, pós-graduada, 25 a 34 anos, 1 ou 3 salários-mínimos, ascendência africana)

"Fui muito discriminada pela minha cor na infância qd estudei em escola particular de pessoas brancas, sempre fui revistada em situações de aeroporto, já fui presa por ter comido um pedaço de pão duro que eu joguei no lixo e por isso não paguei, já fui seguida e vigiada em lojas, me confundiam como babá, qd estava com meu irmão mais novo que tem pele e cabelo claros, não me deixaram entrar numa loja pra comprar chinelo pois eu estava descalça (tinha sido roubada na praia), dentre outras situações..."

O que é um indígena em contexto urbano?

"São indígenas que por apagamento ou por terem migrado para cidade perderam seus laços com a aldeia, mas não perderam o seu pertencimento e sua ancestralidade."

"Nasci na cidade, cresci na periferia e nunca morei em aldeia"

Os relatos selecionados mostram que a realidade acadêmica não parece ser tão amistosa como as respostas dadas pelos não indígenas, relatos são fortes apresentam preconceitos em todas as esferas da sociedade da educação básica a academia. O colonialismo, racismo estrutural, xenofobia... pouco apareceram nos relatos dos não indígenas, aqui foram contundentes, seja por consciência desse não indígena saber estar agindo errado, mas não querer assumir ou respondido uma intenção de ação. Mas pelas respostas dos indígenas que a questão da invisibilidade é seletiva para os não indígenas, pois todos os relatos das discriminações sofridas mostram que quando estão em um ambiente são notados, apontados, questionados e sua índole posta em dúvida a todo momento.

4.2.4 Análise diacrônica

Para a análise diacrônica investigou-se movimentos de resistência ao longo do século XX, como uma forma de analisar as motivações e os pontos que deram origem a insatisfação da população a ponto de se organizarem, se identificarem e a busca de se expressar em grupo. Foram analisados em ordem cronológica o PROVOS, o Ateliê Popular e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

4.2.4.1 Provos

A Holanda da década de 60 do século XX, estava em situação estável não havia um marco que desestabilizasse a sociedade, mas contestar o *status quo*, o governo e a sociedade era a urgência de um grupo de jovens anarquistas, o Provos (*provocatie* em holandês, provocação em português) foi um grupo de contracultura que em seu auge contavam com no máximo 20 integrantes. Foram os pioneiros do uso das bicicletas compartilhadas (plano da bicicleta branca), criticavam o automóvel por considerarem o símbolo de status capitalista.

Lançaram sua primeira publicação em junho de 1965, com o seu manifesto:

PROVO é uma folha mensal para anarquistas, provos, *beatniks*, noctâmbulos, amoladores, malandros, simples simoníacos estilitas, magos, pacifistas, comedores de batatinhas fritas, charlatães, filósofos, portadores de germes, moços das estribarias reais, exibicionistas, vegetarianos, sindicalistas, papais-noéis, professores da maternal, agitadores, piromaníacos, assistentes do assistente, gente que se coça e sífilíticos, polícia secreta e toda a ralé deste tipo. PROVO é alguma coisa contra o capitalismo, o comunismo, o fascismo, a burocracia, o militarismo, o profissionalismo, o dogmatismo e o autoritarismo.

PROVO deve escolher entre uma resistência desesperada e uma extinção submissa.

PROVO incita a resistência onde quer que seja possível.

PROVO tem consciência de que no final perderá, mas não pode deixar escapar a ocasião de cumprir ao menos uma quinquagésima e sincera tentativa de provocar a sociedade.

PROVO considera a anarquia como uma fonte de inspiração para a resistência.

PROVO quer devolver vida a anarquia e ensiná-la aos jovens.

PROVO É UMA IMAGEM. (GUARNACCIA, 2001, p. 7-8)

As suas publicações (Figura 25) lançavam uma série de projetos que chamavam de Planos Brancos, desde planos ambientais como o caso das

chaminés brancas que questionava a emissão de gás carbônico, plano da esposa branca que buscavam discutir o papel na sociedade da mulher e seu direitos, outro plano conhecido foi o OKUPA, que devido à crise na habitação em Amsterdam, havia poucos espaços para alugar na zona central, o valor dos aluguéis aumentando devido a especulação imobiliário, o que obrigou a população ter que morar fora da área central, então o Provos lançou o plano da moradia branca, que pintariam de branco as portas de prédios desocupados para sinalizar que os prédios estavam vazios para as pessoas pudessem entrar e morar, a ideia do Provos não era ser algo permanente e sim atuar quando fosse preciso, quando começou a ganhar muita projeção e os integrantes entenderam que o movimento estava perdendo o seu objetivo inicial. E aos poucos foram se dispersando deixando planos que ainda soam modernos (GUARNACCIA, 2001).

Figura 25 - Publicações editadas em 1966 pelo PROVOS



Fonte: Branco (2017)

4.2.4.2 Atelier Populaire

Em março de 1968 estudantes insatisfeitos com o crescente desemprego, com o sistema educacional e com o governo de Charles De Gaulle, começaram mobilizações na França, essas mobilizações são consideradas o marco inicial do movimento estudantil. Em maio 68 continuavam os protestos dos estudantes que começaram em março do mesmo ano, só que em maio foi o início da repressão violenta do governo o que fez outras classes reagirem e começarem a apoiar os estudantes. Os trabalhadores

aderiram ao movimento e os sindicatos convocaram greves gerais. A mensagem “é proibido proibir” era uma das mais populares desse movimento, uma contestação ao conservadorismo da sociedade francesa da época. [SILVA, 2020?]

O Ateliê Popular foi criado quando estes estudantes ocupam a escola de Belas Artes em 14 de maio de 1968 (Figura 26) e utilizaram o Ateliê da escola para fazerem cartazes para as manifestações, organizavam assembleias gerais no Ateliê para pautar a produção dos cartazes para as manifestações nas ruas, contou com mais de 300 artistas e milhares de estudantes. (FONSECA, 2018)

Figura 26 - Atelier Populaire, maio 1968



fonte: Revista Desvio (2018)

Os cartazes (Figura 27) inicialmente eram produzidos por litografia logo substituído pela serigrafia devido a facilidade de replicada do material, eram peças de criação comunitária, não constava assinatura de nenhum artista e distribuídas para população. Os cartazes traziam textos curtos e uma ilustração para contextualizar a mensagem expressa nele. Rangel (2017, p. 107) complementa destacando as frases constantes nos cartazes:

“A imaginação no poder’, ‘É proibido proibir’, ‘O agressor não é aquele que se revolta, mas aquele que reprime’, ‘A anarquia sou eu’, ‘Antes de escrever, aprenda a pensar’, ‘Proibido não colar cartazes’, ‘Eu participo. Tu participas. Ele participa. Nós participamos. Vós participais. Eles lucram.’”

Figura 27 - Cartazes Ateliê Popular



Fonte: <https://twitter.com/johnnybrit>

4.2.4.3 Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, foi fundado em 1997 no Brasil, em busca da Reforma Urbana para conter a especulação imobiliária, combater a propagação de lotes ociosos no meio das cidades e garantir acesso a infraestrutura além das áreas nobres. Se baseia no direito constitucional a moradia e se vale do artigo 5º da Constituição que determina o direito à propriedade está vinculado a uma função social do bem, que imóveis abandonados devem cumprir sua função social. Atuando pelo direito à moradia dos trabalhadores que não tem residência própria e/ou não consegue arcar com os valores de aluguéis, realiza ações afirmativas e manifestações (Figura 28) inspirado no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (MORAES, 2019).

Figura 28 - Manifestação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

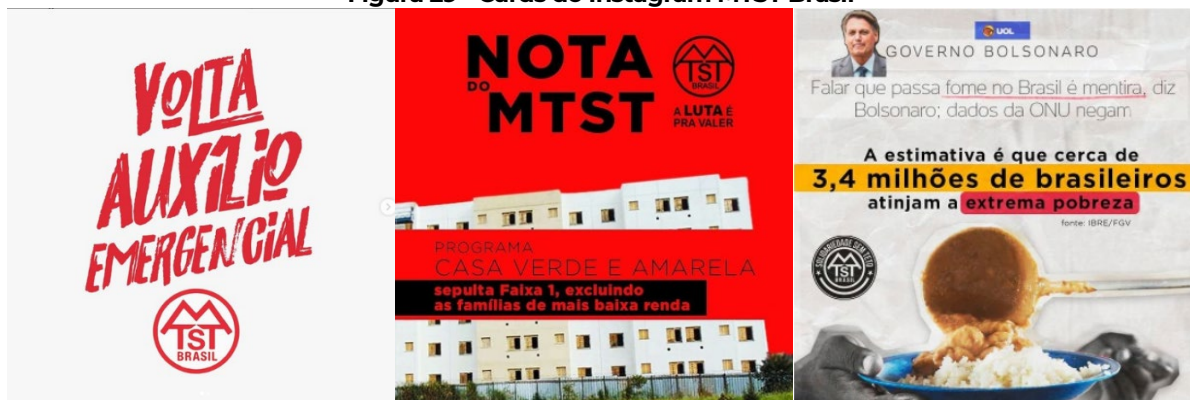


Fonte: Sítio MTST

São utilizados cartazes e faixas com textos curtos em um corpo grande com tipografia sem serifa, também há cartazes feitos em cartolinas com texto escritos a mão, mas continuam sendo textos cursos e com o corpo grande.

O MSTS possui presença digital, nas redes sociais como o Instagram, onde postam cards (Figura 29) informando sobre manifestações, posições políticas e protestos contra o governo. Com textos curtos, com ou sem imagem para rápida leitura e assimilação.

Figura 29 - Cards do Instagram MTST Brasil



Fonte: Instagram do MTSTBrasil

4.2.5 Análise sincrônica

Para a análise sincrônica foram selecionadas três intervenções urbanas que obtiveram impacto positivo em suas ações propostas, uma manifestação que ganhou grandes proporções e um perfil de ativismo digital.

4.2.5.1 Inverso

O Centro de Convivência em Saúde Mental do Distrito Federal, conhecido com o Inverso (ONG em saúde mental), organizou uma oficina externa com os internos. Na primeira intervenção realizada pela ONG foi utilizada mosaicos. A partir de 2015, a oficina utiliza o estêncil e lambes (Figura 30) para ocupar a cidade, deixando mensagens para dialogar com estes locais. Uma ação significativa foi espalhar aos arredores de um hospital psiquiátrico a frase: “Não me abandone aqui”. Marcando a exclusão social, preconceito e esquecimento por parte de suas famílias e do estado na instituição de saúde mental.

(CAMPOS, BALTAR e RESENDE, 2018) Alguns dos estêncis fazem menção a lei 10.216/11, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica.

Figura 30 - Intervenções Inverso



Fonte: https://www.facebook.com/inversodf/photos/?ref=page_internal

A utilização de estêncil e *spray* para marcar de forma fixa a existência destas pessoas nestes espaços além muro de instituições psiquiátricas. O uso da técnica do estêncil também tem um significado na ação a qual essa pesquisa se refere. Mais que a praticidade na aplicação, a técnica de estêncil tem uma relação com resistência e combate.²⁰

4.2.5.2 Que ônibus passa aqui?

Foi uma ação criada pelo *Shoot The Shit* em 2012, foram 50 adesivos espalhados pela cidade, (YOUTUBE, 2012)²¹ que teve uma grande repercussão (Figura 31) surtindo efeito em 2014 quando a Empresa Pública de Transporte e Circulação - EPTC colocou em todas as paradas de Porto Alegre, placas com a identificação das linhas das linhas que passam em cada ponto (PORTOIMAGEM, 2014). Ação ganhou o Brasil e fora também, em Lima e Cidade do México. O projeto foi eleito, pelo jornal britânico *The Guardian*, a melhor ideia para cidades no desafio *The World Cities Day Challenge*. (SHOOT INSTITUCIONAL, 2020)

²⁰ Segundo ARANTES, 2019 apud O MUNDO DO STENCIL, 2011 a técnica do ESTÊNCIL foi amplamente utilizada na Segunda Guerra nos uniformes militares e como forma de propaganda através de intervenções urbanas. Com o tempo sendo utilizado por movimentos vindouros de intervenção como uma forma de resistência e luta.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tMqffZtsKhU>

Figura 31 - Intervenção Shoot The Shit e a ação da EPTC



Fonte: a autora

4.2.5.3 Área indígena

Foi uma intervenção urbana proposta por Dione Martins, conhecido como Xadalu Tupã Jekupé, que propõem o questionamento de um direito legítimo dos indígenas, de estar e transitar pela cidade. A ideia dessa intervenção veio de uma situação apontada por um pajé, que solicitou que Xadalu fizesse alguma coisa, pois os comerciantes do Centro de Porto Alegre não estavam deixando os indígenas trabalharem e venderem seu artesanato. Xadalu conta que ficou pensando e foi em uma viagem ao passar por uma placa de área de preservação ambiental e dali teve a ideia. Associou com a ideia de que todo território é dos indígenas e os colonizadores que tomaram suas terras, então fixou o lembrete com a placa/lambe. Xadalu narra que houve um impacto positivo, pois, muitos comerciantes ao verem os lambes com a mensagem: ATENÇÃO: Área Indígena (Figura 32), pensaram que fosse algo colocado pela prefeitura da cidade e pararam de perturbar os indígenas e que é comum ao andar pelo centro de Porto Alegre encontrar indígenas trabalhando sob as placas, como ali a terra já estivesse demarcada (MARTINS, 2019).

Figura 32 - Intervenção Área Indígena de Xadalu



Fonte: Xadalu -Movimento Urbano (2017)

4.2.5.4 *Black Lives Matter*

O *Black Lives Matter* -BLM ou traduzido para o português, "Vidas Negra Importam" é uma organização que teve origem em 2013 nos Estados Unidos formado por 3 estadunidense: Alicia Garza, Patrisse Culors e Opal Tometi, que após a absolvição de um vigia que assassinou um jovem negro que voltava para casa, mas o BLM só ganhou repercussão após a morte de outros dois negros que estavam desarmados e foram mortos por policiais. A organização voltou aparecer nas manifestações em 2020 após a morte de George Floyd asfixiado por um policial branco em Miniápole. Essas manifestações (Figura 33) ganharam o mundo promovendo o movimento antirracistas, com o objetivo da organização: "erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras" pelo Estado e pela polícia. (ARRUDA, 2020)

Figura 33 - Manifestação *Black Lives Matter* (2020)



Fonte: Erik McGregor/LightRocket por Getty Images via Uol

Então o movimento ganhou ampla adesão da população e adquiriu novas pautas, após ser derrubada estátua de um escravagista, iniciou uma onda em todo mundo de derrubadas de estatuas e monumentos a escravagistas e colonizadores, uma das estatuas derrubadas (Figura 34) foi a de Cristóvão Colombo em Baltimore (PRESSE, 2020).

Figura 34 - Derrubada da estátua de Cristóvão Colombo



Fonte: Correio do Povo (2020)

4.2.5.5 *Design Ativista*

O Design Ativista é uma iniciativa do Mídia Ninja e Idea Fixa, começou com uma proposta de projeto que qualquer criativo visual pudesse ser um ativista e participar, foi

criado como forma de combater as “Fake News” nas eleições de 2018 e também para fomentar a criação livre, informativa e ativista. (MÍDIA NINJA, 2020). Eles acreditam no poder do design como ferramenta de comunicação: “O design é uma ferramenta importante demais pra estar somente a disposição do mercado e dos poderosos” (MÍDIA NINJA, 2020).

Suas ações são divulgadas no que definem como “uma máquina de respostas rápidas e de alto nível estético/técnico”— a tag #designativista (Figura 35) popularizada conta com cards de vários temas ativistas de outros coletivos e por criativos de todo o mundo. Houve um amadurecimento do projeto, começaram a testar novas formas e propostas, estão com projetos de médio e longo prazo com trabalhos de conscientização da população. (MÍDIA NINJA, 2020).

Figura 35 - Imagens retiradas do Instagram com #designativista



Fonte: #designativista no instagram

Todos os similares apontados têm peculiaridades, mas todos agregam ao projeto. Seja a temática de caráter social, a estrutura de suporte midiático com visibilidade, o material empregado para sua realização e o apelo comunicacional. Todos comungam uma conscientização sobre um assunto social, resultaram em impactos positivos na sociedade. No tópico seguinte analisaremos cada um.

4.2.6 Análise de configuração estética

Adaptaremos a metodologia proposta por Löbach (2001), para analisar o material das ações apontadas nas análises diacrônica e sincrônica, organizado no Quadro 4.

Quadro 4 - Análise de similares físicos

	Proposta	Técnica	Suporte	Resultado
PROVOS [ação]	Questionar o status quo	Serigrafia, pintura	Papel, muro, bicicletas	Questionou e propôs soluções para as pautas propostas refletindo até os dias atuais
Atelier Populaire [manifestação]	Protesto e reivindicações estudantes-questionando o sistema tradicional de educação trabalhadores preocupados com o desemprego que só aumentava	Tinta, litografia e serigrafia	Papel, cartazes, paredes	Movimento estudantil organizado, leis trabalhistas
MTST [manifestação]	Conter a especulação imobiliária, combater a propagação de enormes lotes ociosos no meio das cidades e garantir acesso a infraestrutura além das áreas nobres	.Tinta, impressos .Cards online	Cartazes, faixas	Ocupações em áreas centrais para indivíduos que não tem condições de arcar com aluguel.
Inverso (2017) [ação]	Exclusão das pessoas com transtorno psiquiátrico	Stencil e spray	Parede e cartazes	Sensibilização quanto o abandono de pessoas com transtorno psiquiátrico
Que ônibus passa aqui [ação]	Identificar linha de ônibus que passa por dado ponto de ônibus	Impressão gráfica	Adesivo	A EPTC identificou em todas as paradas as linhas que passavam em cada ponto
Área Indígena [ação]	Respeito aos indígenas	Serigrafia	Cartaz (lambe)	Diminuição da hostilização aos indígenas na área central da cidade
<i>Black Lives Matter</i> [manifestação]	Todos contra o racismo, respeito aos negros.	Cartazes e Digital	Cartazes improvisados com papelão ou outro papel e no virtual: cards	Luta antirracista, questionamento de símbolos coloniais

Fonte : a autora.

As ações de intervenção urbana e manifestações mostram a necessidade de estar presente nas ruas e atualmente também nas redes sociais. O uso de cartaz em manifestações ou intervenções urbanas seja com o uso estêncil, lambes e *art stickers* para ações ativismo, que é o foco do ativismo proposto neste projeto, para a ação proposta neste projeto optou-se pela elaboração de lambes e *art stickers* pela possibilidade em ser removido com facilidade, caso ocorresse algum inconveniente, já o estêncil poderia ser apontado como uma danificação de patrimônio público, por ser uma tinta aplicada direta em uma superfície e remoção mais difícil.

4.3 DEFINIÇÃO DO PROJETO

A definição do projeto foi elaborada através do que foi coletado nesta etapa de Pré-concepção quando foram identificadas as pautas dos problemas enfrentados pelo indígena em contexto urbano na sua vivência na cidade. As pautas identificadas foram listadas no tópico a Estruturação de Projeto, mas antes foi necessário definir os requisitos que avaliariam a importância de cada pauta para assim identificar quais eram mais urgentes, e desse modo, orientar a sua hierarquização por prioridade

4.3.1 Lista de requisitos

Os requisitos para avaliar a prioridade de cada pauta foram definidos em conjunto com a equipe do CRIARS, para corresponder à demanda do Centro de Referência. Proposta realizada a partir dos conceitos chave:

- **Identificação** do indígena em contexto urbano, tanto pelo seu direito legal da autodeclaração;
- **Retomada** do território ancestral em busca do direito ancestral e direito a cidade, afinal não são eles os verdadeiros donos da América?
- **Pertencimento** decorre pela identificação com seu espaço e com os outros indígenas, esse sentimento que sua existência é fundamental e a cidade também foi feita para ele.

Esses conceitos chave passam a requisitos temáticos para estruturação e hierarquização:

1. Identificação do indígena em contexto urbano;
2. Retomada do território ancestral;
3. Pertencimento.

4.3.2 Estruturação do projeto

Para estruturar o projeto desenvolvemos o Quadro 5 para identificar as prioridades da ação e assim, hierarquizá-las. Nas colunas identificamos com a letra "C" - questões levantadas pelas pelo CRIARS, e "P"- pesquisa, para prioridades verificadas na coleta de dados nas entrevistas, questionários, análise de similares e fundamentação teórica. Para aferir o grau de importância foi indicado o valor de 1 ponto cada vez que a pauta foi identificada. A última coluna apresenta o total alcançado por cada pauta listada.

Quadro 5 - Hierarquização das Pautas do CRIARS

Problemas	Identificação	Pertencimento	Retomada	
Agregar os indígenas as pautas racistas;	PC	PC	PC	6
Desconstruir a imagem que indígena deixa de ser indígena como se a vivência a cidade apagasse sua cultura.	PC	PC	PC	6
Direito a autodeclaração;	C	C	C	3
Direito a cidade;	PC	PC	C	5
Direito ancestral ao território;	PC	PC		4
Indígenas são hostilizados pelos não indígenas por não estarem na aldeia;	P	PC	PC	5
Indígenas sofrem preconceito e racismo no contexto urbano;	PC	PC	PC	6
Indígenas urbanos são destinados a trabalhos de serviço;	P	P	P	3
Indígenas urbanos são destinados a uma situação periférica;	PC		P	3
Indígenas urbanos sofrem preconceitos dos aldeados;	PC	PC		4
Promover o indígena em contexto urbano reconhecimento de sua identidade e sua cultura;	PC	PC	P	5
Provocar sentimento de alteridade no não indígenas a realidade do indígena urbano;	P	PC	PC	5
Sentimento de não pertencimento - "pardo";	PC	PC	P	5
Valorização do indígena;	PC	PC	PC	6
Visibilidade dos indígenas em contexto urbano como indígenas.	PC	PC	PC	6

Fonte: a autora

4.3.3 Hierarquização dos requisitos

Para verificar a prioridade dos problemas listados, o Quadro 6 organizou a soma de forma decrescente, para melhor visualização.

Quadro 6 - Hierarquização decrescente dos problemas

Problemas	Identificação	Pertencimento	Retomada	Soma
Agregar os indígenas as pautas racistas;	PC	PC	PC	6
Desconstruir a imagem que indígena deixa de ser indígena como se a vivência a cidade apagasse sua cultura;	PC	PC	PC	6
Indígenas sofrem preconceito e racismo no contexto urbano;	PC	PC	PC	6
Valorização do indígena;	PC	PC	PC	6
Visibilidade dos indígenas em contexto urbano como indígenas;	PC	PC	PC	6
Direito a cidade;	PC	PC	PC	6
Direito ancestral ao território;	PC	PC	PC	6
Indígenas são hostilizados pelos não indígenas por não estarem na aldeia;	P	PC	PC	5
Promover o indígena em contexto urbano reconhecimento de sua identidade e sua cultura;	PC	PC	P	5
Provocar sentimento de alteridade no não indígenas a realidade do indígena urbano;	P	PC	PC	5
Sentimento de não pertencimento - "pardo"	PC	PC	P	5
Indígenas urbanos sofrem preconceitos dos aldeados;	PC	PC		4
Direito a autodeclaração;	C	C	C	3
Indígenas urbanos são destinados a trabalhos de serviço;	P	P	P	3
Indígenas urbanos são destinados a uma situação periférica.	PC		P	3

Fonte: a autora

O procedimento do Quadro 6 de hierarquização identificou as pautas com maior pontuação, 6 pontos, sendo definidas como prioritárias:

- Agregar os indígenas às pautas racistas;
- Desconstruir a imagem que indígena deixa de ser indígena como se a vivência a cidade apagasse sua cultura;
- Direito à cidade;
- Indígenas sofrem preconceito e racismo no contexto urbano;
- Valorização do indígena;
- Visibilidade dos indígenas em contexto urbano como indígenas.

Concluindo a Pré-concepção, encerramos a etapa com o levantamento de 15 pautas que podem ser abordadas na ação de ativismo prevista no Projeto. Após o levantamento dessas pautas, foi feita uma hierarquização de prioridades a fim de definir quais pautas são mais prioritárias sendo as demandas do CRIARS, para serem contempladas no Projeto.

Assim, foram empregados 3 requisitos temáticos verificados durante a coleta de dados nessa etapa de Pré-concepção: Identificação do indígena em contexto urbano, Retomada da terra ancestral e Pertencimento à cidade- para identificar as pautas mais prioritárias. Essa definição foi realizada pela pesquisadora em conjunto com a equipe do CRIARS.

No próximo capítulo, apresenta-se a etapa de Concepção.

5 CONCEPÇÃO

A fase de concepção é quando se dá continuidade à ação desenvolvida. Como o próprio nome, nesta fase as ideias são fertilizadas, dividindo-se em 2 etapas: geração de alternativas e verificação rápida das atividades.

5.1 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

Nesta etapa foram desenvolvidas alternativas de peças gráficas para o uso na ação que se trata de uma intervenção urbana com produção de: lambes, adesivos, cards para a internet e projeções como respostas prováveis ao problema enfocado. No Momento de Reflexão foi realizada uma reunião presencial de co-criação com integrantes do CRIARS para discussão sobre as peças a serem desenvolvidas, com várias ideias e sugestões para a ação. No método de transformação, selecionamos imagens para o desenvolvimento de quadros para inspiração, estudo de frases e sketches para desenvolvimento de alternativas das peças gráficas visuais. Chegando na Verificação rápida de capacidades, para validar as criações com designer e fazer o orçamento para definir o que será necessário produzir e o tempo necessário

5.1.1 Co-criação

. Reunião com os integrantes do CRIARS no dia 19 de março de 2021:

A reunião com os integrantes do CRIARS iniciou com um feedback da análise do relatório da Etapa de Pré-concepção, compartilhado anteriormente via aplicativo de mensagens instantâneas e entregue uma cópia impressa com os pontos citados sobre o CRIARS. Nesta reunião foram apontadas correções necessárias no texto, para melhorar a compreensão de algumas ideias sobre a instituição que não estavam claras no relatório. Foi discutido sobre a confusão da nomenclatura do centro de referência (que se chamava Centro de Referência Afro-indígena do RS) já que sua nomenclatura e ação são voltadas para a visibilidade de indígena, afro-indígena e indígena-afro, seria necessário um reposicionamento do nome, pois como afro-indígena poderia ocorrer má compreensão ou até confusões, já que o

Centro de Referência **tem o foco nos indígenas e indígenas com ancestralidade africana**, seria necessário realocar a palavras “indígena” antes da palavra “afro”. Este assunto ficou pautado para votação em sua próxima reunião com os membros da comunidade. Ao informar aos integrantes do CRIARS o planejamento da ação ativista, que abrangia a produção das peças gráficas (cartazes lambes e adesivos), o material para veicular nas redes sociais e a projeção, iniciou-se a troca de ideias conforme segue:

- Foi destacado a potência da frase presente na fundamentação teórica: “Não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia”;

- Uma **sugestão foi fotografar** um indígena com traje urbano e o mesmo com os trajes tradicionais indígenas, a partir dessas fotografias montar uma única imagem, desse mesmo indígena vestindo metade como os trajes tradicionais indígenas e a outra metade com traje urbano, representando que a essência é a mesma o que muda são as vestes, mas o indivíduo e a sua cultura se mantem a mesma. Foi apresentado um exemplo similar foi a ilustração na capa do “Quebrando Preconceitos. Construindo Respeito: Luta e Resistência dos Povos Indígenas no Brasil” (Figura 36). Sendo aprovada por todos ficou com o CRIARS a execução da foto, para montagem da arte pela autora. Para compor essa arte foi sugerida colagens ao fundo representando a cidade e a realidade deste indígena nela;

Figura 36 - Quebrando Preconceitos. Construindo Respeito



Fonte: Comin.org.br

- Para os **adesivos** foram sugeridos placas e cartazes já conhecidos pela população de Porto Alegre, tais como "concerto gaita", "trago seu amor em 3 dias" e "detetive Aline". O mote dessa proposta foi supor que esse recurso proporcionaria melhor compreensão, uma vez que o contato do público com adesivos e lambes é muito rápido. E, ainda o humor resultante da troca de texto, explorando os modelos aqueles já conhecidos pelos porto-alegrenses, seria uma estratégia criativa para atingir até mesmo as pessoas mais refratárias ao ativismo. Foi sugerido frases como: Pensamento Colonial Concerto e Trago seu Amor Étnico em 3 dias;

- Outro aspecto discutido durante a reunião foi o objetivo da ação a ser promovida, o grupo considerou que a **identificação**, o sentimento de **pertencimento** e a **retomada** do território ancestral, sendo definido como os conceitos chaves da ação;

- Destacaram também a frase ou título da campanha: Resistir para Existir;

- Com a proximidade do abril indígena e das datas do dia de luta indígena (19 de abril) e os 521 anos da invasão colonial (22 de abril) ficou definido que a ação ocorreria durante esses dias. Essa decisão implicou numa alteração no ritmo das etapas do projeto, com uma restrição de tempo pois os materiais deveriam ir para produção até o dia 9 de abril para produção, sendo que até a produção o projeto teria que cumprir as etapas do momento de reflexão, o método de transformação, verificação rápida das capacidades com a apresentação das peças para as pessoas designers entrevistadas e a realização de orçamento para execução do projeto. Segue a Figura 37 com os participantes da co-criação, da esquerda para a direita, Tuany, a Cacica Alice, a autora e Ezequiel:

Figura 37 - Participantes da reunião de co-criação



Fonte: a autora

5.1.2 Momento de reflexão

O momento de reflexão (*gut check*) uma ferramenta proposta do *design kit* da IDEO [2020?], não tem o compromisso com a plausibilidade e/ou implementação, e sim em extrapolar as ideias e torná-las mais promissoras e realizáveis para a ação,

Começando com o levantamento de dados selecionando imagens da cidade: placas e bairros para uma visualização e contextualização das possibilidades, sendo elaborado o Quadro 7 com algumas dessas imagens:

Quadro 7 - Imagens da cidade de Porto Alegre



Fonte: a autora

Para estruturar as colagens foram pesquisadas técnicas de colagem para inspiração e identificação de padrões necessários para a utilização da técnica (sintetizados no Quadro 8, podendo observar que há um ponto de contraste de cores, uma cor base ou uma paleta bem contrastante e diversificada. Algumas colagens possuem muita informação visual, como texto e o uso de várias imagens,

enquanto outras mais limpas, com pontos de respiro com poucas imagens recortadas focadas ao centro. Em todas há uma pessoa em destaque, sendo ela o tema da colagem. O tamanho da tipografia, em sua maioria, é pequeno em relação as imagens, possivelmente por serem executadas para interfaces digitais e/ou para ambientes internos, o que contrastaria com os cartazes usados na rua em manifestações, como tratados nas análises de similares, com uso de tipografias em dimensões grandes em relação ao conteúdo das imagens, possivelmente para leitura de mais pessoas, como um grito que possa ser ouvido pelas pessoas próximas e as mais distantes.

Quadro 8 - Referências visuais de colagens



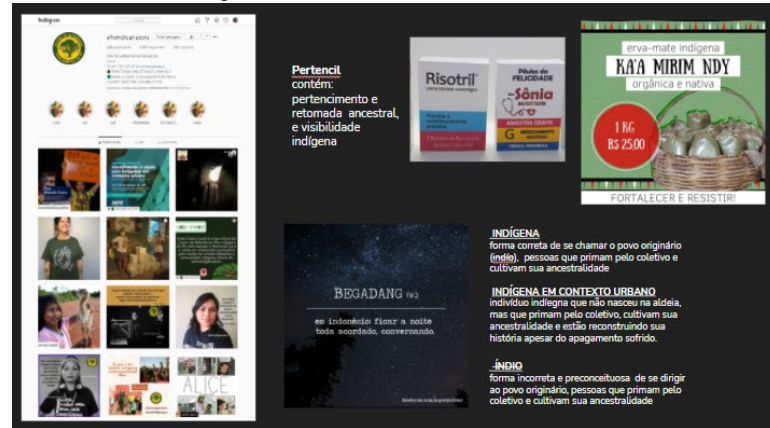
Fonte: a autora

Para inspiração dos cards para as redes sociais e para as projeções, observou-se posts no Instagram do CRIARS para verificação da linguagem visual e tom de voz usados, também buscamos outras opções que poderiam funcionar de forma educativa, como memes das redes sociais que explicam o significado de alguma palavra, podendo trabalhar as palavras como: indígena, indígena em contexto e índio, explicando: o que é, porque usar ou não tal palavra. Nos cards do Instagram do CRIARS lê-se uma voz ativa e emponderada, apresentam cards de ações afirmativas: suas, de colaboradores e/ou parceiros, identificando o uso de fotos junto com texto, também o uso da ferramenta Canvas²² para a criação das

²² Canvas – Ferramenta online que disponibiliza *templates* editáveis para que empresas ou pessoas utilizem já com um padrão tipográfica, malha e artes pré-estabelecidos. Disponível em: <https://www.canva.com/>

artes e repostagens de *cards* de terceiros. O Quadro 9 traz a página do instagram e algumas sugestões de card:

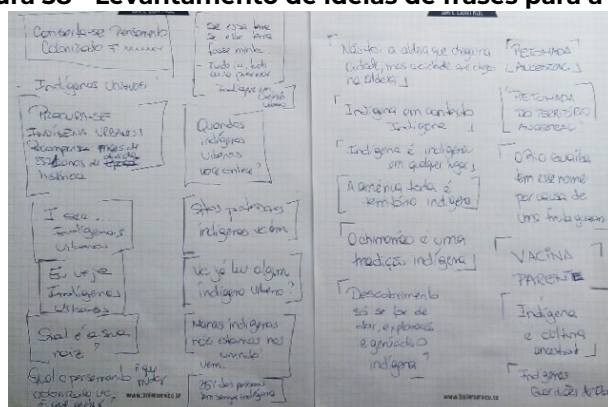
Quadro 9 - Cards e rede social



Fonte: a autora

Considerando os objetivos visados nesse TCC, a redação e seleção de alternativas de frases para veicular nas peças gráficas e digitais a serem desenvolvidas devem conter frases que estimulem um pensamento do indígena, de sua posição na sociedade e demarcando o espaço como legitimamente seu, que esse indígena possa perceber que não está só. E, por outro lado, ao não indígena, o material deve provocar o autoquestionamento sobre a realidade vivida pelo indígena urbano. Foram elaboradas frases (Figura 38), como possibilidade de uso nas peças gráficas e digitais a serem desenvolvidas, não denominado de *Brainstorm*, pois não foi um processo totalmente livre, havia uma seletividade no que foi sendo criado a partir do que foi compreendido durante a fase de coleta de dados junto aos entrevistados, e o aprofundamento na temática enfocada. Assim, muitas frases foram sendo descartadas antes de irem para o papel.

Figura 38 - Levantamento de ideias de frases para a ação



Fonte: a autora

Para selecionar as frases agrupamos as semelhantes, selecionamos as que causariam impacto, possivelmente de fácil assimilação e que melhor preencham os requisitos de identidade, pertencimento e retomada ancestral para desenvolver lambes e *art stickers*, que foram a prioridade pois além do tempo da criação das artes, necessitavam de 10 dias para produção e entrega do material. Foram feitos alguns *sketchs* (Figura 39), com as ideias geradas com os integrantes do CRIARS.

Figura 39 - Sketchs para lambes ou art stickers



Fonte: a autora

Os adesivos foram concebidos para serem utilizados em uma referência a algum cartaz/lambe (Quadro 10) presente na cidade para uma leitura rápida e ‘humor’, como uma intervenção em um símbolo popular da cidade. Esses cartazes costumam ficar em locais com grande fluxo de pessoas. Segue alguns estudos dos adesivos para a visualização e viabilidade, foi utilizado a tipografia Brasileiro por ser projetado a partir de textos vernaculares da cidade, como uma sugestão de fonte a ser utilizado no

“Conserta-se Gaita”, apesar da baixa similaridade tipográfica com o texto da placa o que realmente inviabilizou foi o texto, pois na placa o título consta 5 letras, e a sugestão ultrapassava de 10 letras, o que tiraria o sentido da “releitura proposta” já que dificultaria a lembrança para memória visual, a sugestão passaria a só uma nova mensagem que possivelmente diminuiria sua fixação e enfraqueceria a mensagem. Com a placa “trago seu amor de volta” alternativa inicial apontada na reunião de "amor étnico" foi trocada por "orgulho étnico", como um valor importante para esse indígena invisibilizado e silenciado na cidade, como um reforço da sua raiz e um direito de estar presentes na rua. Assim a mensagem começando com: INDÍGENA EM CONTEXTO URBANO, a visibilização de indígenas e não indígenas, apostando num questionamento do porquê se reservar ao espaço que o não indígena lhe confere, do que estão se escondendo e esconde suas raízes, atuando nessa discriminação sentida na pele, em vez de fortalecê-la, não seria melhor empoderar-se de sua história e se mostrar presente na cidade.

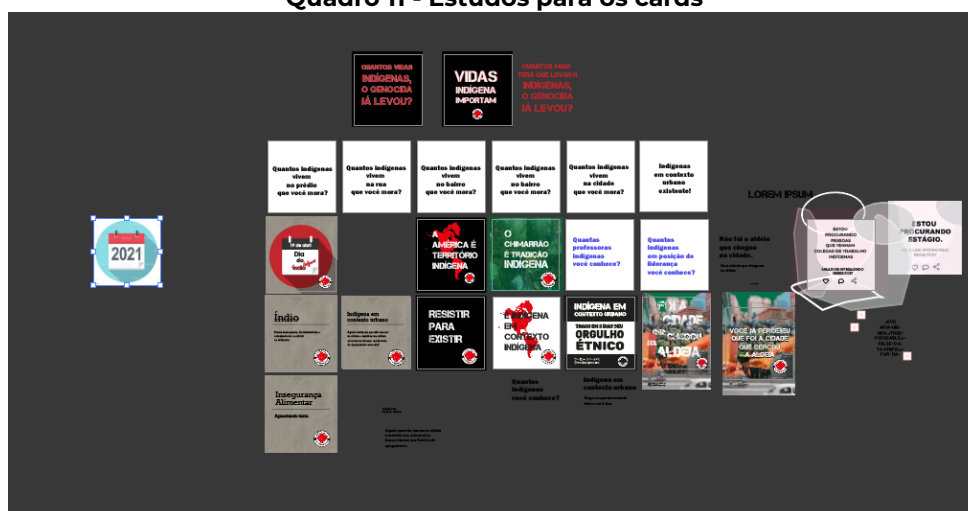
Quadro 10 - Explorando ideias para os adesivos



Fonte: a autora

Nos estudos para os cards (Quadro 11) foram utilizadas algumas das propostas criadas nos outros dois formatos demonstradas anteriormente, as frases foram desenvolvidas ou citadas neste projeto, foi projetado diretamente no Illustrator sem sketches anteriores.

Quadro 11 - Estudos para os cards



Fonte: a autora

Ao final e esgotamento das possibilidades foi possível avançar à próxima fase.

5.1.3 Método de transformação

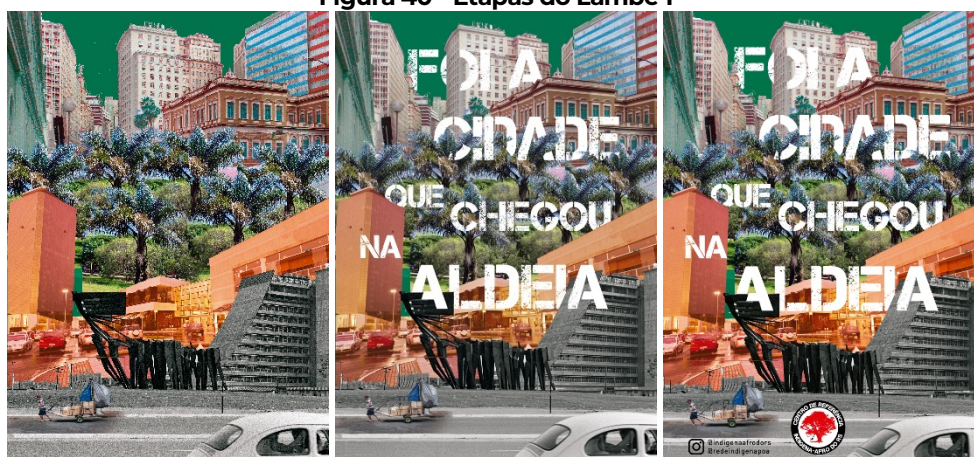
Nesta fase foi previsto produzir 100 unidades de um modelo de lambe no formato A3, 200 unidades de um adesivo no formato até 5x5mm e quantos cards forem necessários para as redes sociais e para as projeções. Também foi organizada a ação de acordo com o cronograma previsto com as datas da realização da intervenção urbana. Como o prazo apertado e o tempo para o desenvolvimento das artes, o CRIARS não conseguiu realizar as fotos para colagem, devido ao pouco tempo e várias ações em curso. Desse modo, a ação foi constituída por 3 propostas de lambes, 2 de adesivos e 16 de cards.

LAMBE

Lambe 1 - Colagem (Figura 40): Caráter de conteúdo: escolhido como tema deste lambe a frase retirada do título do trabalho: “Indígenas no espaço urbano: não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia”, de Aguiar, Klintowitz e Correia (2020), que foi a frase destacada durante a reunião de co-criação. Para destacar a mensagem nas ruas, teria que ser utilizado um texto que possibilitasse a leitura tanto perto como de longe, o que necessitaria que o texto fosse mais curto, então a frase “não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia” passou por uma

releitura e ficou “Foi a cidade que chegou na aldeia”, apontando a ação invasora do colonizador. Manteve-se a colagem, mas foi necessário achar uma imagem que simbolizasse os indígenas, então optou-se pela utilização da Pindó²³, uma palmeira sagrada para os povos indígenas da Mata Atlântica. Para a construção desse cercamento da cidade à aldeia, mantiveram-se as colagens da cidade, para estas colagens foram selecionadas: a **imagem do centro de Porto Alegre com o foco a Prefeitura** (onde está o marco zero da cidade), o Mercado Público local de comércio diverso da cidade, para contraponto a **imagem do shopping center de elite da cidade** e foi retirada a parte da fachada com o nome para haver problemas com uso de imagem, uma imagem **da década de 1970 do Centro Administrativo**, quando estava em construção uma foto tirada do ponto de vista da ponte de pedra que marca desembarque do português colonizadores da cidade de Porto. Após toda estrutura (uma moldura) de prédios, cimento e veículos, utilizou-se a imagem da palmeira Pindó ao centro do cartaz multiplicada representando a aldeia cercada pela cidade e também foi colocado um catador de reciclagem bem a frente, marcando que esse é o espaço destinado aos indígenas nesta cidade, o espaço periférico, de subempregos e invisibilizados, por isso as únicas imagens com a cor original das Pindós com um pequeno registro de céu azul entre as folhas e a o do catador, as outras imagens estão em outras tons para marcar a distorção de uma realidade presente na vida desses indígenas.

Figura 40 - Etapas do Lambe 1



Fonte: a autora

²³ Pindó – é uma palavra de origem guarani, que é uma palmeira sagrada, destacada no texto em guarani para reforçar a importância dela aos indígenas.

A tipografia escolhida é a *Capture it* por ser uma fonte que simula o uso estêncil com uma tinta passada rapidamente, com já visto é um estilo que remete a luta e resistência, como é proposto neste projeto. A intenção que este lambe comunique aos indígenas que essa cidade sempre foi deles, reforçando o seu direito a ela e gerando o questionamento pelo seu direito ao território ancestral. Para não indígena tão acostumado e absorvido pela realidade sua realidade urbana, como se tivesse sido plantado o concreto e crescido prédios, símbolo de sua “evolução”, então ao deparar com este lambe provocar a reflexão o que foi feito com a aldeia, que já existia populações aqui antes da expedição de invasão colonizadora dos casais portugueses de Porto, situação muito bem descrita no texto do Cacique Cirilo que apresentado anteriormente neste projeto, que os não indígenas foram vendo a chegada desses povos e tomando o espaço aos poucos, quando viu a destruição de sua vegetação, a destruição de seu território e da sua árvores com seus frutos sagrados. Segue Quadro 12 com a ficha técnica do material:

Quadro 12- Ficha técnica do Lambe 1

Aspectos técnicos	
Desenvolvido	Photoshop e Illustrator
Fonte principal	Capture It
Fonte de apoio	Din
Tipo de papel	Offset 90g/m ²
Medida do papel	300 x 420mm (A3)
Sistema gráfico	CMYK (4x0)
Processo de impressão	Offset
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	não

Fonte: a autora

Lambe 2 -releitura placas (Figura 41): Apesar de ter sido pensado no primeiro momento como adesivo, possivelmente complicaria leitura pelo tamanho proposto, então adaptou-se para o formato de lambe (300x420mm) para ser um lambe, utilizando-se o texto já conhecido do serviço que as ciganas vendem prometendo trazer seu amor em 3 dias. Passando por uma releitura, para abordar a questão de identidade fortalecendo e marcando o espaço do indígena urbano a proposta ficou: “Indígena em contexto urbano, trago o seu orgulho étnico em 3 dias” e o telefone do CRIARS. Quando apresentado para os integrantes em reunião online, solicitaram que fosse usado o endereço da instituição, como uma maneira de evitar trotes, pois o telefone que eles utilizam para a divulgação atualmente é o da Cacica.

Figura 41 - Lambe releitura de placa



Fonte: a autora

Foi utilizada a DIN por ser uma tipografia desenvolvida para sinalização de ambientes, possibilitando uma boa leiturabilidade da mensagem, manteve-se a estrutura do texto dividido em preto e branco para destaque do conjunto de informações, utilizando o preto nas pontas para dar o fechamento no lambe. A proposta é contribuir ao empoderamento do indígena em contexto urbano, para que se reconheça, se empodere, veja que seu espaço na cidade está sendo visibilizado, buscado e marcado, que não está isolado, que tem outros iguais a ele, lutando por este espaço. E que se ele quiser integrar o movimento, participar e/ou conhecer, já sabe aonde ir. E, para os não indígenas, quando visualizarem o material sejam estimulados a refletir sobre a realidade do indígena. Quadro 13 com a ficha técnica:

Quadro 13 - Ficha técnica do Lambe 2

Aspectos técnicos	
Programa utilizado	Illustrator
Fonte principal	Capture It e DIN
Fonte de apoio	DIN
Tipo de papel	Offset 90g/m ²
Medida do papel	300 x 420mm (A3)
Sistema gráfico	CMYK (1x0)
Processo de impressão	Offset
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	não

Fonte: a autora

Lambe 3 - meta CRIARS (Figura 42): Esse é o lambe que aborda diretamente a luta do CRIARS, é o de embate, provocador, trazendo a frase: RESISTIR PARA EXISTIR, agregando como se fosse um subtítulo o complemento: PERTENCIMENTO E RETOMADA DO TERRITÓRIO ANCESTRAL. Primeiramente se cogitou utilizar a imagem da Cacica, imagem recortada de manifestação na frente da Prefeitura Municipal, com cocar e traje urbano uma imagem que marca a luta dos indígenas em contexto urbano por seus direitos. Feito uma segunda versão com a imagem com a sede do CRIARS ao fundo e sem a imagem da cacica, imóvel que foi uma conquista importante na luta do direito a cidade, o direito de poder estar em uma zona central, impondo sua presença, resistindo a esse espaço é hostil, espaço que foi ocupado devido ao seu direito legítimo ao território ancestral, um símbolo importante nessa luta pelo direito de existir e direito a cidade.

Figura 42 - Evolução proposta lambe 3



Fonte: a autora.

Foi utilizado a tipografia *Capture it* na parte superior de texto em negativo com as taxas marcadas dando destaque e a frase abaixo as ações de como buscam resistir, em uma tipografia estêncil bem similar a *Capture it*, a *Clean Work* sendo necessário nessa fonte cuidar o espaçamento da letra “i”, pois essa ficava próxima das outras letras gerando um ruído e dificultando a leitura do lambe. Segue Quadro 14 com a ficha técnica:

Quadro 14 - Ficha técnica do Lambe 3

Aspectos técnicos	
Desenvolvido	Photoshop e Illustrator
Fonte principal	Capture It
Fonte de apoio	Clean Work e Din
Tipo de papel	Offset 90g/m ²
Medida do papel	300 x 420mm (A3)
Sistema gráfico	CMYK (4x0)
Processo de impressão	Offset
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	não

Fonte: a autora

ADESIVOS

A opção inicial era utilizar as artes com as placas como adesivos, mas após um comparativo das propostas iniciais foi visto que *art sticker* que normalmente apresenta um desenho e/ou nenhum ou pouquíssimo texto, ou somente pouco

texto (Figura 43). Foi escolhido dentro dos cards o que mais se encaixava em um modelo de *Art Sticker*.

Figura 43 - Exemplos de *art sticker* em Porto Alegre



Fonte: a autora

Adesivo 1 (Figura 44): É indígena em contexto indígena: frase dita pela pessoa indígena-designer entrevistada, fala potente que lembra que o não indígena gosta de decidir quem pode e quem não pode ser indígena, assim excluindo os indígenas urbanos de qualquer direito a identidade e reparação, pois estes indígenas estariam fora de “suas terras”. Essa frase é dita na entrevistada marcando que a América é terra indígena, que o indígena é o único que realmente está em seu contexto, essa inversão em si já é discriminatória, até porque não se diz branco em contexto urbano e nem negro em contexto urbano. As cores são as mesmas usada no logotipo do CRIARS, o vermelho do urucum e o preto do jenipapo, tintas utilizadas para pintura dos corpos desenhando com grafismos indígenas, cada grafismo tem um significado. Adesivo em vinil medidas 60x40mm, com recorte retangular retrato. Ficha técnica no Quadro 15:

Figura 44 - Adesivo 1



Fonte: a autora

Quadro 15 - Ficha técnica do art sticker 1

Aspectos técnicos	
Programa utilizado	Illustrator
Fonte principal	<i>Clean Work</i>
Fonte de apoio	-
Tipo de papel	Papel vinil autoadesivo fosco
Medida do papel	60x40mm (retrato)
Sistema gráfico	CMYK (4x0)
Processo de impressão	impressão de recorte de alta definição
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	Faca retangular

Fonte: a autora

Adesivo 2 -CRIARS (Figura 45): o *art sticker* símbolo que expressa toda a história de luta em busca do território ancestral, para funcionar como uma demarcação do espaço, sem o texto do logotipo, com a Paoká, á arvore que existia na Ocupação Baronesa na Baronesa do Gravataí, com uma criança andando no balanço sobre a sua sombra. Com as cores vermelha e preta, do urucum e jenipapo. Adesivo em vinil, com faca circular na medida 50x50mm. Segue Quadro 16 com a ficha técnica:

Figura 45 - Adesivo 2



Fonte: a autora

Quadro 16 - Ficha técnica do art sticker 2

Aspectos técnicos	
Programa utilizado	Illustrator
Fonte principal	-
Fonte de apoio	-
Tipo de papel	Papel vinil autoadesivo fosco
Medida do papel	50x50mm
Sistema gráfico	CMYK (4x0)
Processo de impressão	Impressão de recorte de alta definição
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	Faca circular

Fonte: a autora

CARDS

Os cards ficaram para serem finalizados por último já que não precisavam serem produzidos por terceiros, foram disponibilizados no dia 19/4 para o CRIARS (Figura 46), que ao analisarem observaram que não tinha nenhum card contemplando a data do dia 22/4 o dia da invasão colonial e o dia que seria realizado a projeção na cidade.

Figura 46 - Cards para Ação



Fonte: a autora

Foram elaborados os cards dos 521 anos e as frases foram todas extraídas das pesquisas feitas no referencial teórico, enviado e disponibilizado no drive (Figura 47), nesse ponto foi identificado que não tinha nenhum card que apresentasse o CRIARS e suas ações realizadas. Ficha técnica dos cards, Quadro 17

Figura 47 - Cards 521 anos Google Drive



Fonte: a autora

Quadro 17 - Ficha técnica Cards

Aspectos técnicos	
Programa utilizado	Photoshop e Illustrator
Fonte principal	<i>Clean Work</i>
Fonte de apoio	<i>Capture It</i>
Medida	600x630px
Formato	Png
Sistema gráfico	RGB

Fonte: a autora

Elaborado os cards para o CRIARS (Figura 48), foi solicitado que fosse feito um vídeo para facilitar para as pessoas que iriam realizar a projeção. Foi utilizado o *After Effects* e desenvolvido um vídeo de 5 minutos. Pode ser visualizado em:

<https://youtu.be/G2RyMIRaxag>

Figura 48 - Cards CRIARS



Fonte: a autora

Todas as artes foram enviadas para os integrantes do CRIARS e aprovadas para a execução.

5.2 VERIFICAÇÃO RÁPIDA DAS CAPACIDADES

A segunda e última etapa básica da Concepção, utilizou-se a técnica proposta pelo *design kit* da IDEO [2020?], com as tarefas de verificação rápida das capacidades (*capabilities quicksheet*), que consiste em analisar a viabilidade da capacidade técnica do que foi proposto na etapa anterior “Momento de reflexão”. Verificar e aprovar com a equipe, realizar orçamentos e definir quantidade de material.

5.2.1 Equipe do Projeto

A equipe de projeto aqui apresentada é a de designers que participaram da fase inicial do projeto, ou seja, as pessoas designers que participaram na etapa das entrevistas, devido a data limite do envio do material para gráfica e tempo hábil de recebimento, pois os lambes seriam produzidos em São Paulo, não houve tempo para o retorno das quatro pessoas designers, então foram contatados três pessoas designers que atuam no mercado em: gráfica, agência de publicidade e com interface, os quais foram apresentados os lambes por aplicativos de troca de mensagens instantâneas e o que foi apontado:

- O lambe 1 foi aprovado sem ressalvas.
- O lambe 2 (Figura 49) foi o que demandou mais atenção, pois conforme salientado pela designer que atua em gráfica, o lambe 1 e o lambe 3 possuírem a mesma tipografia e o lambe 2 não. Como a tipografia gerava unidade visual, seria importante testar no lambe 2 (*Capture It*). Assim foram testadas as sugestões tipográficas, utilizando as duas fontes com formato de estêncil no centro e a DIN, sendo aprovada que manteve a DIN no centro do lambe e a *Capture it* nos extremos. Então realizado um segundo teste, com outras fontes sem serifa substituindo a DIN pela Bebas ou Montserrat, em nova votação com as pessoas designers, cada um votou em uma versão do lambe, então foi solicitado a opinião de uma 4ª designer, essa designer visual. E o lambe mais votado e aprovado foi o lambe com o texto em *Capture it* e DIN.

Figura 49 - Lambe 2 dos ajustes a versão final



Fonte: a autora

Segue o Quadro 18 com a atualização dos dados técnicos do lambe 2:

Quadro 18 - Atualização ficha técnica lambe 2

Aspectos técnicos	
Programa utilizado	Illustrator
Fonte principal	Capture It
Fonte de apoio	Din
Tipo de papel	Offset 90g/m ²
Medida do papel	300 x 420mm (A3)
Sistema gráfico	CMYK (1x0)
Processo de impressão	Offset
Formato do arquivo	PDF
Acabamentos	não

Fonte: a autora

- O lambe 3 (Figura 50) a designer que atua em uma gráfica apontou que as caixas com o texto em negativo não estavam com a mesma distribuição vertical entre elas, o que foi ajustado. E corrigiu-se o texto da fachada da imagem ao fundo da casa do CRIARS, que atualmente consta o nome anterior de Centro de Referência Afro-indígena do RS, corrigido no photoshop para Centro de Referência Indígena-afro do RS para não ficar dissonante do logotipo que está presente no lambe, a fachada será alterada em breve. Não foi necessário atualizar a ficha técnica deste lambe.

Figura 50 - Lambe 3



Fonte: a autora

Além da aprovação do CRIARS, esperava-se a aprovação dos designers entrevistados, porém não se obteve o retorno em tempo hábil. Desse modo, decidiu-se por produzir todos os lambes e adesivos propostos, porque considerou-se que cada peça gráfica projetada complementa e interage com um público diferente, dos mais resistentes a essas pautas ao mais atuante.

5.2.2 Orçamento

O orçamento foi realizado em três empresas, Lambe Comunicação empresa especializada em lambes em Porto Alegre, ANS Gráfica, gráfica de grande porte de Porto Alegre e a Mr. Print gráfica de São Paulo. Foi escolhida a Mr. Print pelo valor mais baixo e tinha a opção de retirada em Porto Alegre sem frente. Para o adesivo foi realizado o orçamento em duas empresas de Porto Alegre: RZ Plotagem e Bang Impressões, com valores muito similares, optou-se pela RZ por ser uma empresa de menor porte. Os lambes e adesivos seriam destinados para: a realização da ação nos dias 18 a 22 de abril/21, envio aos professores da banca incluindo a orientadora, a todos que colaboraram pela viabilidade do projeto e para o CRIARS.

As quantidades solicitadas foram:

75 do lambe 1 - 15 para autora, 10 CRIARS, os demais para ação;

60 do lambe 2 - 10 para autora, 10 CRIARS, os demais para ação;

60 do lambe 3 - 10 para autora, 10 CRIARS, os demais para ação.

Os adesivos:

100 do adesivo 1 - 15 para autora, 10 CRIARS e os demais para ação;

100 do adesivo 2 - 15 para autora, 10 CRIARS e os demais para ação.

Foi necessário comprar cola branca, pincel e rolinho. Todos os custos com o projeto constam as notas no Anexo 3.

Fechando a etapa de concepção, para que possa ser efetivada a ação que será abordada no Pós-concepção, com o seu cronograma planejado e realização do projeto.

6 PÓS CONCEPÇÃO

Na pós concepção aborda-se o que foi executado e como foi, para isso organizamos o cronograma da ação no Roteiro para o Sucesso, depois apresenta-se a ação ativista executada e para encerrar o feedback recebido do CRIARS.

6.1 ROTEIRO PARA O SUCESSO

O roteiro para o sucesso (*Roadmap for success*) ferramenta do Design Kit da IDEO, foi organizado a partir do envio dos arquivos para gráfica, a técnica fala em um prazo longo, mas dessa ação inicial, poderemos partir para a do ano que vem, foi elaborado um cronograma (Quadro 19) e colocado na parede como pede a técnica, mas nesse período mais curto já que se trata de uma ação pontual:

Quadro 19 - Cronograma previsto

Data	Planejamento
10/4	Fechar e enviar arquivos para as gráficas
16/4	Retirar o material na gráfica e reunião CRIARS
17/4	Comprar material e organizar para a ação
18/4	Início da intervenção lambes e <i>art stickers</i>
19/4	Continuar a intervenção lambes e <i>art stickers</i>
20/4	Sem atividades
21/4	Continuar a intervenção lambes e <i>art stickers</i>
22/4	Projeções

Fonte: a autora

Detalhamento do cronograma planejado:

10/4 -Fechamento e envio dos arquivos para as gráficas;

16/4 -Retirar o material na transportadora e os adesivos na gráfica;

17/4 -Comprar material como cola e rolinho para fixação, organização do material e reunião para definir a participação dos integrantes do CRIARS;

18/4 -Final da tarde, com a diminuição dos fluxos de pessoas nas ruas, iniciar a ação adesivando paradas de ônibus e alguns locais estratégicos, para que segunda (19) pela manhã as pessoas terem contato e refletir sobre a data;

19/4 -Início da noite, colar lambes e adesivos;

20/4 -Sem atividades, organização para os próximos dias;

21/4 -Início da noite, colar lambes e adesivos para dia 22;

22/4 -Dia da execução das projeções.

A ação foi planejada para ocorrer em Porto Alegre na Cidade Baixa, Centro Histórico e suas intermediações, com o apoio de amigos e parentes. As colagens de lambes e *art stickers* deveriam ser:

- Deveriam ser fixadas em locais próximos a de pontos de ônibus e/ou locais de grande circulação de pessoas;
- Procurando postes e paredes com marcas de colagem anterior por serem locais usuais de colagem, o que evitaria constrangimentos em locais públicos;
- Não Deveria ser retirado nenhum lambe ou adesivo anterior, só se esse tivesse rasgado (impossibilitando a compreensão da mensagem) e/ou com a data do evento publicitado no lambe, já houvesse passado;
- A altura da colagem preferencialmente deveria ser no ponto mais alto possível do poste ou colunas, para dificultar a retirada por pessoas ociosas;
- A solução para colagem do lambe foi feita por uma porção de 50% cola branca e 50% água, utilizando um pulverizador para evitar carregar balde, tornando a ação mais pratica e ágil;
- A colagem era efetuada por duas pessoas; uma segurava o lambe enquanto a outra passa cola em seu verso, a pessoa que passava a cola no lambe depois passava na superfície a se colada, após colocava o lambe e reforçava-se os cantos para não deixar nenhuma ponta solta e aumentar sua durabilidade;
- Os *art stickers* eram adesivos autocolantes o que facilitava a ação.

6.2 AÇÃO ATIVISTA

Do ponto de vista operacional a colagem do adesivo é só separa do papel e colar: placas, semáforos, pontos de ônibus, já a colagem do lambe é mais demorada:

primeiro passa-se cola no lambe, depois prepara a parede passa-se cola também, fixa-se o lambe e para finalizar é importante passar mais uma camada de cola por cima do lambe que funciona como uma proteção para aumentar a durabilidade, isso possibilitou lembrar onde haviam sido fixados e registrado posteriormente em um mapa do google ²⁴.

Quadro 20 - Cronograma realizado

Data	Realizado	Colagem
10/4	Fechamento e envio dos arquivos para a gráfica Mr Print	
13/4	Fechamento e envio dos arquivos para a gráfica RZ Plotagem	
16/4	Retirado o material na gráfica e transportadora	
	Não houve a reunião CRIARS, foi solicitado que cuidassem da organização da realização das projeções	
17/4	Comprar material e organizar para a ação	
18/4	Início da intervenção lambes e <i>art stickers</i> no <i>Bom Fim, Santana e Azenha</i>	9 lambes
19/4	Não houve ação	
20/4	Intervenção, lambes e <i>art stickers</i> no Moinhos, Goethe até o viaduto da Silva Só;	15 lambes
21/4	Manhã - intervenção foi realizada no Bairro Restinga	15 lambes
	Final da tarde - intervenção foi realizada no Centro Histórico	30 lambes
22/4	Intervenção realizada no bairro Petrópolis	8 lambes
	Projeções realizadas nos bairros: Centro Histórico, Bom Fim e Petrópolis	4 projeções
	Intervenção realizada no bairro Cidade Baixa	7 lambes

Fonte: a autora

Detalhamento dos dias de ação ativista:

10/4 -Fechamento dos arquivos dos lambes e envio para gráfica;

13/4 -Envio dos adesivos para gráfica em Porto Alegre;

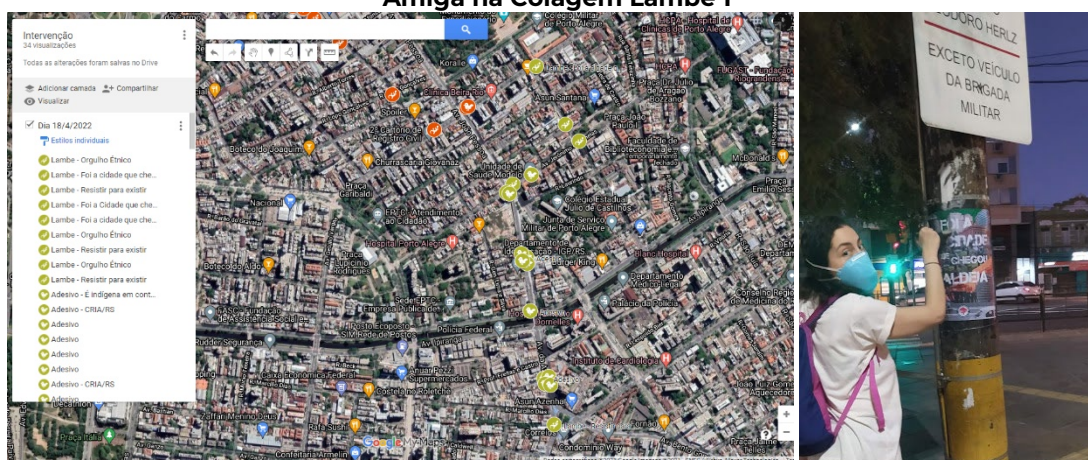
16/4 -Retirada do material na transportadora e os adesivos na gráfica;

²⁴ Link para o Google Mapas com todos os lambes e alguns adesivos: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1Anr3Gt6peHYBknQIEd2J6vED3OMJol4u&usp=sharing>

17/4 -Compra do material: cola e rolinho para fixação, organização do material para ação do dia seguinte e não houve reunião para definir a ação com o CRIARS, pois estavam realizando uma ação no quilombo Santa Luzia, então foi encaminhado o cronograma (o mesmo do 6.1 Roteiro para o sucesso) e solicitado que cuidassem dos locais e quem fariam as projeções;

18/4 - Final da tarde a autora junto com a Sáskia (amiga) começou a intervenção do Bom Fim, passando a Santana, cruzando a João Pessoa e Azenha, foram 9 lambes colados e vários adesivos (Figura 51). Ao final da intervenção foi percebido como funcionava a distribuição do material, foi possível entender como era a dinâmica de colagem e quantidade a ser exposta, então foi repensada a ação, para atingir outros pontos da cidade aonde a mensagem não chegaria, o dia seguinte seria na Cidade Baixa, dia 20 do Moinhos passando Parcão seguindo até a Azenha,

**Figura 51 - Percurso da intervenção no bairro Bom Fim, Porto Alegre
Amiga na Colagem Lambe 1**

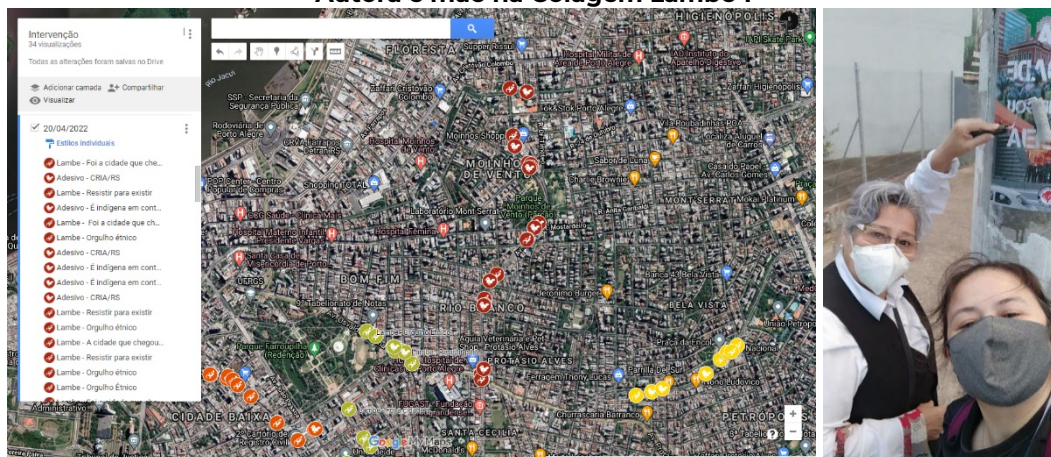


Fonte: a autora

19/4 -Era para ser feita a intervenção na Cidade Baixa, mas devido a um compromisso profissional da autora, não houve condições de realizar;

20/4 -A autora encontrou a Eraci (mãe) no local de trabalho dela e iniciou a intervenção na Félix da Cunha, av. Goethe (Parcão), av. Mariante e terminando no viaduto Tiradentes (conhecido como viaduto da Silva Só), foram colados 15 lambes e vários adesivos (Figura 52);

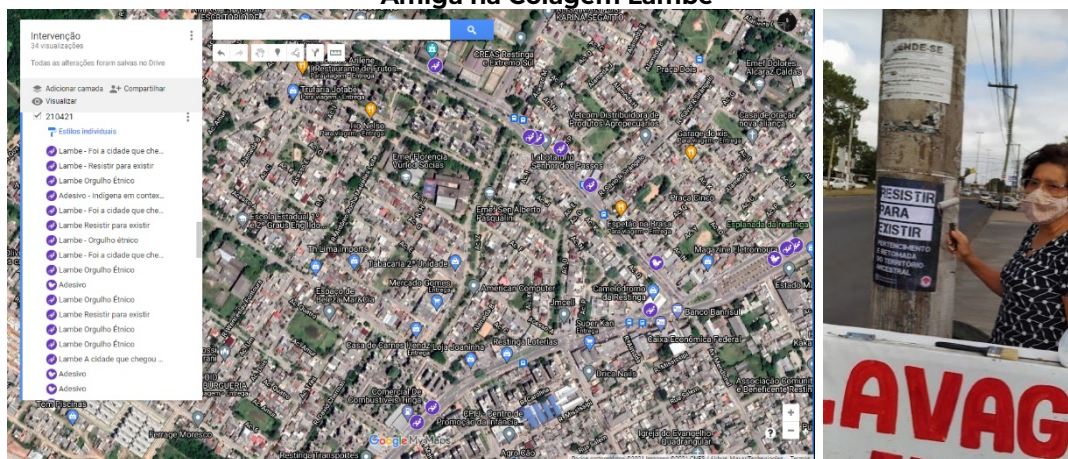
Figura 52 - Percurso da intervenção na avenida Goethe, Porto Alegre, Autora e mãe na Colagem Lambe 1



Fonte: a autora

21/4 (feriado) -Pela manhã a autora foi a Restinga e contou com a ajuda da Diza (amiga) que a levou aos pontos mais movimentados da Restinga, mas como era manhã de feriado estava tudo bem calmo, iniciando pela av. João Antônio Silveira até a Esplanada, um ponto de encontros muito conhecido aos moradores e frequentadores do bairro, voltamos até a av. Economista Nilo Wulf e fomos até o terminal de ônibus na mesma avenida, foi quando começou a chover. Nesta manhã foram colados 15 lambes e adesivos (Figura 53).

Figura 53 - Percurso da intervenção no bairro Restinga, Porto Alegre/ Amiga na Colagem Lambe

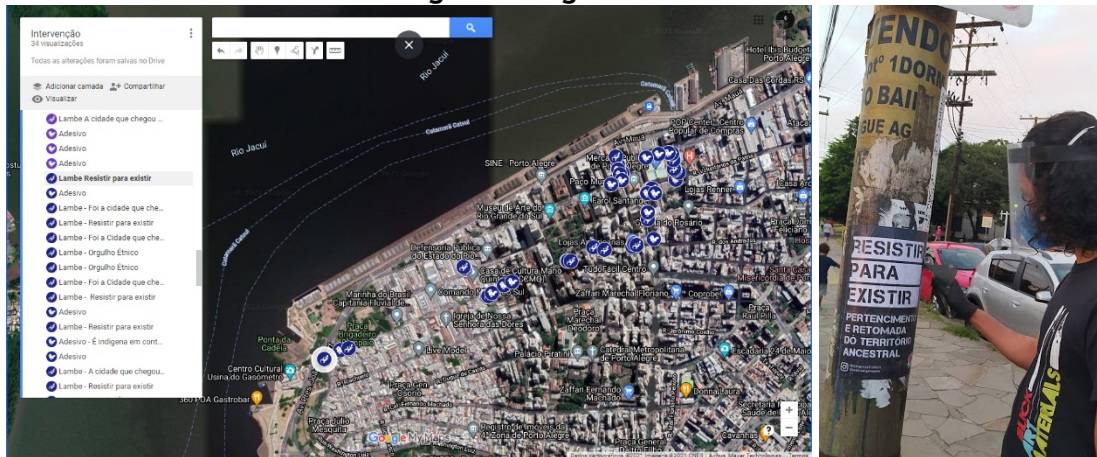


Fonte: a autora

No final da tarde foi o momento escolhido para realizar a intervenção no Centro Histórico de Porto Alegre, a autora encontrou o Bruno (amigo) e iniciou-se a intervenção urbana no início da Rua dos Andradas em direção ao Mercado

Público, passando no terminal de ônibus Parobé e encerrando no terminal de ônibus na Uruguaí. Foram colados 30 lambes e vários adesivos. (Figura 54).

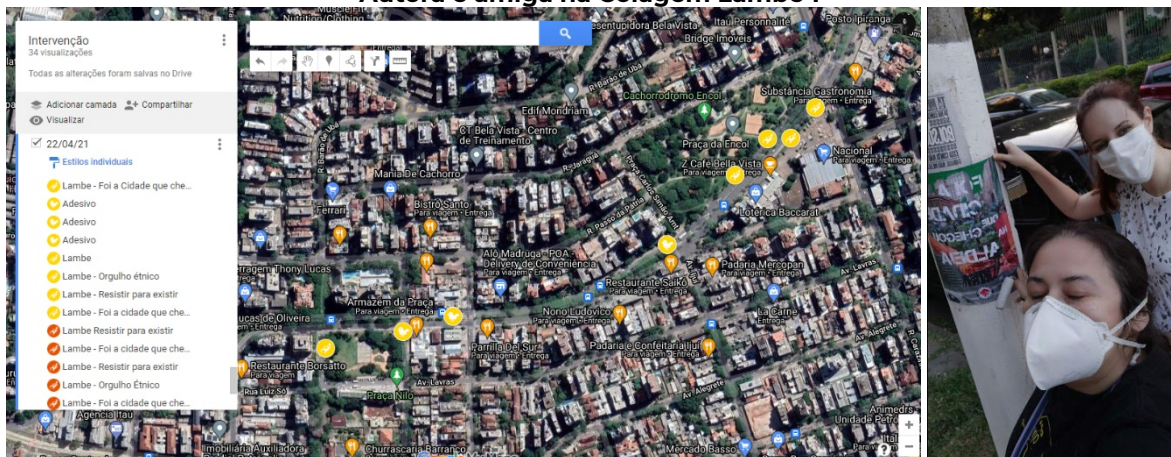
Figura 54 - Percurso da intervenção no Centro Histórico, Porto Alegre / Amigo na Colagem Lambe 3



Fonte: a autora

22/4 -Pela manhã foi solicitado pelas pessoal que faziam a projeção que os cards fossem disponibilizados no Youtube. Revisando os cards o CRIARS identificou que não tinha nenhum card sobre os 521 anos de invasão colonial, foram elaborados e vídeo disponibilizado o que atrasou a colagem na Cidade Baixa, com a comunidade do CRIARS colou-se 2 lambes na frente da sede do CRIARS, às 17h30 a autora se encontro com a Paola (colega e amiga) no bairro Petrópolis, iniciando na Praça Nilo, seguindo pela Av. Nilópolis até a Praça da Encol, priorizando as paradas de ônibus e mercado. Foram colados 8 lambes e alguns adesivos (Figura 55).

Figura 55 - Percurso da intervenção no bairro Petrópolis, Porto Alegre/ Autora e amiga na Colagem Lambe 1



Fonte: a autora

O CRIARS que ficou responsável por contar as pessoas para realização das projeções, todas elas já tinham seus equipamentos e costumavam a realizar projeções ativistas, só que uma destas pessoas teve problema com seu projetor no dia, então foi questionado se fosse disponibilizado um projetor esta pessoa poderia realizar a ação, a pessoa disse que poderia e então foi solicitado ao Bruno empréstimo do seu projetor, e ele mesmo deixou na casa do projetante

Às 20h junto com a comunidade do CRIARS, acompanhamos a transmissão do Gustavo Spolidoro²⁵ e Câmera Causa²⁶ (Figura 56) nas redes sociais Facebook e Instagram.

Figura 56 - Projeção realizada por Rodrigo Spolidoro e Câmera Causa



Fonte: Gustavo Spolidoro.

Foram recebidas as fotos da Ocupação Utopia como Oro, Nanci e Ana que realizaram a projeção nas escadarias da Borges de Medeiros (Figura 57).

²⁵Link para projeção realizada transmitida pelo Facebook em seu perfil: <https://www.facebook.com/677384642/videos/10159086552064643/>

²⁶Link para projeção realizada transmitida pelo Facebook em seu perfil: <https://fb.watch/5p-U-rhIzG/>

Figura 57 - Projeção realizada no Centro Histórico pela Ocupação Utopia



Fonte: Ana Najanela.

Foram realizadas 2 projeções no bairro Petrópolis, uma ocorreu por volta das 20h e a outra por volta das 23h (essa segunda não houve registro fotográfico).

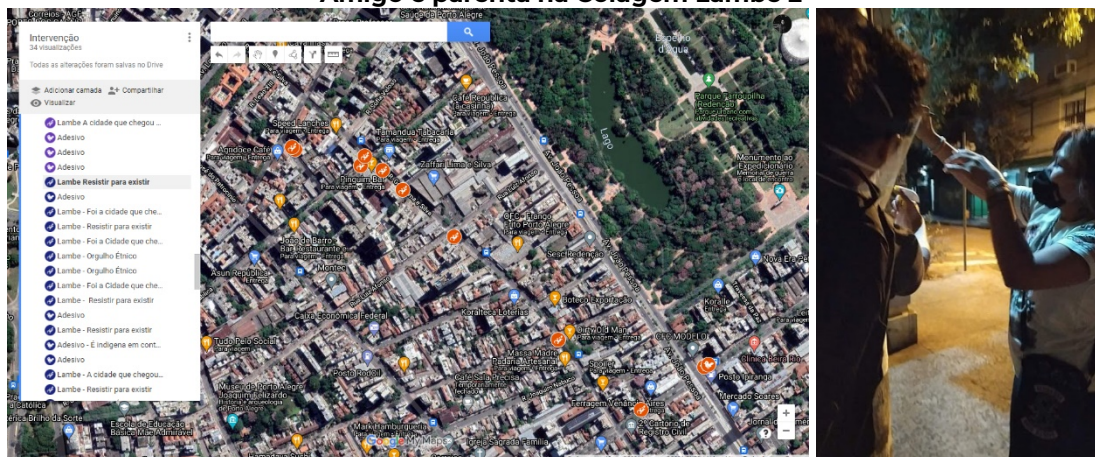
Figura 58 - Projeção no Petrópolis



Fonte: Pessoal da projeção no Petrópolis

Após a Raquel (parenta e integrante da comunidade do CRIARS), o Bruno e a autora fizeram a última intervenção da ação, escolhemos a rua mais movimentada da Cidade Baixa a rua Lima e Silva e fomos até a rua Venâncio Aires foram colados alguns adesivos e 7 lambes (Figura 59).

**Figura 59 - Percurso da intervenção no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/
Amigo e parenta na Colagem Lambe 2**



Fonte: a autora

Durante toda intervenção foram colados 83 lambes e aproximadamente 150 adesivos nos percursos descritos acima

Os cards foram utilizados nas projeções tendo a sua publicação nas redes sociais após a data.

Ao final da ação sobraram as unidades abaixo que serão entregues ao CRIARS para ser usado como lbe convir, podendo dar para apoiadores, utilizar como recompensa em vaquinha, brinde ou venda, os arquivos também serão entregues, para uso da instituição:

- Lambe 1 - 5 unidades;
- Lambe 2 - 2 unidades ;
- Lambe 3 - nenhum;
- Adesivo 1 - 2 unidades;
- Adesivo 2 - 1 unidade.

6.3 FEEDBACK

A avaliação da comunidade do CRIARS foi feita através de um formulário *on-line* sem que fosse solicitado a identificação para que a pessoa ficasse à vontade para expor as suas opiniões sejam positivas ou negativas, quatro responderam à pergunta (abaixo) até o fechamento deste relatório. Seguem a perguntas e as respostas recebidas:

Qual a sua opinião sobre a ação ativista proposta pela Taís, realizada nos dias 18 a 22 de abril? (pontos positivos e negativos)

“Eu acho a proposta muito importante e interessante. As artes projetadas foram maravilhosas e impactantes. Acredito que todos aqueles que presenciaram a ação conseguiram absorver a mensagem que a Taís e a comunidade passaram. Essa é uma forma de demarcar território, de mostrar que nós estamos vivos e resistindo dentro da cidade. Para mim, só há pontos positivos nesse projeto, muita força e resistência.”

“Remarcamos nosso território a cidade através da intervenção proposta por Taís tivemos a viabilidade ainda mais pra nossa comunidade. Não há pontos negativos. Excelente trabalho está de parabéns.”

“Pontos positivos: Visibilidade de indígenas na cidade, trabalho coletivo com a comunidade multiétnica e ressignificar a história descolonizando-a.”

“Ponto positivo - deu mais visibilidade a causa. Nenhum ponto negativo”

Foi recebido a avaliação de 2 dos 4 designers que foram entrevistados na primeira etapa, avaliações positivas em sua maioria:

- lambe 1 - foi aprovado sem ressalvas,

- lambe 2 - foi aprovado por um dos entrevistados dando a sugestão que seria bom adesivo (o que foi pensado inicialmente) e o outra pessoa entrevista não gostou pois acredita que o orgulho é um sentimento pessoal.

- lambe 3 - só uma das pessoas entrevistadas respondeu, que gostou, mas achou o primeiro mais potente.

- adesivo 1 - foi aprovado pelas 2 duas pessoas, mas umas das pessoas entrevistadas sugeriu que se referenciasse a autora da frase;

- adesivo 2 - as pessoas entrevistadas demonstraram confusão na proposta desse *art sticker* questionando que não via como aquele símbolo se comunicava com a ação, e sobre a qualidade gráfica poderia ser comprometida na redução da imagem.

O professor e cineasta Gustavo Spolidoro tem o projeto social o Câmera Causa, onde busca ensinar sobre produção filmagens em celulares para comunidades. Gustavo foi responsável pela projeção, relatou que seus vizinhos aplaudiram a projeção executada demonstrando entusiasmo e apoio a causa; como se pode ver no vídeo²⁷ a partir do 3 min e 20 segundos.

A autora foi procurada no Instagram por uma pessoa que queria adquirir o lambe 1, a autora respondeu que poderia lhe dar de cortesia, mas este insistiu em pagar, então a autora sugeriu que ele fizesse uma doação ao CRIARS e foi o que aconteceu (segue *printscreen* da tela com a conversa no Apêndice I).

²⁷ <https://www.facebook.com/677384642/videos/10159086552064643/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação pode ser realizada devido a um conjunto de pessoas que a tornaram possível e tive a oportunidade de ser a linha que costurou toda essa gama de oportunidades, pois o que pude aprender nestes anos estudando design (desde a Feevale até a UFRGS), é que nenhum designer faz nada sozinho, às vezes seu papel é de organizar (e bem) a oportunidade que já estava presente. Esse mundo rico de metodologias criativas nos possibilitam muitas vezes ver as coisas por outro ângulo, dando corpo ou 'cara' para essas necessidades e/ou oportunidades.

No mês conhecido como Abril Indígena tive a oportunidade de realizar a ação ativista, aquilo que até então era visto como um atraso no calendário acadêmico, devido a uma pandemia no meio do caminho, mostrou que tudo está ligado e tem sim um porquê. No começo deste TCC, o contanto com as dificuldades dos indígenas em contexto urbano, mal sabia que seria uma viagem de busca a um passado que foi apagado a meus familiares e a mim. O importante momento quando contei a minha história para a Cacica Alice Guarani e ela afirmou que eu tenho um pertencimento étnico, foi um momento único. Após anos e anos as pessoas dizendo o que eu poderia ser ou não ser, mas era a primeira vez me senti vista e reconhecida. Além dessa jornada, a ação pode ser realizar no mês da luta indígena conexão que não ocorreria em um calendário de um semestre 'normal'. E foi realizado em coletivo, com auxílio e apoio de muitas pessoas.

Foi fundamental para a execução deste projeto uma pesquisa exploratória, detalhada e aprofundada, o que foi um problema na primeira etapa pelo pouco material sobre o assunto, falta de acesso as bibliotecas e a livros possivelmente necessário, dificuldade para agendar a visita de campo ao CRIARS, o que atrasou a compreensão e rumo inicial do projeto. A fundamentação teórica, as entrevistas e o formulário online foram essenciais na condução do trabalho. Todo o processo inicial de Pré-concepção possibilitou aprofundar a compreensão a respeito do tema focado do que é: ativismos, indígena em contexto urbano e um pouco de como o não indígena percebem o indígena em contexto urbano.

O calendário acadêmico com três semanas a menos, exigiu que alguns processos fossem simplificados para a entrega. Além disso, a oportunidade de realizar a ação no mês de abril, trouxe uma realidade dos prazos apertados que ocorre na vida profissional para este projeto. Mesmo assim, nenhuma decisão projetual foi tomada sem a concordância da comunidade do CRIARS.

Não foi possível aferir dados do impacto desta ação ativista, mas pode-se afirmar que o objetivo deste TCC foi devidamente concluído. A experiência resultante desse projeto irá contribuir para o para o CRIARS em 2022, organizar sua ação relativa ao Abril Indígena. A organização das etapas da ação ganhou clareza, com um cronograma claro, que apresenta aspectos importantes para o desenvolvimento da proposta, podendo a ser planejado a partir de julho, planejando a viabilidade financeira. Comparando o custo da ação executada neste projeto, essa não ultrapassou R\$ 550,00, incluindo tudo, além do material, deslocamento e alguma necessidade pontual. No próximo ano de 2022, podendo optar para a viabilidade financeira a execução de uma a vaquinha *on-line* (financiamento coletivo), oferecendo as peças gráficas desenvolvidas como item de recompensa conforme o valor doado. Possivelmente com a produção de um único cartaz (lambe) para dar força a mensagem a ser transmitida, o que possibilitaria impressão de maior número de peças, já que a produção de uma mesma arte vai reduzindo o valor da unidade conforme aumenta quantidade produzida. E, assim, com maior número de cartazes pode-se ampliar o alcance da ação, intervindo em novos territórios. Poderia ser ampliado o número de arte ou não mantendo como uma marca da ação vinculada a um ano específico.

Um equívoco cometido neste projeto foi percebido através da avaliação de um dos entrevistados que comentou que deveria ser dado o crédito para a pessoa autora de uma frase usadas no material. Por ser um material que veicularia nas ruas, descartou-se a possibilidade de expor qualquer pessoa, mas ela devia ter sido consultada e decidir a respeito. Essa pessoa já foi contatada e se for solicitado identificar a autoria, será feito, caso o CRIARS for realizar reimpressão do material, só será realizada após a autorização dela.

Após a realização deste trabalho posso afirmar que sim, é possível um designer ter um projeto paralelo em algo que acredite, existem formas que é possível se manifestar e lutar por pautas sociais que considere relevante, algumas sem sair de casa como o a #designativista. O custo financeiro deste projeto foi pago pela autora, mas é possível conseguir a viabilidade financeira ou até se dedicar exclusivamente para uma causa, podendo colocar as suas horas de trabalho no custo total do projeto, incluído e especificado na vaquinha online. Podendo receber a quantia total solicitada ou se arrecadado a menor, recebe o percentual do total arrecadado, pois como lembrando pela pessoa entrevistada designer-militante durante este TCC *'todo o trabalho deve ser remunerado'*. Mas aqui por se tratar de um trabalho de conclusão, de uma pessoa que se gradua em uma Instituição de Ensino Superior Pública compreende-se que existe um compromisso com a sociedade, por isso esse trabalho também é um retorno à sociedade, como sempre lembra a orientadora deste projeto.

Finalmente, ao desenvolver esse TCC pude encontrar a família ancestral. Portanto, a motivação inicial de que a causa social abordada pelo trabalho era justa, foi se transformando ao longo do processo, pelas vivências e aproximações pude descobrir que era uma luta minha também. A motivação inicial foi se transformando em empatia, o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelos indígenas em contexto urbano foi sendo identificado com a minha história. que muito foi negada e não permitida. Portanto, ao final da graduação em Design Visual, além da titulação acadêmica, conquisto uma identidade.

Resistir para existir!

“É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo,
não como uma metáfora, mas como uma fricção,
poder contar uns com os outros”

Ailton Krenak
em Ideias para adiar o fim do mundo
(p. 27, 2020)

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUPA. #Verificamos: É verdade que Bolsonaro elogiou cavalaria norte-americana por dizimar índios. 06 dez 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/>. Acesso em: mai. 2020.

_____. Print Bolsonaro Cavalaria. dez 19. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/12/printbolsonarocavalaria.png>. Acesso em: mai. 2020.

AGUIAR, Marco Júlio; KLINTOWITZ, Danielle; CORREIA, Fernanda.. "Indígenas no espaço urbano: não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia" 20 Abr 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/937793/indigenas-no-espaco-urbano-nao-foi-a-aldeia-que-chegou-na-cidade-mas-a-cidade-que-chegou-na-aldeia>. Acesso em: out 2020.

AGUIAR, Pablo. **Alice**. Entrevista em quadrinhos Pablito Aguiar. fev 2020. Disponível em: <https://www.pablitoaguiar.com.br/inicio/entrevistas-em-quadrinhos/alice/>. Acesso em: set. 2020.

_____. Foto da Ocupação Baronesa. In: Twitter. Disponível em: https://twitter.com/_pablitoaguiar/status/1243192302585155585/photo/2. Acesso: set. 2020.

_____. Foto Alice e Gabriel em frente a Ocupação Baronesa. In: Twitter Disponível em: https://twitter.com/_pablitoaguiar/status/1243192302585155585/photo/4. Acesso: set. 2020.

ALVES, Gabriel. **Estudo mapeia 1200 genomas da população brasileira**. Folha de São Paulo. Set.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/09/estudo-com-1200-genomas-mapeia-diversidade-da-populacao-brasileira.shtml?origin=folha#comentarios>. Acesso: dez.2020.

ANDRIOLI, Irineu; GALAFASSI, Ana. **STYLING**: o design americano do século XX e seu legado para o mundo contemporâneo. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 11., 2014. Gramado. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ped2014/trabalhos/trabalhos/130_arq2.pdf. Acesso: out. 2020.

ARANTES, Cassiano. **Investigação sobre o uso do Estêncil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Artes. Curso de mestrado, do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). 2019. Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28918/3/InvestigacaoUsoEstencil.pdf> Acesso em: abr 2021.

ARRUDA, Jessica. Black Lives Matter: entenda movimento por trás da hashtag que mobiliza atos. Colaboração com Universa. 03 jun 2020. In: UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>. Acesso em: mar. 2020

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. **Quem somos**. [2021?] Disponível em: <https://apiboficial.org/sobre/>. Acesso: fev. 2021

ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS NO BRASIL. **Código de ética**. 2020. Disponível em: https://adg.org.br/novosite/wp-content/uploads/2020/07/ADGBrasil_CodigoEtica.pdf. Acesso em: out. 2020.

BARROS, Roberta Coelho. **O design social como ferramenta de comunicação: contextualização e exemplos na sociedade contemporânea**. In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 2014. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/11ped/01412.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **'Governo federal incentiva garimpo em terras indígenas'**, diz senador Randolfe Rodrigues. Rafael Barifouse. 28 jul 2019 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49147160>. Acesso: set. 2020

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009). 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6959>. Acesso em: fev 2021.

BONSIEPE, Gui. Metodologia Experimental - Desenho Industrial. Brasília: CNPq/ Coordenação Editorial, 1984. 86p.
_____. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BRAGA, Marcos da Costa. **Introdução**. In: _____. (Org.). O papel social do designer gráfico. São Paulo: Senac. 2011. p.9-23.

BRANCO, Fernanda Castelo. **Provo**: a contracultura que fez Amsterdam se tornar o que é. Disponível em: <https://vontadedeviajar.com/provos-contracultura-amsterdam/>. Acesso em: nov. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Estatuto do Índio: Lei Federal 6.001/1973.

BRITO, Johnny. [Imagem]. Twitter. 28 out. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/johnnybrito/status/1188854220168073216>. Acesso em: nov.2020.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Discurso Deputado Federal Jair Bolsonaro. Diário Oficial da Câmara. 1998. pg.33.

CAMPOS, Thiago Petra da Motta; BALTAR, Cristiana Assunção; RESENDE, Tania Inessa Martins de LOUCURA E INTERVENÇÃO URBANA: PERTENCIMENTO NA CIDADE

CARVALHO, Liliane Katita; IMBRUNITO, Maria Isabel. **Resistências urbanas e sua conjunção em rede**. Revista Políticas Públicas & Cidades, Revista Políticas Públicas & Cidades, vol. 9, | núm. 3 | julho/setembro | 2020, p. 13 -27 Seção: dossiê. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v9n3-3-2020>. Acesso em: out. 2020.

CHAVES, Norberto. La función social del diseño: realidad y utopia. [2020?]. Disponível em: https://www.norbertochaves.com/articulos/texto/la_funcion_social_del_diseno_realidad_y_utopia Acesso em: out. 2020.

COLLOR, Natalia. O design ativista é de fato para quem não aguenta mais. Medium. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@nataliacollor/o-design-ativista-%C3%A9-de-fato-para-quem-n%C3%A3o-aguenta-mais-110183723e01>. Acesso em: out. 2020.

CONSELHO DE MISSÃO DOS POVOS INDÍGENAS. **É preciso estar aqui**. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/Z6X2dgHGRxc>. Acesso: set. 2020.

CORREIO DO POVO. [IMAGEM] Estátua de Cristóvão Colombo é derrubada em Baltimore, nos EUA. 05 jul 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/est%C3%A1tua-de-crist%C3%B3v%C3%A3o-colombo-%C3%A9-derrubada-em-baltimore-nos-eua-1.445774> Acesso em: fev.2020.

CURTIS, Maria do Carmo Gonçalves. **A dimensão social do design gráfico no construtivismo.** In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). O papel social do designer gráfico. São Paulo: Senac. 2011. p.25-44.

_____. **O fator interacional no desenvolvimento do projeto de produto:** contribuição metodológica de Bornancini e Petzold. 2017. Tese (Doutorado em Design) -Programa de Pós-graduação em Design, Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/174412>. Acesso em: set. 2020.

DENIS, Rafael Cardoso. **História do Design.** São Paulo: Ed. Blucher.2002. 1ª reimpressão.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf> Acesso em: mar 2021.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, Evandro Piza; SCOTTI, Guilherme. A Queima dos Arquivos da Escravidão e a Memória dos Juristas: Os usos da história brasileira na (des)construção dos direitos dos negros. 2010. Direito Achado na Rua. Vol 7. O direito achado na rua : introdução crítica à justiça de transição na América Latina. Organização: José Geraldo de Sousa Junior, José Carlos Moreira da Silva Filho, Cristiano Paixão, Lívia Gimenes Dias da Fonseca, Talita Tatiana Dias Rampin. 1. ed. -Brasília, DF: UnB, 2015. -(O direito achado na rua, v. 7). 500 p. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/44297841/15-12-15-direito-achado-na-rua-vol-7_web-versao-10mb-1.pdf?1459523611=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_Doutrina_de_Seguranca_Nacional_e_o_mas.pdf&Expires=1617398653&Signature=dSRhZ8c0sYxa1MZBltkGIhsEyKXYHoS6~kUVkiExe~cuVdnmo3Ft8nsYmbagtUOI8wzeGnr-IFKdXuNCI535ptrsOiZ7LQc9-Mut~OSruO8XCVrYEOeX1DVvHGz2nXq8E7sY8wC5P4RZGjuObRrAFoY0EIC8aMek5n4MqPWvikrCHH95Z6dNCuh7r5RdSdnBSfZ8vQhPkqXnQnOnFuJMumFPYIRVYTzFO4r5LgKOO2JJJeAiayDBNJiil7DfKwKmBgsvmg7ASSY2gZFYZNmRMpFtSowLdsxnJhhGPLWsmiHkJ4wIVlurbk4uuUFrdlBS4FeWbv06o153hIWujTwcUg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=81. Acesso em: fev 2021.

ESTADÃO ACERVO. **A destruição dos documentos sobre a escravidão.** 14 dez 2015. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre-a-escravidao-,11840,0.htm#:~:text=Em%201890%2C%20ministro%20Ruy%20Barbosa,documento%20que%20tratassem%20do%20tema&text=Em%2014%20de%20dezembro%20d>

[e,de%20documentos%20referentes%20%C3%A0%20escravid%C3%A3o](#). Acesso em: fev 2021.

FONSECA, Ludimilla. Imagens em disputa: Dos cartazes do Atelier Populaire na França de 1968 à fábrica de memes no Brasil de 2018. 18 out 2018. Revista Desvio. Disponível em: <https://revistadesvio.com/2018/10/11/imagens-em-disputa-dos-cartazes-do-atelier-populaire-na-franca-de-1968-a-fabrica-de-memes-no-brasil-de-2018/>

FORTY, Adrian. Objeto de desejo -design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRASCARA, Jorge. Diseño gráfico y comunicación. 7ªed. Buenos Aires: Ediciones Infinito. 2000.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Institucional**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em: set. 2020.

_____. Registro Administrativo de nascimento indígena (RANI). Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/docb/registro-administrativo-de-nascimento-de-indigena-rani> . Acesso em: set 2020.

GARCIA, Maria Fernanda. **Ditadura Militar matou milhares de indígenas no Brasil**. Observatório do terceiro setor. 12 jul 2019 Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-matou-milhares-de-indigenas-no-brasil/> Acesso em: fev.21.

GUARNACCIA, Mateo. Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura. 2001. Trad: Roberta Bani. Conrad.

IDEO. Design Kit. [2021]. Disponível: <https://www.designkit.org/> . Acesso em: abr 2021.

IIDA, Itiro. Apresentação. In: Bonsiepe, GUI. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Indígena. 2010 Disponível em: https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf . Acesso em: set 2020.

_____. Rio Grande do Sul. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/historico>. Acesso em: out. 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil. (2019?). Disponível em: https://piib.socioambiental.org/pt/P%C3%Algina_principal. Acesso em: jul. 2020.

ISOPPO, Rodrigo Schames. Da Ocupação à Retomada: novos modos de subjetificação em território urbano. Projeto de qualificação de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2020.

JORNAL NACIONAL. Aumenta o desmatamento em terras indígenas, diz estudo. 02 mar 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/02/aumenta-o-desmatamento-em-terras-indigenas-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: set. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Edna Lucia Cunha. **Design Gráfico, um conceito em discussão**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 1996. p.25-33. Rio de Janeiro. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408869/mod_resource/content/1/LIMA%2C%20Edna%20C.%20Design%20Gr%C3%A1fico%20um%20conceito%20em%20discuss%C3%A3o%20%28pg%2025%20a%2033%29.pdf. Acesso: out. 2020.

LIMA, Edna Cunha; MARTINS, Bianca. Design Social, o herói de mil faces como condição para atuação contemporânea. In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). **O papel social do designer gráfico**. São Paulo: Senac. 2011. p. 115-136.

LÖBACH, Bernd. Design Industrial. Base para a configuração dos produtos industriais. Tradução: Freddy Van Camp. São Paulo: Blücher. 2001. 206p.

MAMILOS 210: Povos indígenas: de onde viemos, para onde vamos. [Locução de]: Ana Carla de Sá. [S. l.]: Brainstorm9, 16 ago. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-210-povos-indigenas-de-onde-viemos-para-onde-vamos/>. Acesso em: ago. 2020.

MARGOLIN, Victor; MARGOLIN, Sylvia. Um Modelo Social de Design: questões de prática e pesquisa. Revista Design em Foco, vol. I, núm. 1, julho-dezembro, 2004, pp.

43-48. Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/661/66110105.pdf>
Acesso em 17 de abril de 2021

MARTINS, Alice. “A Ocupação Baronesa resiste e a chama não vai se apagar”, diz Alice. Fabiana Reinholz para Brasil de Fato. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2019/07/29/a-ocupacao-baronesa-resiste-e-a-chama-nao-vai-se-apagar-diz-alice>. Acesso em: set. 2020.

MARTINS, Dione. Dione Martins (XADALU). Xadalu - Oficina Poética Visual Urbana e Indígena, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 07 de out de 2019. Anotações manuscritas da autora durante participação no evento.

MARTINS, Vivian Suarez. Expressões visuais e intervenções urbanas: design gráfico, ativismo e manifestação social 2015. 188 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Design) - Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo. Disponível: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/ANHE_d9a4113b0acb283414c9f74f1659507f. Acesso em: mai. 2020.

MARTINS, Vivian Suarez; CAMPOS, Gisela Belluzzo de. Ativismo e Ativismo: Design Gráfico e Coletivos. DATJournal v.5 n.1. Disponível em: <https://datjournal.anhembib.com.br/dat/issue/view/11>. Acesso em: out. 2020.

MAZETTI, Henrique Moreira. Entre o afetivo e o ideológico: as intervenções urbanas como políticas pós-modernas. ECO-PÓS- v.9, n.2, agosto-dezembro 2006, pp.123-138. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1086. Acesso em: nov. 2020.

MORAES, Isabela. MTST: conheça o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Politize!. 2019 Disponível em: <https://www.politize.com.br/mtst-conheca-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

MÍDIA NINJA. Design Ativista. 30 jun.2020. Medium. Disponível em: <https://medium.com/news-quarentena/design-ativista-acb79ec0739c>. Acesso: fev.2020.

_____. Design Ativista lança iniciativa de produção de conteúdo para virar votos nas eleições. 10 nov 2020. Mídia Ninja. Disponível em: <https://midianinja.org/news/design-ativista-lanca-iniciativa-de-producao-de-conteudo-para- virar-votos-nas-eleicoes/> Acesso em: fev.2020

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. Centro de Referência de Assistência Social -CRAS. 1. ed. -Brasília. 2009. p. 72. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf Acesso em: jan.2021.

NASCIMENTO, Marilzete Basso do. E se fez o brasileiro... Design & Cultura. Organização QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Grupo de Estudos de Design & Cultura do CEFET-PR 2005. Design & cultura. Curitiba : Sol, 2005. 171 p. 33-56.

NEVES, Flavia de Barros. Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico. In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). O papel social do designer gráfico. São Paulo: Senac. 2011. p. 45-64.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. C169 - Sobre Povos Indígenas e Tribais. [2021?]. Disponível em: https://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_236247/lang--pt/index.htm. Acesso em: fev.2021.

PACIEVITCH, Thaís. História do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em: <https://elib.tips/historia-do-rio-grande-do-sul.html>. Acesso: out20.

PAPANÉK, Victor. Diseñar para el mundo real. Madrid: H Blumes Ediciones. 1977.

PRESSE, France. Estátua de escravocrata britânico derrubada por manifestantes é retirada do rio. G1. 16 jun 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/11/estatua-de-escravocrata-britanico-derrubada-por-manifestantes-e-retirada-do-rio.ghtml>. Acesso em: fev.2020.

_____. Mais uma estátua de Cristóvão Colombo é derrubada nos EUA. G1. 05 jul 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/07/05/mais-uma-estatua-de-cristovao-colombo-e-derrubada-nos-eua.ghtml>. Acesso em: fev.2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale. 2015. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico--2-edicao>. Acesso em: mar. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil (PDF). 1995. São Paulo: Companhia das Letras. Formato PDF. Acervo digital do Portal IPHI. Disponível em: http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Darcy_Ribeiro_-_O_povo_Brasileiro-_a_forma%C3%A7%C3%A3o_e_o_sentido_do_Brasil.pdf. Acesso: out.20.

REDIG, Joaquim. Design: Responsabilidade social no horário do expediente. In: BRAGA, Marcos da Costa (Org.). O papel social do designer gráfico. São Paulo: Senac. 2011. p.87-114.

RIO GRANDE DO SUL (ESTADO). Programa de Apoio à Retomada do Desenvolvimento do Rio Grande do Sul -RS. Proredes BIRD. Programa Swap do Rio Grande do Sul. Marco dos Povos Indígenas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, jan. 2012. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/21160812-marco-indigena.pdf>. Acesso em: set.20.

SALGADO, Ricardo Botini. Projeção de luz como intervenção artística urbana. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

SANTOS, Flávio Anthero Nunes Vianna dos. MD3E (Método De Desdobramento Em 3 Etapas): Uma Proposta De Método Aberto de Projeto para Uso no Ensino de Design Industrial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>. Acesso em: mar.2021.

SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE. Centros de Referência. mai 2018. Disponível em: <https://www.sns.gov.pt/institucional/centros-de-referencia>. Acesso: jan 2021.

SEVERINO, Elisete Lídia; BROCHADO, Juliana Miranda; TORRES, Sirlene de Fátima Ferreira. Ocupação Urbana e a Luta por Moradia: a organização social das Ocupações. I SEMINÁRIO NACIONAL: FAMÍLIA E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2017. Disponível em: [http://www.ppped.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais/wp-content/uploads/Ocupa%C3%A7%C3%A3o-Urbana-e-a-Luta-por-Moradia-a-](http://www.ppped.ufv.br/seminariofamiliapoliticassociais/wp-content/uploads/Ocupa%C3%A7%C3%A3o-Urbana-e-a-Luta-por-Moradia-a)

[organiza%C3%A7%C3%A3o-social-das-Ocupa%C3%A7%C3%B5es.pdf](#) Acesso em: out. 2020.

SILVA, Claudiene Diniz da. Hashtags sob o viés da semântica da enunciação. <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AX2J6S>. Acesso em: abr 2021.

SILVA, Daniel Neves. Maio de 1968. [2020?] História do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/maio-de-1968.htm> Acesso em: nov 2020.

SILVA, Rubens Silva.. **O cartaz político e poético: revolução em imagens**. Dissertação. <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-APEPRL>. Acesso em: abr 2021.

UOL NOTÍCIAS. Terras indígenas e UCS federais concentram 72 do desmatamento para garimpos na Amazônia em 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/06/terras-indigenas-e-ucs-federais-concentram-72-do-desmatamento-para-garimpos-na-amazonia-em-2020.shtml>. Acesso em: jun 2020.

_____. Black Lives Matter: entenda movimento por trás da hashtag que mobiliza atos. Imagem: Erik McGregor/LightRocket via Getty Images. 06 jun 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm?cmpid=copiaecolahttps://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>. Acesso em: jan 2021.

VENTURELLI, Suzete. Intervenção urbana: a experiência política ativista com arte, design e arquitetura. 2019. In: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UnB. V.18, nº 2/ julho-dezembro de 2019. Brasília. P.158 -168. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/29238/24944>. Acesso: nov 2020.

YOUTUBE. Que Ônibus Passa Aqui? | Shoot The Shit. Shoot. fev 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tMgffZtsKhU>. Acesso em: nov.2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTAS

PESSOA DESIGNERS ATIVISTAS/MILITANTE

O que quero saber

Pq ser um designer ativista? Como atuar? É possível individualmente? Quais meios de se fazer ativismo, e qual o que parece mais efetivo? O que sensibiliza mais? Como validar o impacto social? Há uma linguagem?.

É possível viver de ativismo?

Como vou perguntar

Obrigada por ter se disponibilizado, eu tenho um roteiro aqui, mas antes queria saber se posso gravar o áudio da nossa conversa

Me apresento: Olá, sou Taís Aline Salomão, estou estagiando na Procergs, venho de um contexto de baixa renda, estou na finaleira do curso Design Visual na UFRGS e essa entrevista é para o meu tcc1. Sua identidade será preservada, mas alguns dados são importantes saber, para contextualizar

Temática do tcc: minha pesquisa trata a respeito de como “dar voz” para o indígena em contexto urbano, a proposta inicial era através de uma Intervenção Urbana, mas as pesquisas fizeram eu perceber que é design ativista que eu queria abordar.

Pq escolhi o tema: minha identificação com a questão indígena, é que minha ascendência nunca é reconhecida, muito me identificam como oriental, mas que eu me explique, as pessoas não confiam no que eu digo. Sinto uma forma de preconceito, como ser oriental fosse melhor ascendência, ou por eu me orgulhar de afirmar minha hereditariedade indígena fosse algo tão impossível, que só possa ser brincadeira minha. Pq falar de descendência europeia é bem recebida e a nossa raiz não. E a intervenção urbana é algo que me toca, eu experieci a cidade de uma forma única, acredito que seja uma linguagem de acesso democrático, pois basta está ali para todos que passarem.

-- APRESENTAÇÃO Designer ativista:

Idade

Escolaridade

Profissão

Mora

Contexto socioeconômico:

---- perguntas:

Conte um pouco sua atuação como designer:

Como chegou no ativismo? Faz parte de um coletivo?

Teve alguém que te inspirou?

Como é a atuação de um designer ativista?

Quais as ferramentas de trabalho? Quais as técnicas e suportes utilizados?

Já praticou como designer ativista em alguma intervenção urbana? Qual/quais?

Qual o melhor resultado atingido por uma das atividades exercida?

Na sua opinião, qual linguagem mais sensibiliza as pessoas?

Pode ser ativista sozinho ou uma andorinha não faz verão?

Você sabe o que é um indígena em contexto urbano? Se não o que você acredita que seja?

Considerando a temática do meu trabalho, você tem alguma sugestão de atuação?

Poderia contar com você na etapa de validação da proposta?

PESSOA DESIGNER-ACADEMICA (1)

O que quero saber

Mestrado o que motivou? O que ele busca com esse assunto? Como os indígenas vem o nosso trabalho? O que fazer para eles? O que não fazer? Indígena em contexto urbano

Como vou perguntar

Obrigada por ter se disponibilizado, eu tenho um roteiro aqui, mas antes queria saber se posso gravar o áudio da nossa conversa

Me apresento: Olá, sou Taís Aline Salomão, sou estagiária na Procergs, venho de um contexto de baixa renda, estou na finaleira do curso Design Visual na UFRGS e essa entrevista é para o meu tcc1. Sua identidade será preservada, mas alguns dados são importantes saber, para contextualizar

Temática do tcc: minha pesquisa trata a respeito de como “dar voz” para o indígena em contexto urbano, a proposta inicial era através de uma Intervenção Urbana, mas as pesquisas fizeram eu perceber que é design ativista que eu queria abordar.

Pq escolhi o tema: minha identificação com a questão indígena, é que minha ascendência nunca é reconhecida, muito me identificam como oriental, mas que eu me explique, as pessoas não confiam no que eu digo. Sinto uma forma de preconceito, como ser oriental fosse melhor ascendência, ou por eu me orgulhar de afirmar minha hereditariedade indígena fosse algo tão impossível, que só possa ser brincadeira minha.

E a intervenção urbana é algo que me toca, eu experiencio a cidade de uma forma única, acredito que seja uma linguagem de acesso democrático, pois basta está ali para todos que passarem.

-- APRESENTAÇÃO Designer pesquisador:

Idade

Escolaridade

Profissão

Mora

Contexto socioeconômico:

---- perguntas:

Por que te interessou a questão indígena? O que te moveu a tratar na dissertação

Como foi a receptividade? O que eles esperam de um não indígena?

O que esperam de um não indígena designer?

Saberia me dizer se os aldeados tem famílias vivendo em centros urbanos?

O RS tem alguma aldeia indígena autossustentável? Ou todas que teve contato precisam exercer alguma atividade para receber dinheiro?

Que cuidados devo ter ao abordar o assunto?

O que você entende por indígena em contexto urbano?

Qual a sua opinião sobre a relevância do tema proposto?

Alguma sugestão, opinião ou algo que esqueci de perguntar:

Poderia contar com você na etapa de validação da proposta?

Muito Obrigada,

- não é dar voz, pois eles falam e falam muito, é escutar
- o design ajuda a digerir as informações, torna mais palatável
- não entrar na questão aldeia -indígena em contexto urbano
- tem que haver co-criação com a comunidade indígena
- comunidade subalternizada- reduzir o escopo do meu projeto,

PESSOA DESIGNER-INDÍGENA (1)

O que quero saber:

O que ela acha do tema? Sentiu alguma resistência durante a graduação? O que fazer e o que não devo fazer? O que ela entender por indígena em contexto urbano, ela conhece, tem parentes ou se identifica como? Já viveu em aldeia? Como ela acredita que o design pode contribuir para os indígenas? Se ela acha o título do trabalho, pq?

Como vou perguntar:

Me apresento: Olá, sou Taís Aline Salomão, tenho 40 anos, sou estagiária na Procergs, venho de um contexto de baixa renda, sendo aluna Prae, estou na finaleira do curso Design Visual na UFRGS e essa entrevista é para o meu tcc1. Sua identidade será preservada, mas alguns dados são importantes saber para contextualizar.

Temática do tcc: busco como dar voz para o indígena em contexto urbano, a proposta inicial era através de uma Intervenção Urbana, mas as pesquisas fizeram eu perceber que é design ativista que eu queria abordar.

Pq escolhi o tema: tenho ascendência indígena, minha tetravó era uma indígena que foi pego no laço, só que a história dela se perdeu no tempo, e essa parte da minha história eu não posso

E a intervenção urbana é algo que me toca, eu experiencio a cidade de uma forma única, acredito que seja uma linguagem de acesso democrático, pois basta está ali para todos que passarem.

-- APRESENTAÇÃO Designer indígena:

Idade

Escolaridade

Profissão

Mora

Contexto socioeconômico:

Como um não-indígena pode defender a causa indígena? Se sim, como?

Identidade indígena, ascendência e descendência, miscigenações?

Como ela acredita que o design pode contribuir para os indígenas?

O que são indígenas em contexto urbano?

Apropriação cultural, como eu posso evitar que isso aconteça

INDÍGENA DA OCUPAÇÃO BARONESA (I)

Vou fazer uma minipresentação para ti entender da onde eu parto, venho de um contexto de baixa renda, tenho 40 anos, tenho ascendência indígena, minha tetravó era uma indígena que “foi pego no laço”, se não bastasse essa violência sofrida por ela, houve o apagamento de sua história, é uma parte da minha vida que não posso contar, não sei a etnia ou localidade, como a família de minha mãe veio das missões, penso que seja guarani, mas tb podem ter se mudado para lá depois.

Eu entrei em contato com a questão do indígena em contexto urbano, recentemente, após um quadrinho-entrevista, essa questão da identidade e do pertencimento, é algo que gostaria de apoiar de alguma forma

Seguem as perguntas:

Como um não-indígena pode defender a causa indígena?

Identidade indígena, ascendência, miscigenações?

Como vc acredita que o design pode contribuir para os indígenas?

Definição do que seria indígena em contexto urbano?

Apropriação cultural, o que eu devo fazer para evitar que isso aconteça

APÊNDICE B - VISITA DE CAMPO CRIARS 02/12/2020.

Alice:... Então é isso, para agradecer essa inserção que de uma maneira e de outra a gente está La dentro, né através do teu trabalho, e daí vai começar a desconstruir, né quebrar mais uma paradigma do que é a construção de uma universidade pública que seria para todos mas não é, tanto que temos um processo seletivo para povos indígenas aldeados, isso é muito nítido e muito claro ali no termo de apenas 10 vagas, que também são coisas que a gente tá devagarinho se inserindo e pra tentar derrubar esse indígenas aldeados que tem ali e colocar então contexto, indígena em contexto. Aí que a sociedade em nenhum momento indígena insere nesse horizonte do que eles.

Dentro desta perspectiva ele continua se remetendo a esta lógica colonial na questão do purismo de raça não é o extremo a gente dizer que eles pregam quase a mesma coisa que o Hitler pregava, que nós temos que ter só a raça alemã e os outros nenhum presta e o resta tem de se exterminado né que era essa hegemonia. Quando a gente se depara num contexto na cidade carregando a nossa ancestralidade, carregando nossos avos, bisavós, tataravós que foram silenciadas violadas e um parente da aldeia chegam para nós e diz que nós não somos indígenas que não está dentro deste contexto de aldeia, de cercadinho, ele ta não só despeitando a nossa ancestralidade como também a ancestralidade por parte da família dele que vem porque ele está se esquecendo que muitas das ancestrais dele foram violadas, quando ele nos renega ele não nos renega a nos pessoas da desta comunidade, ele ta renegando a sua história. E to indo de encontro a praticar o que o colonizador colocou nesses 520 anos. Então esse auxílio que o movimento indígena com a lógica purista faz é muito bom para o colonizador, porque o colonizador é o que, dividir para diminuir as forças. E o movimento indígena no Rio Grande do Sul segue exatamente esta cartilha, por isto que a gente está dentro deste espaço que é o Centro de Referência, por isso que nós temos a nossa comunidade em uma região urbana que está fazendo este enfrentamento todo não só com a sociedade, mas também com os órgãos que teriam que dar esses amparos, mas também infelizmente com os nossos parentes em contexto de aldeia que no pensar deles são mais legítimos que nós. e agradecer por estar dentro de um curso de designer visual, porque isso tem tudo a ver com a questão da cidade como a gente se locomove. A arte é isso ela é muito ampla, a arte tu passa na rua e tu vê tem gravada nesta cidade o que as pessoas estão se expressando. O que a gente encontra colado é a expressão de determinados grupos que estão se colocando de uma maneira ou outra para fazer um enfrentamento político, mas as pessoas não se param para pensar e ter este minuto de leitura. Por isso é tão importante estarmos dentro de todos os espaços dentro de todos os cursos não só colocando nossos corpos em direção política, mas os nossa luta, a autoafirmação de quem nós somos e a que pertencemos e que estamos aqui e vamos seguir não interessa não interessa que falem A, B, C, D e que falem o alfabeto inteiro a gente não vai retroceder nem um milímetro.

Entrevistadora: viu no posto de saúde que colocaram parda para um indígena e quer saber o porquê

Porque no posto de saúde quanto no censo do IBGE nós temos uma marcação de indígena que eles usam para aldeia ou para os acampamentos, no posto se tu vais e diz que é indígena então a tua saúde tem de ser pela CESAI, que atende parte dos indígenas que estão dentro da comunidade mesmo assim não consegue suprir todas as demandas porque os que estão na periferia não conseguem ser atendidos pela CESAI, eu como uma indígena periférica sempre usei o posto de saúde, sempre ficou essa lacuna a ser preenchida né raça ou cor indígena, mas aí terão de fazer um anexo, porque indígena é só para que esta dentro de alvo de comunidade aldeísmo, isso é uma das formas também de nos violentar, porque os parentes da aldeia só coniventes. eu tenho pavor de falar, de bater na mesma tecla, mas os parentes da aldeia porque a nossa invisibilidade e falta de estrutura se dá por grande parte por culpa deles.

Entrevistadora: (sim, de excluir vocês desde...) exatamente. ne que é a exclusão fazer um apagamento. É uma exclusão e um apagamento e o pior de tudo como dizia Eliane Potiguara, não sejamos românticos, isso é racismo. É racismo.

Entrevistadora: Foi quando tu falou quando eu perguntei dos prefeitos indígenas, eu fiquei encasquetada quando ficou falando prefeitos indígenas prefeitos indígenas, aí eu fiquei pensando....

Alice: ... eles deixaram de ser indígenas por que está no poder?

Entrevistadora: ... uma coisa mais urbana do que ser prefeito, ele não deixou de ser indígena...

Alice: ...então nós não deixamos de ser indígena, por termos nós não deixamos de ser indígena

Por tido nossas gerações violadas e violentadas essas narrativas são de sumas importâncias é infelizmente triste de não conciliar os dois lados fortalecer o urbano com o aldeado.

Entrevistadora:é muito colonial para esse pensamento...

Alice: ...é muito é muito, mas não é só o pensamento é as falas. Eles não têm timidez nenhuma em falar em que existia meio índio, ainda falam errado, são indígenas e ainda falam índios que nem o colonizador, não sabiam que existiam meio índio, você é meio índia? Porque tu não mora na aldeia ou então tu é tudo Juruá que nem eu tenho ali escrito.

Entrevistadora: ... jirúá ???

Alice: é branco em guarani e fog é branco em Kaygangs

Entrevistadora: ... eu ia te perguntar, tem Alice Kaiowá, Alice guarani, Alice Martins, eu quero saber como me dirijo na escrita. Eu sou a Alice Martins d os movimentos sociais, que eu faço a 23 anos de luta defendo os territórios e fazendo esta discussão do que é o direito a cidade e ao território. Então eu começo La pelos treze anos com o meu pai é dos primeiros o conselheiro do movimento participativo pela zona norte.

Começa a ter de formar uma associação ao um grupo de pessoas que se unem para reivindicar NE, no bairro que estamos morando na periferia dessa época que eu tinha treze anos, na vila dos Herdeiros. Só tinha escola até a quarta série. Que é para que? Só para estudar até a quarta série na comunidade e não fazer o fundamental é tudo uma forma de genocídio e aí se envolver com tráfico. aí meu pai começa a conversar com as pessoas e as pessoas vão a essa escola tem de ter o fundamental completo tem que ter o segundo grau, não dá para estar deslocando, pra ti estudar a partir da do quinto ano da quinta série tinha que pegar um ônibus para estudar na bento Gonçalves que Ra o Pedro pereira, não sei se tu por ali e já viu. Aí tu tinha te deslocar, e aí onde estava a passagem para se deslocar, então se tu está numa periferia, como vai se deslocar, aí os caras fazem tudo de propósito. Aí foi discutido isso a continuação da escola a todo seu período até o ensino médio. O posto de saúde que não tinha era uma parte detrás da igreja dos Freis. Olha como é que eram, tem uma igreja La no Herdeiros, aí tinha uma parte de trás que Ra o salão de festa deles era onde um médico se desloca a cada quinze dias para atender no máximo dez pessoas que conseguisse, era um atendimento improvisado. Dentro de um salão de festas. Também essa demanda de ter um posto de saúde na comunidade com médicos NE tudo isso. Vamos para parte da regularização do saneamento do esgoto porque tudo era em céu aberto enfim porque tudo tem a ver com a saúde o saneamento básico e o tratamento de esgoto né, aí eles já d eixam isso com as valas abertas para as pessoas vão fazendo as suas casas serem colocados os dejetos.

Foi quando cresci vendo me indignando muito por que tem uma legislação, uma lei municipal e porquê que tínhamos de indo nesse ou naquele órgão para fazer reunião para reivindicar e não ser atendido, então a comunidade se fortalece através de reuniões e uma associação em seguida vem a OP uma proposta da participação popular dentro do município de porto alegre até aonde meu pai se insere e as coisas facilitam um pouco e os próximos passos é buscar uma creche, é porque tinha escola até o quarto ano, é obvio que não tinha uma creche comunitária, aí tu buscar uma escola para deixar os seus filhos em numa creche. Eu cresço nesse meio fazendo essa discussão, esse enftentamento e depois eu me afasto um pouco, mas também sempre com um olhar nessa coisa de estar militando de uma forma e outra, até que surgiu a ida para movimento de ocupação antes de fato só apoiadora depois vai para o movimento de sem-teto, aí em 2015 eu passo a morar na ocupação... //entrevistadora: ... nos lanceiros// ,

Alice: na Ocupação Sarai... //entrevistadora: ...porque o Rodrigo fala da ocupação lanceira//... ele fala da desocupação violenta, aí eu vou morar na Ocupação Sarai aí volta muito potente a questão da organização da militância Né de estar reivindicando os territórios, na cidade, mas nos centros urbanos, o porquê dessas populações estarem jogadas as margens, na periferia sem os acessos continua. Eu começo aos 13 anos, enxergar isso e ao 32 e 33 anos eu volto e as coisas continuam tudo na mesma situação dentro da periferia, as pessoas ficando sem casa para morar porque não conseguem pagar aluguel, o tráfico toma partes destas comunidades tira a casa dessas pessoas e as expulsas, porque o tráfico é assim ou você trabalha para eles ou tem de sair caminhando com suas coisas, quando eles deixam, ou só colocam a do corpo //interrupção Alice diz:.... fala Diego...// quando eles não têm de sair só com a roupa do corpo. Né

para ta procurando, uns ficam na rua outros vão procurar os albergues, mas a gente sabe que a política pública na questão da cidadania nesse município é péssima nós temos vários desmontes muito grandes, fecharam 02 abrigos no ano passado e hoje temos o abrigo Marlene que é o único que está resistindo próximo aqui, é no menino deus. Os outros foram fechados, esses desmontes do Markezan e a gente segue. Quando a gente fala em ocupar os seis imóveis próprios do município em 2019 no bairro Menino Deus através do 9 batalhão do brigada militar e um ano depois do primeiro mandato do Bolsonaro né, é muito arriscado pois está num processo de ditadura onde está tudo legitimado o fascismo, e a gente decidi a ocupar

Os imóveis do município de Porto Alegre, que estão a mais de vinte e cinco anos numa situação de abandono para lixo, para as pessoas estarem consumindo drogas, rolava muito assalto, eles ficavam La dentro e saiam para assaltar as pessoas que estavam passando aos olhos ali do9 batalham, porque o 9 está ali nas costas , e as pessoas falavam é muito arriscado fazer ocupação em 2019, vocês não vão ficar dois dias, imagina bem atrás da brigada militar. Aí eu disse não, nós vamos fazer uma luta para pertencimento desses povos, reunindo essas famílias, essas famílias sempre nos procurando, vamos fazer essa ocupação, vamos fazer essa ocupação, não tenho mais com pagar aluguel, to na casa do meu parente do na casa do não sei que lá, vamos fazer reunião com as famílias, e entramos tudo muito devagar, limpamos foi feito um processo, tudo muito silencioso para não dar um estardalhaço de primeira e não correr o risco de sermos tirados tão rápido né. A partir de 28 de março começa essa movimentação bem silenciosa, começar a limpar a fazer a vistoria dos casarões quais estavam aptos que tinham risco de desabamento, foi tudo aquilo que o município alegou, que era tudo mentira.

Entrevistadora: disse... Era só uma parede...

Alice: disse é, chamar os arquitetos, tem um laudo inclusive de todas as edificações tudo direitinho, e alias vem a discussão por pertencimentos, aí vem as famílias na sua grande maioria negras, com vínculos naquele território, porque são netos ou filhos de pessoas que moraram no Menino Deus ou são netos e bisnetos de pessoas que foram na época da escravidão, né que o corpos dos seus ancestrais tiveram passagens pelos aqueles lugares e pegando La de primeira a passagem dos povos indígenas que tudo era ilhotas, era tudo alagado; E a gente tem relato dos povos indígenas eles caminhavam por todo esse território do centro até por ser próximo do Guaíba nessa coisa da água, eles estavam sempre próximos tanto que ali depois se cria o arroio dilúvio a ponte pedra isso tudo tem um histórico, mas tudo muito remetendo a história para o povo negro, só que a gente de lembrar que antes da história do povo negro os povos indígenas ali passavam. Não ficar demarcando território eram sempre povos que desciam caminhavam seguiam, mas tinham vivência de 6 7 01 ano dois anos em determinado território. Como a gente faz essa leitura, por causa das questões das arvores, quando você vai falar sobre território de povos indígenas com todo o processo do desmatamento tudo que tentaram apagar e desvisualizar, você sempre pode observar que em todos os bairros têm nas tuas ou pedaços isolados arvores centenárias, era que tinha La uma árvore de 150 anos. A Polca, mas isso é uma leitura que você pode fazer em todos os bairros. No Montserrat um bairro que só para os nobres onde era a vivencia toda do povo negro dentro de determinados espaços que tem esses casarões antigos e todos remodelados nesse processo de gentrificação né e europeu da cidade num pátio desse se eles não mandaram retirar tu sempre vais encontrar algo que nos remete lá a 150 a 200 anos. E os povos indígenas plantavam ou deixavam as sementes para se eles tivessem que retornar ou se para outros parentes que ali passavam saber que por ali eles passaram, entende ? Por isso que tem essas trocas das sementes das arvores frutíferas dos chás das ervas. E o povo negro vem aprender muito como nós, sobre as questões das ervas, porque eles vêm da África, e diásporas e não tinham como trazer as ervas deles, aí eles aprendem muito com os povos originários a usar estas ervas. E daí também onde surge toda a questão toda da umbanda. Então é muita coisa, aí tu vai dizer aí Alice tu vais me deixar louca. E que sou uma mulher que sou muito pulsante né a minha vivência e minha criação é com todo o povo negro né eu sou uma pessoa que tenho um trânsito muito grande inclusive no movimento negro aqui em Porto Alegre. Quando tive no movimento negro não quer dizer no movimento negro específico te digo de núcleo, quando eu morava no morro da Cruz era as famílias todas negras e eu aprendi muitas coisa com elas, depois eu vou para Herdeiros também a maioria das família negras em tudo fica naquela convivência né, como eles são uma comunidade no final de semana, eles tem de fazer aquele churrasco tem que escutar aquele samba, tem o batuque, tem a sessão da umbanda na sexta feira né os caboclos e eu muito inserida nesse meio. Mas também tentando entender nesse universo né, qual era o meu lugar,

quem eu era sempre acusada de bugra, de índia que não era mais, porque estava morando na vila, morando na periferia, então é potente se tu sabe usar, porque tu sabe quem tu é, mas se tu não tem é certeza, não tem essa força é um conflito interno, porque a invisibilidade é da sociedade, é também do movimento indígena desse micro poder dessas coisas que eles estão aí acostumados. E estão aí, porque são determinadas famílias que detêm esse poder públicas e do bem viver dos povos indígenas e os povos indígenas nunca assim, se a gente for pegar e ler assim nunca tiveram essa coisa de tu manda em mim, eles caminhavam juntos, eles se encontravam foi- que deu inclusive todo esse processo de miscigenação de um Xokleng ficar com uma kaygang ou fica com uma guarani ter filhos caminhavam para outro lugar, enfim há um processo de miscigenação no qual a parte entre os povos indígenas o movimento indígena eles tentam apagar com a parte dos brancos ele não conseguem porque sabem não tem como não dizer que houve miscigenação de indígenas com brancos porque é infelizmente muito nítida e notória que as mulheres todas foram violentadas essa parte ele não podem negar, mas negam quando nos num contexto urbano da quarta ou quinta sexta geração não somos mais indígenas. E com os negros também há uma recusa, que tem a identidade afro-indígena isto também não querem dizer que as indígenas ficavam com os negros, e aí temos tantos netos e bisnetos de negros com indígenas também há uma recusa a se tocar nisso. Acho que essa minha vivência toda dentro junto com os meus parentes que eu chamo o povo negro, ele deixou muito nítido que a discussão tinha de ser muito potente pegando e entrando e desconstruindo tudo isso, essas amarras essas coisas tipo assim que eles querem visualizar o tempo inteiro que era o momento de gritar, foi de onde surgiu o grande desafio de fazer ocupação de um pertencimento ético dos povos. Sofremos uma violência do estado ficamos 7 meses, fomos despejados porque disseram que iam cair sobre nossas cabeças, fizemos um acampamento como os povos indígenas faziam antes né, ficamos 40 e poucos dias em uma calçada resistente tudo para mostrar do que somos capazes, quando queremos, sim romper as estruturas e fazer uma luta com focos diferentes. Não diferente quando quero te dizer, ah foi diferente porque surgiu da tua pessoa com o teu coletivo. Essa luta já existe só que as pessoas são o tempo inteiras apagadas e violadas. Porque as pessoas não têm vontade de chegar e dizer eu sou neto de indígena, sou bisneto de indígena ou meu pai tem sangue indígena e eu também tenho, porque as pessoas têm medo, isso é uma violação. Tu ter medo e dize e auto afirmar quem tu ES, é uma forma de violação. ne ta contigo porque tu não queres falar aquilo, porque só ouve falar coisas ruins, porque tu dizer que tu era indígenas, era preguiçoso, ser bêbado e as pessoas não querem carregar essas amarras, que o indígena espera tudo nas suas mãos, ou que o indígena se vendeu pelos espelhos quando o colonizador mostrou os espelhos para as mulheres indígenas ficaram encantadas foram e dizendo e dando tudo que tinham... //interrupção// Né e mais isso esse tipo de piada né, que tens que ouvir também nem mesmos sendo considerada indígena, gostam muito de fazer isso dizer que viram o espelho e se renderam. São várias formas de genocídio e etnocídio as violências e violações do dia adiam em uma sociedade colonizada segregada que impera o colonialismo mesmo. Tem parte da minha vó materna sangue negro, porque minha avó a mãe da minha mãe era sarara, sarara nada mais é do que negro. Tem essa questão do colorismo da questão das cores e meu avô guarani, Pejuçara pai da minha mãe, e por parte do meu pai o território de Lagoa Vermelha em Anorá em todo território indígena meu bisavô é dela. Então isso tudo, aí tem outras pessoas que dizem que gostam de estudar dentro da universidade que eu pareço muito com Xokleng também, mas eu digo que só essa duas para mim já ta de excelente tamanho por enquanto. Por que esse povo é tão preconceituoso que eu não queria ser de nenhuma das duas etnias, mas daí honrando minhas ancestrais, não é por eles a gente tem de compreender sempre isso né, por eles que vão nos apontar, continuam apontando e atacando é por elas que foram violentadas e silenciadas, tu tens que ter sempre esse norte eu carrego a ancestralidade, junto comigo e ao longo do tempo tem sofrido violações, Não é porque nós não fomos violentadas como elas foram, estupradas que nós também não fomos violentadas, somos violentadas quando a gente não pode se auto afirmar se auto declarar. E quando as pessoas apontam e dizem que nós não somos. Então nós também somos violentadas né. Nós vivemos uma vida sendo violentadas, desde quando a gente vai para a escola né e as pessoas nos apontam e tu não tem para dizer ali, ah, mas... tu é uma criança, como me tu vai dizer, eu cresci sabendo que era indígena. E a minha, mãe e meu pai sempre no processo de negação pra na cabeça deles tentar me resguardar de tudo aquilo que venho passando nos últimos anos né. Né, mas como uma criança vai fazer essa discussão, então isso é uma violência quando eles dizem a bugra, a índia começar a cantar a música da Xuxa e fazer oh-oh-oh que nem no dia do índio né, tem toda aquela coisa, que diz aqui se livro tu ta assim oh, só com essa folhinha e com esse penacho na cabeça. Isso é violência. Aí tu te torna adolescente, tu ta ali naquela diferente, terminado o

fundamental indo para o médio junto com as meninas negras que também está diferente, tu está deslocada, porque só as brancas as pardas enfim, então tudo isso a violência acontece ao longo de nossas vidas. Não é porque a gente não sofre uma violência sexual como as nossas ancestrais, é que não estamos também violadas diariamente. Até que um dia tu enche o saco e tu diz; vamos dominar essa porra toda aí, né, vamos fazer isso aí acontecer. E Chega de um dizer que sim outro dizer que não, um diz que sim outro diz que não, eu sou quem eu sou.

Entrevistadora: Tua acha que foi esse teu contato com o movimento negro que te deu força para ir atrás dos teus? Os indígenas em Contexto urbano, não sei se concorda com essa fala não parecem tão organizados atrás dos seus espaços, ou não chegam a mim como a história chegou. Interrupção chegada de outras pessoas, apresentação.

// Alice faz apresentações. Taís- Tuany... Taís é a que fez o TCC...//

Alice:... eu tenho acordo Taís que foi a vivencia com os negros, porque para mim todos os negros é um movimento, por isso que eu te digo, não é um movimento negro como uma sigla, é como eu no meio que cresci né, sim eles são importantes até para mim, foram importantes na compreensão de quem eles são aqui que eles estão em Diáspora, mas eu eles aprenderam muito né com os povos originais, e se teve quilombos, se teve zumbi, se teve Dandara, porque nossos ancestrais lá rua estiveram mostrando sabe, eles tiveram mostrando, e eu sou muito grata ao movimento destas pessoas, desses corpos políticos negros que me propiciaram esse momentos de trocas e de fortalecimento para mim me colocar né, meu pertencimento. //... interrupção... // Então tenho um acordo, eu falava sobre isso aqui na segunda feira, quando veio a outra menina a Ana, eu tenho essa vivencia dentro do povo negro, e é uma vivencia verdadeira, desde pequena, quando minha mãe saía para trabalhar, quem cuidava de mim era uma vizinha dela que tinha seis filhos, que era a Bia que era uma mulher negra que naquela época ela já tinha quase... eu tinha 5 6 eu tinha 7 anos e ela tinha 34/ 35 anos. Né então essas vivencias todas, eu ficando olhando, bah eu não sou negra, eu queria, eu lembro tinha uma época que eu queria muito ser negra, sabe?! Aí a minha avó é sarara, a mãe da minha mãe era sarara, é porque é negra né, mas eu não posso dizer que sou negra né, com todo esse fenótipo, um dos nossos encontros com a frente quilombola, sou militante da frente até brinquei com o Onir, eu não quero mais ser indígena, tu podes me aceitar como negra. Daí seria um prazer, mas a gente não pode, tem de lutar também, nós tamos aqui para lutar junto contigo. Então se é assim, assim será. Daí desse gritar, Taís desse ecoar, dessa minha vontade né de colocando quem nós somos e através das minhas redes sociais, é onde surgiu toda a nossa comunidade, a procura das pessoas né, agente, tem uma menina que agora no momento está afastada, foi a primeira que me procurou lá em 2016 2017. Quero te encontrar e contar par ti quem eu sou, fazer aí, te ajudar, como é que eu posso ajudar? Aí ela viu que sofreu tantos ataques no ano 2017 e 2018, ela disse aí eu não tenho nesse momento saúde mental pra ta, vendo tudo isso que tu passa, eles estão tentando silenciar novamente, assim como fizeram assim com as nossas avós, com as nossas bisavós, então é por isso que a gente tem de se unir para lutar, né existe movimento não existe comunidade indígena urbana de uma pessoa só. Né que eu propus a faze é o realmente as pessoas procuram e queiram estar juntas, queiram se autodeclarar, gritar quem é cada um, isso torna mais forte e mais potente nosso movimento. E aí assim estamos devagarinho. Eu aí quando tu começa, e eu digo agora é a hora de fazer a autodeclaração de entrar. Vamos ver se essa universidade aí dá certo esse negócio. E aí começa a falar porque eu sempre fui muito de entrar em contato com as parentes, que vi assim de umas falas diferentes daqui do sul, aí eu conheci a Sandra Benetiz não sei se tu já ouviu falar, é a primeira mulher indígena ser curadora do MASP ´´e antropóloga ela é Guarani Mambeba, Marisi que eu te passei o telefone que é do Rio de Janeiro que é uma mulher guarani também no contexto urbano que nunca morou na aldeia que a mãe não morou na aldeia enfim, é da aldeia maracanã do Rio de Janeiro. Então eu fui me conectando com essas pessoas, né conversando, né pegando um pouco, como seria assim antes teria que pautar assim, antes eu dei uma amarrada obviamente não com os parentes daqui mas com os parentes de outros lugares né, conversei muito com a Marcia Gambe, mas ela vem de uma outra vivencia, eu sempre procura falar com essas mulheres que falavam ser indígenas, indígenas em qualquer lugar, conecta com a Maracanã, começa a conectar com parentes de vários estados, é isso que está fazendo tem que buscar os parentes de vários estados, os parentes da periferia que estão aí sendo apagados sendo silenciados, porque só em maior número que podemos fazer e ter um projeto político nosso, já que os da aldeia tem os deles que eles batem tanto no peito que a FUNAI e a SESAI os ampara então nós somos auto sugestionar, mas demos visibilidade para todos através do nossos corpos políticos e fazemos e fazemos a sociedade civil entender quem nós somos. É isso que aconteceu na época da pandemia agora, a sociedade

civil olhou para esse coletivo para que é centro de referência afro-indígena do Rio Grande do Sul. O que era a ocupação Baronesa então várias coisas foram se desenvolvendo muito rápido apesar de a gente estar em uma época de pandemia é um período extremamente de difícil de caos, as o nosso ecoar de voz está dando muito certo.

Entrevistadora: teve uma duas fala s tuas com várias mulheres indígenas em contexto urbano eu não me lembro qual foi...

Alice: ... foi dá a *Live* da articulação Nacional porque a gente faz parte da regularização nacional de indígenas em contexto urbano e imigrantes. Quando a gente fala em imigrantes, a gente não está falando de imigrantes que vieram de outros estados, né ou de outros países, mas nós somos imigrantes em nosso próprio território. Também a gente tem essa conexão para articulação nacional. Agora no dia 11 e 12 a gente vai ter era para ser presencial um grande evento de encontro, mas vai ter de ser *online*. E tem os parentes indígenas da Venezuela, do Equador os Varaus que estão aí que participam e fazem parte integrante toda essa articulação para fazer essa discussão, serão dois dias atividades bem potentes. Porque a luta tem de seguir os povos indígenas em contexto indígena tem que ter seu próprio projeto político de enfrentamento. Então a gente está caminhando para essa construção, há vários estados inserido, há vários povos inseridos dentro desta articulação.

Entrevistadora: Tu achas que no Norte e Nordeste é mais trabalhado. Na questão de se agregarem.

Alice: ...No Norte e Nordeste eles começar a trabalhar mais forte o afro-indígena em primeiro momento porque os povos indígenas lá eram vistos como negro, por causa da miscigenação, porque eles em sua grande maioria né, tem mistura de dois sangues, sangue negro e sangue indígena, então para o movimento indígena, eles também não eram indígenas, eram vistos como negros, e o movimento negro colocou que eles tinham de se organizar em territórios r dizer sim, que eles tem seu sangue indígena também. Então rola uma organização mais tempo do que aqui no Sul, Já em São Paulo e no Rio já está sendo feita, mas sempre mapeando mais por mais território indígenas de retomadas, a comunidades. Esses descendentes que o Arão disse que não é para mim falar, então esses povos indígenas de 4, 5 e 6 gerações, eles se juntam e retomam o espaço, onde já teve a passagem dos povos originários e reivindicam o direito de estar ali através do seus ancestrais, que fizeram passagens, e aí também muita mistura aí com negro, tem os afro-indígena. Mas aqui no Sul tudo é muito novo né.

Entrevistadora:... A pessoa designer indígena que entrevistei me falou que, depois eu vou falar contigo, te perguntar algumas coisas, de que não é para me ligar em fenótipo né, deixou bem claro isto.

Alice: Taís Não te liga em Fenótipo, vai ter indígena de cabelo preto, mais clarinho. Nós temos agora pouco aqui, se tu tivesse vindo mais cedo, não porque ele foi mais cedo embora, tem o Ezequiel que é meu mano mais velho, se for pelo fenótipo ele é só índio, mas ele é filho de guarani, nasceu na beira de estrada em juruá em um acampamento, mas as pessoas só veem ele como negro, por isso a gente não pode colocar em questão do fenótipo em nenhum momento, e aquele texto da Marisi que te mandei traz muito isto. Ouço os indígenas dizer tem de ser assim, assado, branco, não é isso é a tua ancestralidade e aí tem uma leitura muito rápida que foi coloquei para os meus parentes. u, a fala minha no Ministério Público inclusive, né. “Em que estados vivemos e quais os nomes desta cidade e da donde nós viemos” Da onde vem os nossos pais, de onde vem nosso avós, então aí eu pergunto para eles, se todo território de Abylaiala é de território indígena, a gente ainda tem como fazer a contagem pela cidade do interior, porque estamos falando pelo estado de Rio Grande do Sul, a gente tem como fazer pela questão da cidade pela sua grande maioria há população indígena né que no primeiro momento só havia população indígena que foram retirados quando chega o processo dos colonos, aí os indígenas passam a ser imigrantes dentro do seu próprio território originário. É de onde vem tu, vem ela de onde vem eu, e lá do Amazonas é de onde vem a Raquel, então nós somos imigrantes dentro do nosso território originário. Né quando eu digo que os parentes aldeados eles continuam colaborando e muito com essa divisão e com essa lógica colonial né que estão a serviços do colonizador, ousou falar, não só no Facebook, falo quando faço palestra não tenho problema algum em falar, porque eles estão realmente seguindo esta cartilha, porque eles não estão se lembrando que nem os próprios ancestrais deles, foram também retirados de determinados locais, foram expulsos e saíram a caminhar, que é onde se dá esse processo da imigração. Aqui no Rio Grande do Sul é muito potente já deveria ter feito uma luta a muitos e muitos e muitos anos. Não deveria ter sido feita a partir de 2017 com

a Alice colocando isso na roda e puxando, isso deveria sido feito a muitos anos né, esse processo começa todo a ser feito na época da ditadura militar aqui no Sul, onde as mulheres indígenas foram levadas foram sequestradas e dentro deste cativeiro elas tiveram filhos porquês elas foram violentadas e estupradas várias vezes por vários homens, esses filhos agora que são netos ou bisnetos delas, estão por aí tiveram suas famílias tiveram seus filhos e aí está toda uma geração violada né que não tem força de gritar e dizer quem é, né por isso que a gente não pode pela questão do fenótipo. Mas sim sempre se a pessoa puder trazer a narrativa se ela tiver alcance ok, mas se ela não tiver alcance de trazer a sua narrativa porque foi violada e silenciada também não deve ser visto isto como algo negativo para que esta pessoa não se alto afirme no seu conhecimento, é isso é um trabalho muito da questão do psíquica, do psicológico, como tu faz uma luta e como tu tem o conhecimento de fazer estas pessoas gritarem contigo também quem elas são né. Se dentro dessa lógica toda dessa conjuntura se a pessoa não tiver um fenótipo indígena e sendo indígena e tendo um fenótipo já não é considerado porque não mora na aldeia, imagina para quem não tem todo o fenótipo.

Entrevistadora: ... Não é considerado, porque não tem direito, tu falou, que cresceu sendo estigmatizada

Alice: ...exatamente

Entrevistadora: ..., mas se eles reconhecerem que tu és.

Alice: ..., mas se todos se reconhecerem, Taís, nós seremos maior parte inclusive que os aldeados, consegue entender isto? Isso rolou uma discussão agora

Entrevistadora: ... e tem gente que tem medo disto...

Alice: ... Abra para todos, quando a gente estava falando disso, quando a gente estava falando do Marco temporal agora nos últimos meses, o Eloi falou isso, eles nos temem, se todos os parentes fossem lá e se autodeclarassem o seu pertencimento nós somos a maioria e nem a minoria e não esse recorte que falo que nós somos, porque nós vamos ser maior até que os da aldeia. Tu entende? Porque no Sul, por exemplo, imagina quantos indígenas em contexto urbano aqui.

Entrevistadora: ... Pois é, ... uma pergunta que tenho para meu projeto seria para trabalhar com os não indígenas, mas pelo que tu está falando é muito mais importante trabalhar esta questão de pertencimento.

Alice: não... nós temos que trabalhar o pertencimento e a retomada, temos que falar sobre esses corpos que andam diariamente na cidade e na periferia e são corpos que estão sendo estigmatizados e violados, violentados pelo sistema né tanto de serem jogados as margens serem marginalizados por causa do tom de pele quando essas pessoas não conseguem gritar e ter força para ser quem elas são. Então elas são classificadas como negras ou como pardas, sendo que elas são afro-indígenas ou só indígenas.

A **Entrevistadora:** Eu tenho só os olhos, eu tenho a boca pequena e as pessoas sempre me colocaram que eu era...

Alice: ... Japonesa, isso aconteceu muito comigo, ainda acontece disso. Eu fui numa loja com a Patrícia, e a daí a mulher disse assim, tu é japonesa com a pele mais escura, que legal. Bronzeada, daí eu isso, não eu sou indígena, mas eu não sabia que existia indígena que fala que nem tu. A moça disse que só aqui no Brasil que ela via chineses mais brozeadinhos. Era indígenas no metrô que ela via.

Entrevistadora: ... uma vez disse não, sou descendente de indígena, não para mim tu vais ser japa. Até te botei não te mandei isso, escrevi no meu relatório sempre me foi colocado isso.

Alice: A sociedade também como não é falado sobre os indígenas, então como a sociedade vê uma pessoa quem tem os olhos puxados, por mais que ela tenha um tom de pele com mais melanina, ela sempre vai ficar naquela coisa que é chinesa ou japonesa, ou boliviano e chileno. Boliviano eu não me ofendo, porque não nossos parentes também. Agora chamar de chineses ou japoneses, até de tailandesa foi chamada, mas não me ofendo porque os tailandeses também são indígenas. Mas tu me chamar de chinesa ou japonesa aí já viro uma monstra. Então é isto, agora para segunda parte é o pertencimento ético racial e as retomadas, a gente está em retomadas, não é algo que nós inventamos ou que alguém inventou para nós, porque nós somos as bisnetas tataranetas e netas daquelas que foram silenciadas violadas né que não conseguiram gritar. Então é retomada de um legado, né a gente está falando de povos

originários que a gente vem de uma linhagem de quem é dono desta terra e de que essas mulheres por que essas mulheres fora silenciadas já param para pensar em algum momento sobre isso, porque nossas ancestrais foram silenciadas e violentadas, porque tinham de diminuir o número da população indígena, e matar os homens obviamente, para o colonizador avançar ele tinha que dizimar esses povos, não tendo essas mulheres para dar à luz para dar continuidade a esses povos, não teria continuação os povos originários, mas em vários momentos eles tiveram muito azar e para nossa sorte, nós estamos aqui. Que houve essas e aquelas crianças que elas geraram e que foram espalhadas por qual lugar, que são os nossos ou talvez os nossos avós, tataravós, nossos, sei lá são muitas gerações, mas que vários persistiram e resistiram e nós estamos aqui, por isso que é um legado. Quando eu falo para as meninas que nós fizemos parte de um legado, é a retomada de um legado, um pertencimento porque nós somos filhas desta terra, e quando eu falo filhas desta terra é a fala mais exata que tem para se fazer, porque nós somos filhas desta terra, né, Abyayala era todo o território indígena, e se nós somos netas, tataranetas desses povos, nós aqui nascemos, somos filhas desta terra e nosso dever seguir esse legado. Romper essa barreira do silêncio, romper essa barreira do apagamento histórico dos povos originários. Isso aprendi muito com a minha vivência com o povo negro, né porque eles se organizavam, e eles continuam se organizando, né eles têm muito avanços dentro de várias estruturas. Porque eles começaram mesmo nós sendo originários, nós estando muito mais tempos que eles, eles com todo espaço de escravidão que passaram eles conseguiram se organizar de várias maneiras para romper várias maneiras do sistema né, principalmente dentro do racismo estrutural, há muitas mortes, os negros estão na periferia morrendo, há muitos corpos tombando diariamente infelizmente há, mas há um movimento constante do povo negro e ta cada vez mais se organizando. Organizando para estar quebrando estes paradigmas né, e para estar ocupando espaços de poder dentro de instituições dentro de vários lugares né coisas que nós, os povos indígenas tanto os aldeados que batem no peito para dizer que são aldeados que tem os amparos da Funai, CESAI, do governo que eles gostam muito de dizer isto, né que eu tenho 69 da OAT como indígena, eles não tem o mesmo poder de organização que o povo negro sendo eles então os verdadeiros donos desse território, não podemos esquecer que o povo negro está aqui em ásporas, atravessou o oceano e ancestralidade deles se remete a África né. Os corpos deles estão aqui, mas eles carregam essa ancestralidade e eles resolveram se colocar nuns países que não é deles num mundo onde não era deles, eles tiveram que se organizar e se colocar e fazer um enfrentamento, em contrapartida nós tivemos os povos originários que sempre aqui habitaram e não se organizaram para fazer o enfrentamento tanto que para os indígenas, e o que é agora nos últimos dez anos né. Povos indígenas vagas nas universidades acontece né, dez anos... nós estamos foi, 2008 2009 dez onze de processos de cotas dentro da universidade dez vagas, dentro das universidades privadas a gente não tem cota. Dentro de todas outras universidades o movimento negro tem cotas raciais, nós só temos na UFRGS dez vagas para, muito bem grifados aldeados. Entra pelo Sisu é o único meio que te dá uma autodeclaração. Você se declara raça cor ali tem indígena pardo negro branco, então é o processo do Sisu dentro da universidade pública de dar talvez o direto ao acesso de fazer a prova e passar e estar dentro dessa estrutura. Então anos e anos violações, mas também são anos e anos de atraso e atraso e é sim culpa dos povos indígenas aldeados. Quando alguém vem tentar romper com isso aí eles tentam silenciar de todas as maneiras que o que acontece com nós.

Entrevistadora: ...então aparte dos indígenas não serem incluídas nas cotas antirracistas...

Alice: Aham, impera essa lógica política que ele não pensa que ele sofre racismo. Eles não têm uma visão que ele sofre racismo, mas aí a gente está falando do Sul, ta Taís! Porque nos outros lugares os indígenas são superconscientes, mas aqui no Sul tem isto, tu não vê eles colocando para discutir a falta de racismo.

Entrevistadora:... Eu tenho uma pergunta, aqui no Sul existe alguma aldeia que ela mesmo se autossustente, q consiga plantar caçar, ou todas depende do estado? Por que lá para cima tem né?

Alice: , sim tem.... blábláblá

Assim para ter um parâmetro de uma por cima de todas as comunidades já visitei, e que a gente visita levando as cestas básicas, tirando fotos conhecendo os que apresentam para a comunidade, né não tem, cada um tem o seu

roçadinho mínimo de aipim batata-doce e melancia, mas como que vai e sustentar um ano inteiro só para...então as mulheres guaranis, a única fonte de renda para a família é a venda do artesanato. Né os kaygangs só da mesma maneira. Claro seus trabalhos que vem da Funai vem todo mês, mas enfim há uma grande miséria dentro das comunidades há falta de estrutura de saneamento, falta de estrutura de saúde mesmo, tanto que eles são amparados pela Funai, SESAI, pela EMATER. A EMATER ficou encarregadas dos governos do Lula e da Dilma de estar cuidando dessa parte da agricultura dos povos indígenas e quilombolas. Só que as mulheres indígenas elas vem ao centro urbano para vender os artesanatos, elas tem de consumir os alimentos que a gente consome né, então é um pouco da falta de estrutura da EMATER estar dentro das comunidades ´preparando essas terras esses fertilizantes por uma coisa é tu plantar em 1500, 1600, 1700, é tu plantar agora na década de 2000, sendo que o solo está completamente contaminado sendo que água potável não chega dentro das comunidades né, sendo que a grande parte das comunidades tem os riuzinhos os riachos agora, estão se organizando para ter um motor, um poço que puxe água nessas comunidades. Por isso, eu falo, das vivências que ti dentro das comunidades que eu fui. Mas pelo ouço falar que eu conversei com o Roberto que é o conselho higienista missionário as aldeias é tudo assim, falta de saneamento, tão que nas aldeias as mulheres não tem fogão, elas cozinham no fogo, o fogo na frente de cada casinha, e elas cozinham ali no fogo, para tomar banho normalmente as aldeias tem ali um uns lugares tipo um riachinho assim, é lá que elas tomam banham, e aquela água do posso ela deixa para usar para ta fazendo alimentação e para ta tomando né, e os produtos para ser consumidos dentro da comunidade são de suas grandes maiorias né o produtos já né provenientes de supermercados. Então cada um tem o seu roçadinho, mas aquele roçado vai dar para o que? Tu não vai todos os dias o ano inteiro se sustentar daquele roçado, a minha visão é essa,... com todo o aparato tanto de EMATER quanto de CESAI, Funai, assistência social da Funai deveria estar organizando essas mulheres artesãs para elas terem uma contrapartida a nível de verba federal ou do governo do estado ou municipal ou não interessa, em qual das instancias, eu na minha concepção a União deveria pagar as artesãs mensalmente um salário mínimo, porque elas produzem algo que é patrimônio da humanidade que é uma arte milenar de geração para geração. Mas isto é Alice que está falando.

Entrevistadora: “ Eu foquei no meu trabalho a questão indígena, não botei no afro-indígena, isso incomodaria ou poderia só citar ou tenho que fazer um adendo ali.

//Ruídos//

Estamos resistindo para existir, no meio de uma sociedade tão preconceituosa, isso ser de grande maioria de mulheres, tem outras que não estão aqui hoje, mas é isso é a mulherada, na realidade o único homem que tem é o Ezequiel e o Alex são dois homens, isso. Tu queres conversar um pouco com as gurias, é importante poder coletar alguma coisa delas hoje ou em outro momento

Entrevistadora: “Não sei “

Aproveita que já estou aqui, como se dá numa visão dela, de como esta comunidade de constitui que a gente tem que nortear um pouco isso...

Entrevistadora: Tu és de Manaus? Manauara?

Entrevistadora: Porque está aqui, é pela luta, foi pelo estudo?

Raquel: A princípio foi por oportunidade, a minha cidade não oferecia oportunidades que eu queria e vinha de uma realidade que o indígena está muito vulnerável, não sei se tu viu esta semana, uma criança indígena que foi sequestrada e estuprada dentro casa dela de uma comunidade indígena. Eu já cresci sob essas ameaças. Minha mãe falava se cuidar dessa exposição a violência sexual e quando a prendi a ler que eu vi que minha mãe tinha documentos que comprovam que era indígena que ela veio de um território indígena e não tem como dizer que não porque ela veio de São Gabriel da Cachoeira que a cidade mais indígena do Brasil né. Só que minha mãe não é ativista, não pertence a nenhuma comunidade, ela se afastou um pouco mais do território, que ela veio de longe, o interesse da minha na cidade, buscar oportunidade atrás do estudo, tanto que até hoje estou no mestrado na UFGRS. Buscando oportunidade a partir deste contexto que eu tinha de igreja católica... ciência política não institucionalização, eu saí e fui buscar outros meios e ao mesmo tempo eu fui dar um suporte para minha família em Manaus. Depois que eu voltei

para fazer mestrado. A seleção da UFRGS é difícil mesmo tendo cotas para indígenas... para quilombolas negros, é um número muito pequeno para aquele que se precisa... por exemplo na graduação que fazendo essa separação mesmo com documentos da minha mãe, fui sujeita a uma consultoria as lideranças masculinas de Porto Alegre, que eu não concordo. Eu como indígena nasci e cresci em contexto urbano, e que tem esse direito que nem a Alice reforça da autodeclaração. A própria assistente social orientou que eu teria duas possibilidades ou apresentar documento da minha mãe ou autodeclaração que qualquer cartório faz inclusive, e aí eu passei no mestrado depois e não passei no mestrado a primeira vez passei na segunda e não foi no curso que eu queria. Eu queria estudar o currículo da Educação indígena pro exemplo só que na vaga que eu fui era muito disputado, daí eu troquei de área tanto que hoje estou na inclusão, encontrar pessoas com deficiências.

Criar soluções educativas e pedagógicas, pessoas que precisam dessa inclusão, mas ao mesmo tempo eu trago para inclusão social também para questões raciais principalmente da indígena. E daí eu me aproximei do centro porque o Centro foi o único espaço indígena que eu sinto que realmente ouve nessa acolhida, porque até mesmo pelos parentes aldeados existe essas relações por conveniência, eu não sei, não é uma coisa tão diluída.

Entrevistadora: Então através do Centro de Referência, tu entrou em contato com a Alice.

Raquel: Hm hum, eu também morei em Utopia eu conhecia a Nancy também é amiga da Alice. A Nancy é minha...

Entrevistadora: Ah eu estou sorrindo não dá... tu falou ali da religião...

Raquel: Eu fui muito de igreja católica como te falei, eu não conheci muitas outras realidades, ainda uma questão de colonização, catequização, ainda coloca um estigma muito grande, porque faz parte do plano colonial substituir eliminar as religiões e culturas de outras pessoas são inferiorizadas em função do racismo e agora também entra em discussão nessa falta... eu também fui professora de ensino religioso, quando eu fiz essa educação religiosa aqui eu sai com certificado que posso dar aula de ensino religioso e uma das coisas que eu sempre busquei e colocar nos meus planos de aula é falar sobre a intolerância religiosa em questões religiosas de matrizes afro e para as culturas indígenas respeitar e conhecer e também pessoalmente, porque tu vai respeitar quando conhecer. E fazer essa desmistificação daquilo que não se conhece. Conhece a visão da história dos colonizadores de 1500 o falso descobrimento do Brasil e dos mitos criação porque sem o mito a religião não deixa de ser um muito e daí como saber como as outras matrizes enxergam essas espiritualidades.

Entrevistadora: Lá para cima vocês são mais organizados em contexto urbano, como eu perguntei antes para ela, ou não tem tanta diferença assim.

Raquel: Não, é indígena, tem gente que prefere não se reconhecer, que prefere tanto para o próprio racismo, porque a gente é inferiorizada, que vem de uma realidade. que vem de uma realidade de periferia de vulnerabilidade, então ao mesmo tempo, é uma proteção, uma forma de sobrevivência de não se identificar quanto indígena porque se torna uma pessoa muito mais visada. Porque a realidade indígena sofre muito mais quanto a sequestro, tráfico com humano, prostituição. Isso desde a época de... potiguara, até hoje não mudou nada, a violência doméstica, daí eu vejo que o pessoal conseguiu se organizar mais. Tiverem lideranças... não querer desestimar um parente... nem quer que se chame de parente... né porque saiu da sua aldeia né porque mesmo na cidade de minha mãe, eu chamo de comunidade nem chamo de aldeia por causa que a minha mãe fala que quando ela nasceu já tinha exército, já tinha guerrilha, já tinha a presença dos missionários salesianos. Então ela nasceu a comunidade era cristã.

Alice: a Igreja sempre fazendo essa mediação, né em questão da polícia, que dá no processo da ditadura estamos falando no Norte que também teve aqui no Rio Grande do Sul... Foi os jesuítas... A Igreja sempre sendo coloca como a salvadora, mas também violenta e viola o direito de existir desses povos de suas identidades céticas de seus pertencimentos.

Entrevistadora: Eu botei no trabalho sobre os jesuítas e foi...

Alice: é importante colocar que lá no Norte que o processo das bases militares né, como a igreja entra como a medidora a salvadora, uma mata e ou entra como salvador para colonizar...

Entrevistadora: ...“morde e a sopra “

Alice: exatamente

Raquel: sim nesses estudos mais avançados que dizem né, nem todo mundo teve acesso ao ensino médio, que nem era esse nome antes, nem uma faculdade também nem magistério nem nada. Quem quisesse se tornar freira ou padre a família teria que investir nisso. A família teria que pagar. Minha mãe conta que a gente queria ser padre, mas não tinha dinheiro para ser e tal. Tanto que lá em Manaus tem uns padres que são indígenas. Até se for ver até nas comunidades urbanas né, em Manaus a cidade tem um bairro reconhecido o primeiro bairro reconhecido indígena de Manaus tipo uma Lomba do Pinheiro se acha super...só que não. Não deixa de ser um bairro com todos os problemas que governo e prefeitura tinham que estar lá trabalhando, mas...

Alice: É um bairro periférico de indígenas em pleno Manaus em plena cidade, aquela que a televisão só mostra o Xingu só mostra a floresta amazônica, os indígenas que estão dentro da floresta. Essa população está toda periférica, só não está nos grandes centros urbanos morando, porque foram retiradas para deixar os brancos morar, mas elas estão com a Mao de obra o seu dia a dia a disposição de uma sociedade a disposição de um capitalismo que para não passar fome tu tens que trabalhar. Então tu é inquilino, tu está num lugar que é teu, mas tu não tens um lugar de fala. Em contrapartida tu não quer dizer quem tu é, porque tu não quer perder teu emprego, né tu não quer perder essa colocação mínima que essa sociedade te da.

Entrevistadora: Até agora dá na questão que está vindo na questão das vagas para negros, não sei por que não incluem indígenas...

Alice: Ah essa é uma discussão que nós estamos fazendo aqui, a partir da questão de ser docente ter vaga em setor público a gente não tem vaga para indígenas só para negros. Então quando citei para ti a questão do atraso, a estrutura dos povos indígenas, essas é uma das lacunas que está muito, muito aberto. São direitos dentro desses espaços... Você não vê o concurso que tem a vaga, não interessa que seja da cozinha do hospital Conceição que está sempre fazendo, não tem, só para negros e pardos né. Ainda não se avançou em nada a um projeto político étnico, é como eu falo. É de ocupar determinados espaços dentro dessa sociedade.

É algo que me deixa extremamente entristecida, essa comunidade a gente está trabalhando em todas para estar dentro de todos os espaços. Vão ser muitas buscas, é como eu falo na *lives*... há muito trabalho a ser feito, há muitas faltas para serem supridas, mas aí as pessoas devem ficar pensando, que tantas faltas elas querem suprir dentro do espaço. A universidade privada onde estão as vagas, é nos concursos enfim são muitas coisas e muitas coisas que a gente vai ter de correr e aí não é egoísmo que tu vai correr porque tu é urbano, porque tu é urbano e tu vais gritar e se conseguir ter esse alcance, e vai ser esse lá da aldeia que não se mexeu para fazer absolutamente nada aquele que ficou esperando pelo governo do estado.

Quando você grita por demarcação de terra demarcação já, você está gritando por demarcação do seu território. Né pra mim território tem a ver com o meu corpo é um território dentro desses territórios, pois onde eu andar tem que ter os acessos, ter que ter as políticas, está falando em território de povos originários, tem de falar em políticas públicas de direito né em bem viver numa sociedade completamente injusta hegemonicamente branca patriarcal que só nos empurram para as margens cada vez mais. Aí nos coloca quando tu vais cobrar, eles falam que esses indígenas, eles falam índios que esses índios querem aí cobrando se eles nem moram na aldeia. Vamos cobrar a invasão dos nossos territórios e de nossos corpos que resistem para existir diariamente. E é em nome disse que nós vamos gritar e ecoar essas vozes para esses direitos

//Final da gravação//

APÊNDICE C - LISTA DE ATIVIDADES COM O CRIARS

Data	Forma de Contato	Assunto
02/12/2020	Visita de campo	Conhecer o centro, suas integrantes e suas pautas de resistência, retomada do território ancestral e identidade.
10/12/2020	Mensagem	Arte para o card para ação de arrecadação de geladeira e cama.
13/12/2020	Mensagem	Solicitação para edição de fotos.
22/12/2020	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
04/1/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
05/1/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação. (proposta nossa)
13/01/2021	Mensagem	Edição de matéria para peça gráfica
14/10/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
27/01/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
31/01/2021	Mensagem	Vetorização Logo do CRIA/RS
07/02/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
14/02/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
20/02/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
02/03/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
16/3/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
19/03/2021	Reunião presencial	Encontro para discussão sobre o TCC, correções e ideias para as intervenções.
23/03/2021	Mensagem	Vetorização de arte.
24/03/2021	Mensagem	Peça gráfica para ação de arrecadação.
01/04/2021	Reunião On-line	Pautas internas do CRIA/RS
07/04/2021	Mensagem	Envio das artes da Intervenção para aprovação da comunidade.
08/04/2021	Reunião On-line	Pautas internas do CRIA/RS e aprovação das peças gráficas: lambes e adesivos.
16/04/2021	Reunião On-line	
18 -22/4/2021	Intervenção	

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO ON-LINE

17/05/2021

Percepção sobre os indígenas:

Percepção sobre os indígenas:

Este questionário foi elaborado para fundamentar o Trabalho de Conclusão do Curso de Design Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e busca compreender aspectos da percepção sobre os Indígenas.

As questões servirão somente para fins de levantamento de dados, análise estatística destes, auxiliando a compreensão da temática proposta, bem como, no embasamento e o andamento deste projeto acadêmico.

O Instrumento não busca realizar julgamentos de juízo moral e de valor. Seus dados serão preservados e suas informações pessoais não serão solicitadas. Caso escolha responder, solicitamos que seja o mais verdadeiro possível para que o estudo científico possa ser validado.

Ressaltamos que sua participação é essencial, voluntária e anônima.
Desde já, agradecemos sua colaboração!

Porto Alegre, fevereiro 2021.

***Obrigatório**

1. Qual a cidade e estado que você mora? *

2. Qual o gênero que você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino
 Não-binário
 Outro
 Prefiro não dizer

3. Qual a sua faixa-etária? *

Marcar apenas uma oval.

- de 16 a 24 anos
 de 25 a 34 anos
 de 35 a 44 anos
 de 45 a 59 anos
 60 anos ou +

4. Qual a sua escolaridade completa: *

Marcar apenas uma oval.

- Até 4ª série - Séries Iniciais
 9ª série - Ensino Fundamental
 3º ano - Ensino Médio
 Ensino profissionalizante - Técnico
 Tecnólogo ou graduação - Superior
 Mestrado e doutorado - Pós-graduação

17/05/2021

Percepção sobre os indígenas:

5. Qual a sua renda familiar? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- de 4 a 8 salários mínimos
- de 9 + salários mínimos

6. Qual a sua cor? *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Indígena *Pular para a pergunta 13*
- Amarela

Pular para a pergunta 7

7. Você possui ascendência européia? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei

8. Se sim, qual o grau de parentesco:

Marcar apenas uma oval.

- 1º grau - pais
- 2º grau - avós
- 3º grau - bisavós
- 4º grau - trisavós
- Não sei
- Outro: _____

9. Você possui ascendência africana? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei

10. Se sim, qual o grau de parentesco:

Marcar apenas uma oval.

- 1º grau - pais
 2º grau - avós
 3º grau - bisavós
 4º grau - trisavós
 Não sei
 Outro: _____

11. Você possui ascendência indígena? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei

12. Se sim, qual o grau de parentesco:

Marcar apenas uma oval.

- 1º grau - pais
 2º grau - avós
 3º grau - bisavós
 4º grau - trisavós
 Não sei
 Outro: _____

Pular para a pergunta 21

13. Você se identifica com a cultura indígena?

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 14*
 Não *Pular para a pergunta 7*

14. Qual a sua etnia?

15. Você possui ascendência africana? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei

16. Se sim, qual o grau de parentesco:

Marcar apenas uma oval.

- 1º grau - pais
 2º grau - avós
 3º grau - bisavós
 4º grau - trisavós
 Não sei
 Outro: _____

17. Você presenciou ou viveu alguma situação de preconceito? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

18. Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:

19. Você é um indígena: *

Marcar apenas uma oval.

- Aldeado
 Em contexto urbano

20. O que é um indígena em contexto urbano? *

Seção sem título

21. Você conhece ou convive com algum indígena? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

17/05/2021

Percepção sobre os indígenas:

22. Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas? *

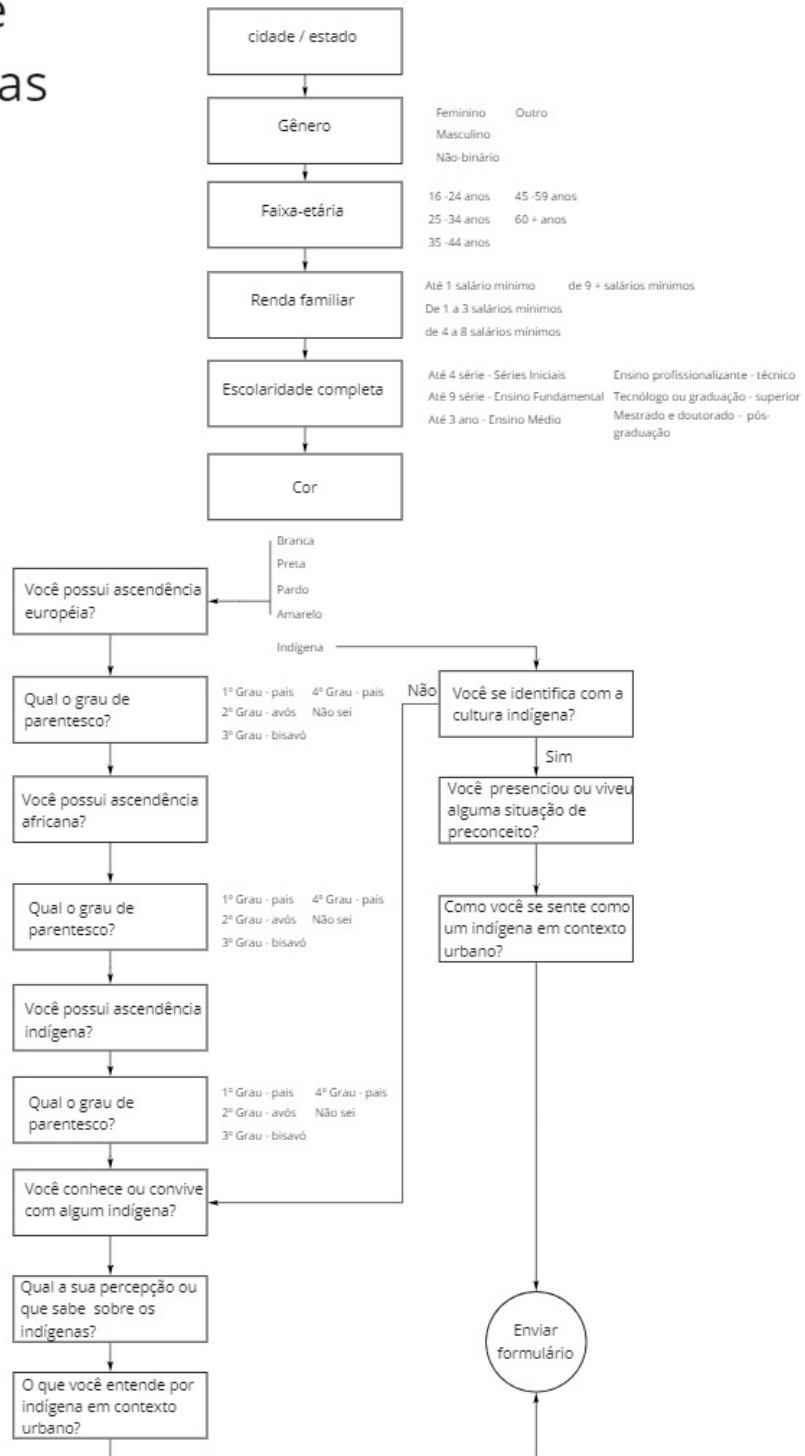
23. O que você entende por indígena em contexto urbano? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE E - FLUXO DAS PERGUNTAS

Fluxo de perguntas



APÊNDICE F - RESUMO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

17/05/2021

Percepção sobre os indígenas:

Percepção sobre os indígenas:

147 respostas

[Publicar análise](#)

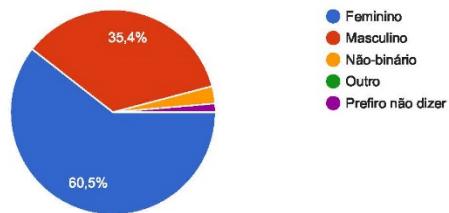
Qual a cidade e estado que você mora?

147 respostas

Porto Alegre
Porto Alegre - RS
Porto Alegre, RS
Porto Alegre/RS
Porto Alegre RS
São Paulo
Viamão
Porto Alegre
Viamão/RS

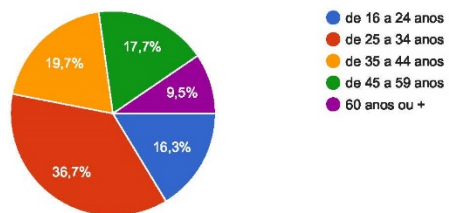
Qual o gênero que você se identifica

147 respostas



Qual a sua faixa-etária?

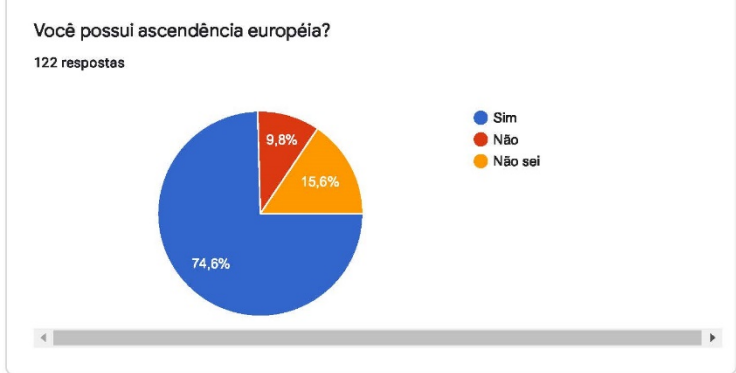
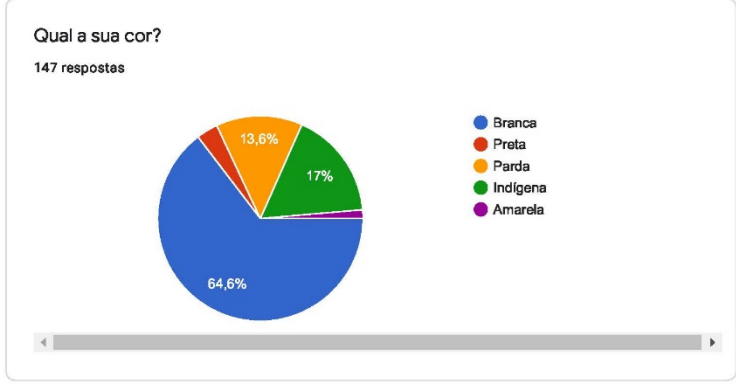
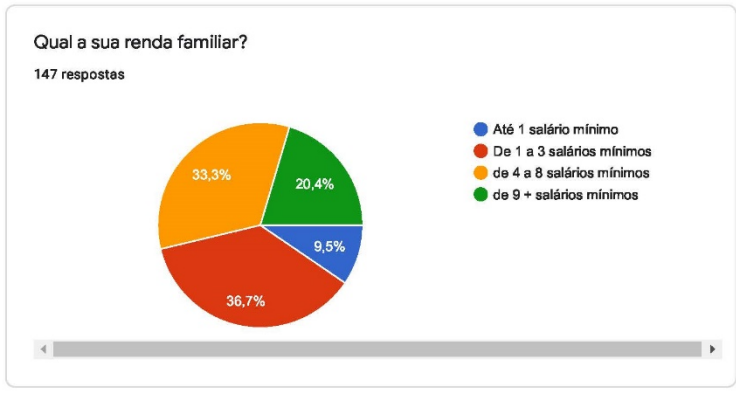
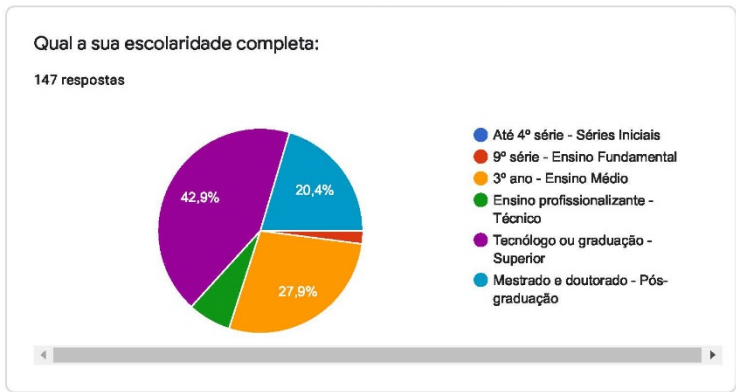
147 respostas



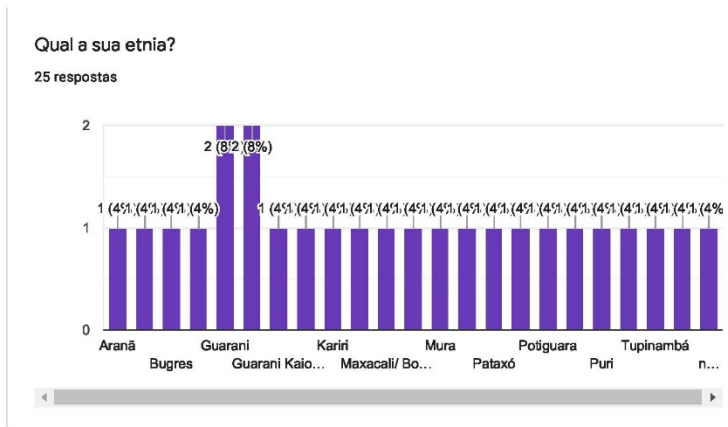
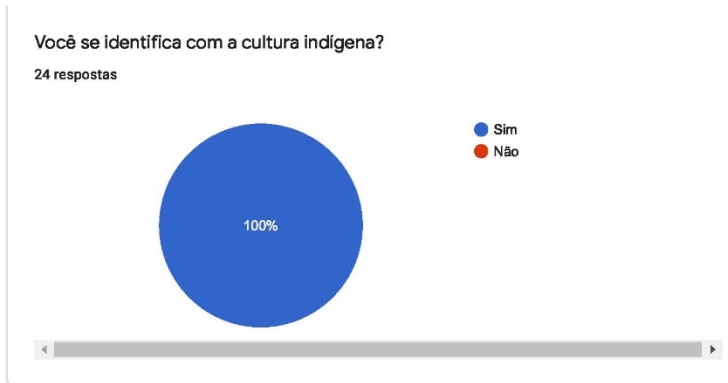
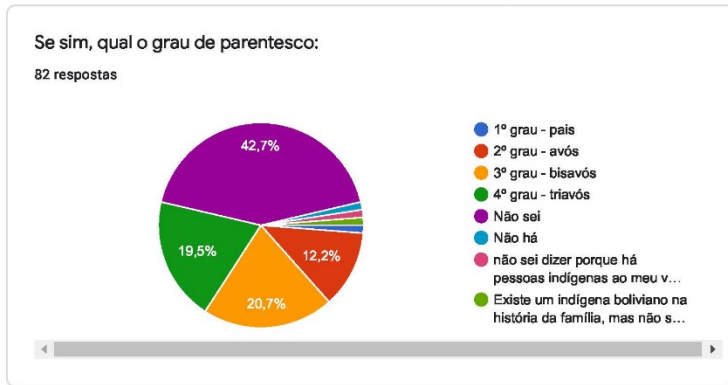
<https://docs.google.com/forms/d/1Bmb-v7F6OcBeyeDuQqFJ-xXi3atEGFGmiok34TlyhQw/viewanalytics>

1/8

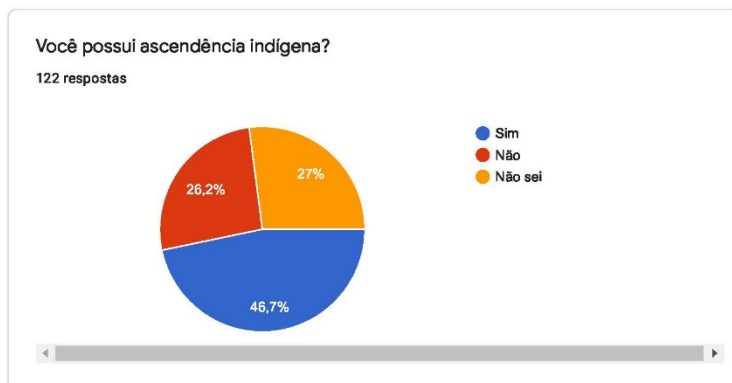
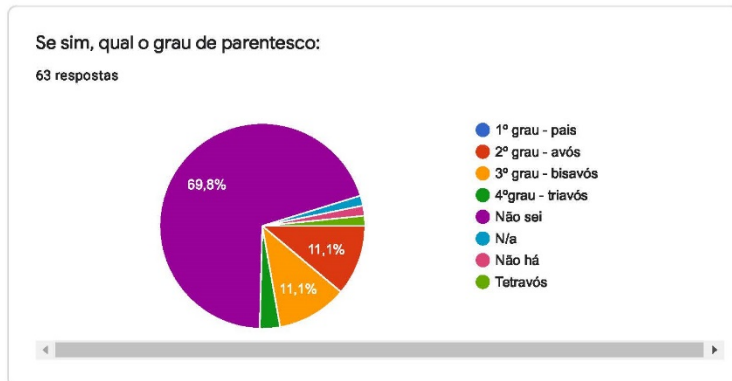
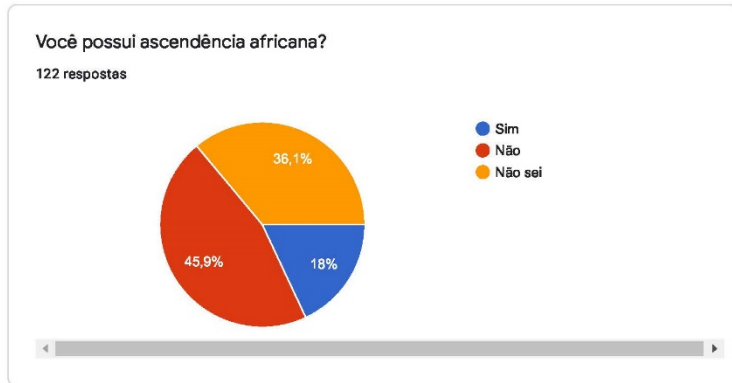
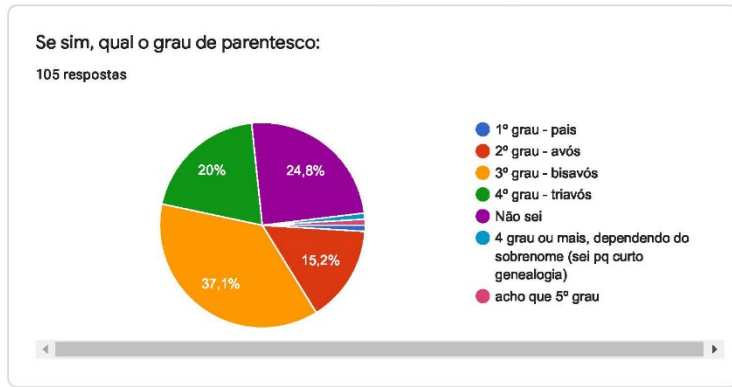
Percepção sobre os indígenas:

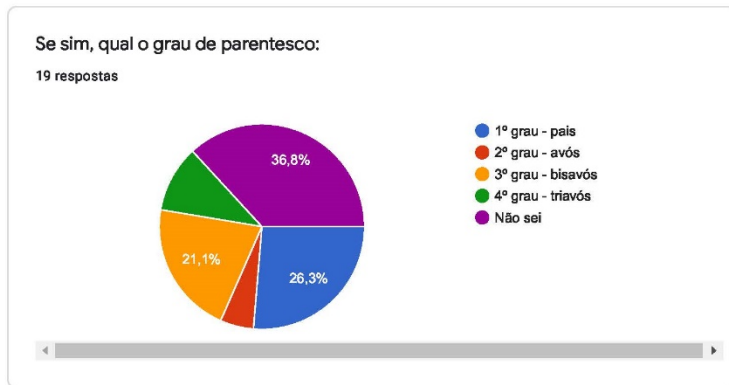
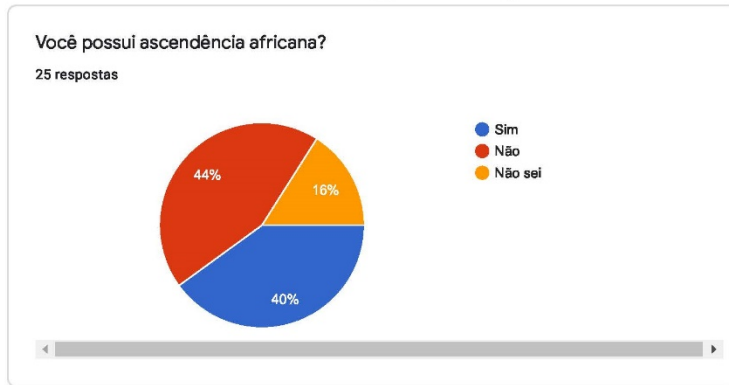


Percepção sobre os indígenas:



Percepção sobre os indígenas:





Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:

15 respostas

Quando criança ouvia que não éramos gente, por sermos Bugres.

Sou mulher indígena e todo o dia sofro preconceito e racismo.

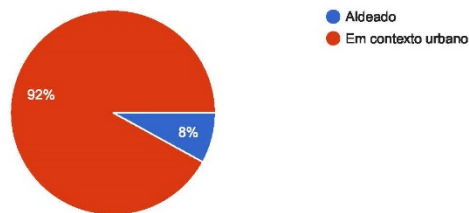
Quando cheguei no Rio Grande do Sul, me chamavam de índia para me humilhar, para demonstrarem superioridade. Também sofri xenofobia por ser nortista. Era Orientadora de uma escola e a diretora vivia fiscalizando meu trabalho porque vim lá de "cima", e a fama do norte é não ter uma educação qualificada. Também quando passei no Mestrado na UFRGS, ouvi: "eles tem obrigação de dar vaga pra índio". Expressões como: "o que está fazendo aqui, você deveria estar no mato"; "Só podia ser índia". E assim por diante.

Por viver em contexto urbano, muitos de nossos parentes aldeados não querem nos reconhecer como indígenas e isso é muito triste

Na Universidade questionam meu nível de cognição (demonstram surpresa por eu estar neste espaço)

Você é um indígena:

25 respostas



O que é um indígena em contexto urbano?

25 respostas

Acho que é quem nasceu e se criou na cidade, como o meu caso.

Índigena da cidade da periferia.

Um ser que por muito tempo foi apagado e subjugado pela sociedade e hoje busca reconectar a ancestralidade e levantar a identidade em forma de luta em honra aos nossos ancestrais.

Resistência para não ser engolida pelo projeto colonial que expulsou nossos antepassados de nossos territórios ancestrais.

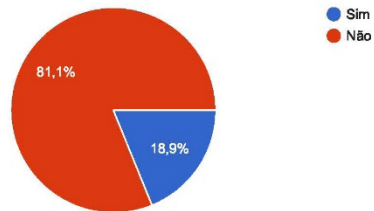
Um indivíduo em constante busca pela ancestralidade, que através da reconstrução histórica tenta entender os processos do qual foi submetido e assim se erguer dentro da sociedade e trazer a luta, a ancestralidade e a espiritualidade herdada dos antepassados. Defender nossos direitos dentro da cidade, e lutar em defesa dos nossos territórios e bem viver.

Ser indígena e não morar em aldeia e sim nas cidades

Seção sem título

Você conhece ou convive com algum indígena?

122 respostas



Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?

120 respostas

Muito pouco, o que leio e pesquiso. Conversa com amigos e etc.

Pouco, sei um pouco sobre aqueles que acabam vendendo artefatos pelas cidades.

um povo com cultura que deve ser preservada

Geralmente ligo indígenas a artesanatos

Povo que sofreu e foi escravizado pelo portugueses.

Conheço uma aldeia em São Leopoldo chamada Por fi Ga. Eles tem recebido cestas de alimentação por parte da prefeitura, agora no periodo de pandemia. Possuem uma escola própria no local e quaisquer ações realizadas no local passam pela autorização do cacique primeiro.

São os povos originários do lugar que hoje em dia chamamos de Brasil.

Povos originários do nosso país e continente que sofreram com a colonização

O que você entende por indígena em contexto urbano?

121 respostas

Povos indígenas que vivem nas grandes cidades, vivendo em comunidade ou não.

Hmm vendo essa frase acredito que é a integração dele com o meio urbano, ou talvez o êxodo para o meio urbano ou ainda apropriação daquilo que já era dele?!

Indígenas que não vivem mais em aldeia e estão na cidade

Pessoas fora de seu habitat natural

Aquele que perdeu sua terra ou precisou ir para o meio urbano por questões de sobrevivência.

Um grupo étnico que habita o país desde antes a colonização portuguesa

Todas as vezes em que vi um indígena fora da aldeia, foi no centro da cidade, geralmente mulheres vendendo artesanatos. Creio que os indígenas ainda são invisibilizados pela sociedade urbana no geral, e muitas vezes sofrem preconceitos.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

APÊNDICE G - RESPOSTAS DOS NÃO-INDÍGENAS

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
2/28/2021 19:54:30	São Leopoldo - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	de 9+ mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	2º grau - avós	Não	Muito pouco, o que leio e pesquiso. Conversa com amigos e etc. Povos indígenas que vivem nas grandes cidades, vivendo em comunidade ou não. Hm, vindo essa frase acredito que é a integração dele com o meio urbano, ou talvez o êxodo para o meio urbano ou ainda apropriação daquilo que já era dele?!
2/28/2021 20:36:16	Canoas - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: 3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Não	Pouco, sei um pouco sobre aqueles que acabam vendendo artefatos pelas cidades. Indígenas que não vivem mais em aldeia e estão na cidade
2/28/2021 20:36:56	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Sim	4º grau - triavós	Sim	Indígenas que não vivem mais em aldeia e estão na cidade
2/28/2021 20:46:32	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Sim	4º grau - triavós	Não	Geralmente ligo indígenas a artesanatos
2/28/2021 20:49:28	São Leopoldo - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Pessoas fora de seu habitat natural
2/28/2021 21:04:21	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	Até 1 mínimo	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Aquele que perdeu sua terra ou precisou ir para o meio urbano por questões de sobrevivência.
2/28/2021 21:34:02	Estado - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Técnico profissional zante - Técnico	de 4 a 8 mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Um grupo étnico que habita o país desde antes a colonização portuguesa
2/28/2021 21:37:13	Sul - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 mínimos	Branca	Não	Não sei	Não	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Todas as vezes em que vi um indígena fora da aldeia, foi no centro da cidade, geralmente mulheres vendendo artesanatos. Creio que os indígenas ainda são invisibilizados pela sociedade urbana no geral, e muitas vezes sofrem preconceitos.
2/28/2021 21:50:40	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 mínimos	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	4º grau - triavós	Não	Pessoa de ascendência indígena que vive e/ou trabalha em cidades urbanizadas, mantendo ou não as tradições culturais de seus povos de origem.
2/28/2021 21:58:07	Novo Hamburgo - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não sei	Sim	Não sei	Não	Aqueles que buscam no meio urbano uma subsistência para além da sua por cultura.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa: familiar e tecnológica	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
2/28/2021 22:12:34 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Qual a sua escolaridade e completa: familiar e tecnológica	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Indígena a saui da sua "tribo" e vive na zona urbana
2/28/2021 22:15:34 RS	Montenegro - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	Não sei	Sim	Não	Sei pouco. Mas minha percepção é de que sofrem ataques direitos do governo e dos ruralistas, e por isso colocaria os indígenas como um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira hoje	
2/28/2021 22:55:58 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	de 4 a 8 graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	Não sei	Sim	Não	São o povo original do Brasil e, apesar disso, são os mais marginalizados	
3/1/2021 1:28:06 RS	Montenegro - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Preta	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Sim	2º grau - avós	Sim	Sim	Eu acredito que hj em dia infelizmente existem pouquíssimos povos que conseguem se manter dentro da própria cultura a maioria já esta em algum nível mesclado a cultura branca europeia colonizadora.	
3/1/2021 8:31:21 RS	Montenegro - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	Não sei	Sim	Não	Acredito ser hoje em dia um grupo específico de pessoas que mantém traços, ritos e a cultura de seu povo originario. Afim de preservar e transmitir as novas gerações sua cultura.	
3/1/2021 12:04:43 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	60 anos ou +	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	Não sei	Não	Não	Minha percepção é que os indígenas são utopicamente tratados como "selvagens" ou "silvestres" e semicapazes perante a lei, tutelados pelo governo (e pelo povo). Quando a realidade é completamente diferente. O todos devemos, democracia, pois não?	
3/1/2021 12:43:18 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	de 1 a 3 graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não sei	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não sei	Não sei	Não sei	Não	São grupos mais excluídos da sociedade Mantém suas raízes se adaptando aos meios	
3/1/2021 13:11:17 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Se sim, qual o grau de parentesco?	Não	2º grau - avós	Sim	Não	Costumam morar geralmente mais afastados de centros urbanos, e mantêm tradições culturais até hoje. Trabalham muito com artesanato, mas a escolaridade dos jovens está aumentando cada vez mais.	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Se sim, possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/1/2021 13:14:30	Viamão - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Ensino Profissional de 1 a 3 anos - Técnico de 9 +	De 1 a 3 salários mínimos de 9 +	Parda	Sim	2º grau - avós	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Não	É um povo que preserva sua cultura seus hábitos com seus costumes, geralmente mais isolados da urbanização	Muito discriminados, quase excluídos, parece que o povo não considera eles um seres humanos. Mas graças a eles as florestas existem e o planeta ainda respira.
3/1/2021 13:21:25	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	Ensino Médio de 9 +	salários mínimos de 9 +	Branca	Sim	Não sei	Não	Não sei	Sim	Não	Não	Moram em aldeias em lugares não urbanizados. Não sei muitas coisas, mas tenho interesse em conhecer mais sobre. Assisti uma palestra de um indígena e achei super interessante as ideias e crenças dele.	Quase nada
3/1/2021 13:25:07	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	Ensino Médio	salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não sei	Não	Não	Não	Moram em aldeias em lugares não urbanizados. Não sei muitas coisas, mas tenho interesse em conhecer mais sobre. Assisti uma palestra de um indígena e achei super interessante as ideias e crenças dele.	Desfavorecido
3/1/2021 13:27:04	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 9 + salários mínimos Até 1	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Não sei	Não	Não	Assisti uma palestra de um indígena e achei super interessante as ideias e crenças dele.	
3/1/2021 13:29:45	Gravatá - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Ensino Médio	salário mínimo	Branca	Não sei	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não	Não	Só que aprendemos na escola, que tem sua própria cultura e outras coisas.	Não sei como responder.
3/1/2021 13:29:52	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Preta	Não	Não sei	Sim	2º grau - avós	Não sei	Sim	Sim	Povo que teve suas terras roubadas.	Não sei o que dizer.
3/1/2021 13:31:20	Porto Alegre - RS	Masculino	de 35 a 44 anos	Ensino Profissional de 1 a 3 anos - Técnico	De 1 a 3 salários mínimos	Parda	Não	Não sei	Não sei	4º grau - triavós	Sim	Não	Não	Acho que são importantes na nossa história e cultura. São muito diferentes entre si, de acordo com etnia ou tribo de origem. Tem uma cultura muito diferente da nossa, de unidade com a natureza. São muitas vezes esquecidos pelas políticas públicas e não tem sua cultura e espaços respeitados.	Só sei que invadimos o espaço deles.
3/1/2021 13:50:58	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	Não	Não	Imagino que sejam os que moram ou passam parte do seu tempo nas cidades.	
3/1/2021 13:52:43	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não sei	Não	Não	Não	São pessoas que vivem isolados e comem o que tem na floresta	Muitas indios estão estudando e se formando mas as pessoas tem o pensamento de que eles não podem fazer isso, eles também precisam da saúde então frequentam hospitais e vendem o que produzem na cidade
3/1/2021 13:59:00	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 9 + salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Não	Confesso que não sei muito sobre os indígenas. Meu conhecimento se restringe ao que li nos livros de história na escola	Acredito ser alguém que tem origem indígena, mas que vive na cidade, e busca preservar sua cultura.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a escolaridade e completa? ou graduação - Superior	Qual a sua renda familiar? ou salários mínimos	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus pais?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus avós?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus pais?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus avós?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/1/2021 14:14:25	Viamão - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	De 1 a 3 graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Não	QUE AINDA NOS DIAS DE HOJE CULTUAM SUAS TRADIÇÕES DE MORADIA E CONVIVÊNCIA.	ENTENDO QUE DEVERIA SER DIFERENTE DO QUE É NOS DIAS ATUAIS.
3/1/2021 15:49:27	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não	2º grau - avós	Não	Sim	Sim	sei que é um povo muito guerreiro, que convive com muitas dificuldades ao lutarem pelos seus direitos.	acredito que possuem dificuldade ao terem relações com indivíduos não indígenas, pois a cultura que pregam é muito diferente da cultura dentro de um contexto urbano e pode não compreender/aceitar pela sociedade num geral.
3/1/2021 15:50:04	Floripa - SC	Masculino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior	de 9+ salários mínimos	Branca	Sim	Não	N/a	Não	Não	Não	São pessoas humanas nativas da região.	Pessoas que tentam levar a vida conforme o que aprenderam, ou tiveram oportunidade de aprender
3/1/2021 16:06:57	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio ou graduação - Superior	de 9+ salários mínimos	Amarela	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Um indígena perante a lei seria um cidadão igual todos os outros brasileiros. Mas diria que ainda se tem muito preconceito e falta de informação e respeito sobre o que eles são hoje e eu me incluo nesse grupo de indivíduos que são de certa forma desinformados sobre o assunto.	
3/1/2021 16:56:10	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Sim	Não	Não	Gostaria que pudessem ter mais espaço e mais cuidados reservados a eles	Acho que é natural que aconteça esse movimento, mas imagino que devam sofrer de diversas maneiras, como preconceito
3/1/2021 16:59:15	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação ou graduação - Superior	de 9+ salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Não	Acho que sei pouca coisa	Não sei o que significa
3/1/2021 17:08:28	Porto Alegre - RS	Feminino	60 anos ou +	De 1 a 3 graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Parda	Sim	Não sei	Não sei	Sim	Não	Não	um povo que perdeu seu espaço na sua terra	um povo que saiu do seu habitat natural e vive no meio da civilização de outra raça
3/1/2021 17:39:22	Viamão - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não sei	Não	Não sei	Não	Não	Não	Acredito que o básico apenas, que eles foram os primeiros nativos do Brasil e tiveram suas terras invadidas. Sei que muitos indígenas já são adeptos da urbanização mas alguns ainda vivem em pequenos grupos e aldeias nas florestas, como por exemplo na Amazônia	Alguém que veio de uma área menos favorecida e teve que se adaptar as mudanças
3/1/2021 17:49:23	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Sim	2º grau - avós	Sim	Não	Não	São indivíduos com ascendência indígena e que compartilham uma identidade cultural bastante antiga e ligada à natureza.	Pessoas que convivem num ambiente urbano como todos, mas que possuem traços culturais únicos sobre antepassados e rituais.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/1/2021 18:29:41	Viamão - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	de 1 a 3 graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Não	Não	São autóctones. Pessoas comuns, de uma cultura diferente, diferentes valores e prioridades. Porém sinto que elas são um pouco desumanizadas por parte da população. História do início do descobrimento do Brasil. VEJO OS INDÍGENAS E OS QUILOMBOLAS INSERIDOS DENTRO DE UM CONTEXTO ÚNICO COM AS DEMAIS RAÇAS. SEM, COM ISSO, EXCEPCIONALIZAR OU INFERIORIZAR SUA CONDIÇÃO POR SEREM INDÍGENAS. DIREITOS IGUAIS. DEVEM TER IGUALDADE PARA TODOS. SOU INDÍGENA. SOU BRASILEIRO.	Não pertencem a esse a este contexto Talvez sejam pessoas indígenas que tentam se enquadrar/pertencer a um ambiente diferente dos quais eles estão habituados, neste caso o urbano.
3/1/2021 19:33:31	Alvorada - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	de 1 a 3 graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Preta	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Não sei	Não sei	Não	Que são uma minoria no país. Que aqueles que ainda vivem em tribos enfrentam diversas dificuldades por causa do desmatamento.	
3/1/2021 19:48:02	Porto Alegre - RS	Masculino	60 anos ou +	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não sei	Não	Não	PARTE INTEGRANTE E FUNDAMENTAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE LOCAL ÚNICA E INSERIDOS NUM CONTEXTO AMPLAMENTE IGUALITÁRIO, PARA FINS DE DIREITOS CIVIS	
3/1/2021 19:51:08	Rio de Janeiro - RJ	Feminino	de 25 a 34 anos	de 4 a 8 graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Parda	Sim	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	São pessoas indígenas que vivem em cidades, eu acredito	
3/1/2021 20:56:39	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Sim	4º grau - triavós	São os povos originários da nossa terra. Há diversos povos indígenas no Brasil. Há um grande descaço com os povos indígenas pela parte do governo e da sociedade. Acredito que os povos indígenas detêm conhecimento e cultura que devem ser preservados.	Posso estar errado. Mas Entendo que sejam pessoas que deixaram de viver na mata, por escolha, mas principalmente obrigados, que acabam por habitar as cidades. Eles são os verdadeiros brasileiros que foram retirados das suas próprias terras e atraídos a própria sorte na urbanização.
3/1/2021 21:00:43	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	de 1 a 3 graduação - Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	São os verdadeiros brasileiros	
3/1/2021 21:43:41	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	4º grau - triavós	Não	Não sei	É uma cultura rica e bem estabelecida, se n fosse por praticamente terem histórias antigas destas que foram apagadas pelos colonizadores teríamos um conhecimento até maior sobre a evolução do ser humano no continente americano e até mesmo poderíamos ter evoluções bem maiores	Acho meio triste que nem todos conseguem ser incluídos na sociedade por preconceito sobre seus antepassados ou sua cor

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa: familiar? 9ª série - Ensino Fundamental	Qual a sua renda mensal?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/1/2021 21:51:08	Embu das Artes - SP	Feminino	60 anos ou +	de 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não	Não	Sim	4º grau - triavós	Não	Não	Não	Não sei nada so que vivem pela luta pelas terras que lhe pertence e seus direitos eu	Eu nem vejo indígena em cidades
3/1/2021 22:19:49	RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - de 9 + Pós-graduação mínimos ou de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Sim	4º grau - triavós	Não sei	Não	Não	Um descendente dos povos nativos das Américas e que mantém a suas tradições	
3/1/2021 22:30:57	Curitiba - PR	Feminino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior ou de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não	Não	Entendo que é um indígena que mora na cidade... ⁽⁶⁾ São os indígenas que vivem nas cidades, fora de suas aldeias e, a maioria deles, vive de artesanato (cultura nativa) em condições - quase sempre - precárias.	
3/1/2021 22:40:05	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	graduação - Superior ou de 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não	Não	Não sei	Não	Não	São os nativos do Brasil.	
3/1/2021 23:21:51	Viamão - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - de 1 a 3 Pós-graduação mínimos	Parda	Sim	2º grau - avós	Sim	2º grau - avós	Sim	Sim	Sim	A não ser pelos indígenas que vivem nas reservas da região metropolitana, os demais tem abtos comuns a população em geral.	
3/1/2021 23:27:49	Novo Hamburgo - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - de 4 a 8 Pós-graduação mínimos ou de 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	4º grau - triavós	Não sei	Não	Não	Que precisou se adaptar à grande metropole em virtude do capitalismo e da falta de políticas públicas.	
3/2/2021 0:04:02	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	profissionalizante - Técnico ou de 9 + graduação - Superior	Branca	Sim	4º grau - triavós	Sim	4º grau - triavós	Sim	Sim	Sim	Pessoas que cultivam a cultura indígena de seus ancestrais.	
3/2/2021 0:10:15	Niterói - RJ	Masculino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior ou de 9 + salários mínimos	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Não	Não	Não entendi a pergunta.	
3/2/2021 0:45:36	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio ou de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Não sei	Não	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Sim	Sim	Vejo como um povo com seus aspectos culturais, que mantém eles ao mesmo tempo que se relaciona com todos os demais grupos de pessoas, convive em mesmos ambientes e recebe educação em uma instituição como as demais pessoas que existem na sociedade, trabalha com carteira assinada, como qualquer outra pessoa.	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/2/2021 0:49:55	Olimpia - SP	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	Não	Sofre preconceito, como qualquer minoria.
3/2/2021 6:40:20	Porto Alegre - RS	Masculino	60 anos ou +	Ensino Médio	salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	4º grau - triavós	Não	4º grau - triavós	Não	Aqueles que desejam novos conhecimentos indígena não aldeado que se encontra em um contexto urbano em busca de profissionalização ou estudo; ou que a família se encontra fora de aldeia a gerações.
3/2/2021 10:13:58	São Paulo - SP	Feminino	de 16 a 24 anos	graduação - Superior	salários mínimos	Amarela	Sim	4º grau - triavós	Não sei	Não sei	Sim	Não sei	Sim	Aqueles que desejam novos conhecimentos indígena não aldeado que se encontra em um contexto urbano em busca de profissionalização ou estudo; ou que a família se encontra fora de aldeia a gerações.
3/2/2021 11:27:13	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	3º grau - bisavós	Sim	4º grau - triavós	Sim	O povo indígena na minha percepção é de muita força, apresentando uma incrível pluralidade. São pessoas que herdaram importante sabedoria, que sabem viver no coletivo, compartilham narrativas que fortalece a união, dando força para seguir suas lutas e enfrentar as adversidades dentro de um sistema rígido, patriarcal e capitalista. Nosso sistema não reconhece a fortaleza desse povo, exclui, diminui e enfraquece essas pessoas, que buscam preservar nossa riqueza ambiental. Nosso dever seria proteger e incentivar, para que possamos manter o equilíbrio entre todos os seres. Hoje, é um povo que tenta sobreviver, com medo, perdendo seu território, perdendo sua riqueza para manter o aquecimento capitalista que cada vez mais, prejudica nosso meio ambiente.
3/2/2021 12:03:26	Rio Grande - RS	Masculino	60 anos ou +	3º ano - Ensino Médio	salários mínimos	Branca	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Pessoas que perderam seus territórios, buscam uma condição mais humana para viver, mas sentem a desigualdade, pobreza, o preconceito, muitas vezes negando e ocultando suas origens, para sobreviver neste contexto.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completá: tecnológica ou superior	Qual a sua renda familiar? de 4 a 8 salários mínimos	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de ascendência de parentesco?	Se sim, qual o grau de ascendência de parentesco: africana?	Se sim, qual o grau de ascendência de parentesco: indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco: bisavós	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/2/2021 12:22:01 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	60 anos ou +	graduação - Superior	salários mínimos	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não	Sou formada em história, fiz algumas pesquisas sobre indígenas, sei que hoje vivem em situação de extinção e miséria.	Descendentes diretos de índios.
3/2/2021 14:04:16 RS	Cachoeirinha - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	3º ano - Ensino Médio	Até 1 salário mínimo	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Indígenas vem em tribos pelo menos uma maioria. Pessoas que tem sua cultura e procuram viver nelas.	Que são nativos dessa terra e vivem em tribos e querem continuar cultivando e praticando suas origens e cultura mas que também querem estar inseridos nas cidades.
3/2/2021 15:24:08 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Mestrado e Pós-graduação ou Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Sim	Não sei	Não	Sei pelo que vejo e leio na mídia. Também pelo que percebo na ruas de Porto Alegre e litoral, em que se vê indígenas como pedintes e/ou vendendo artesanato. São povos muito humildes, subvertidos pela convivência com outros povos e com pouco acesso a saúde, políticas públicas e educação.	Não sei se entendi a pergunta, mas considero que são migrantes em busca de sustento. Pessoas que vem para as cidades, na grande maioria, em situação muito pobre, para pedir e/ou tentar vender artesanato para o seu sustento.
3/2/2021 15:30:17 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	60 anos ou +	graduação - Superior	salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Não sei	Não	uma pessoa que obrigatoriamente tem que se adaptar aos costumes urbanos	
3/2/2021 15:42:13 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 35 a 44 anos	tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Acredito ser o indígena que não vive em isolamento na mata, mas estabelecido em alguma aldeia dentro do perímetro urbano de uma cidade, indo a comércio e tendo contato mais direto com a cultura não indígena.	
3/2/2021 15:44:50 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 35 a 44 anos	graduação - Superior	salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	São pessoas que tiveram suas terras, costumes e cultura profundamente afetados pela colonização de outras etnias	São cidadãos de origem indígena
3/2/2021 15:50:36 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	tecnólogo ou graduação - Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Sei que existem povos espalhados pelo país que lutam para manter sua cultura, mas que passam por frequentes dificuldades na vida com a burocracia urbana e com outras entidades que não respeitam o espaço desses povos.	Indivíduo de determinada cultura indígena habitando um espaço urbano, uma cidade ou algo assim.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus pais?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus avós?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus pais?	Se sim, qual o grau de ascendência de seus avós?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/2/2021 15:53:54 RS	Santa Maria - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não	Sim	Não sei	Não	Os indígenas eram os donos das terras que vivemos (RS), os massacramos, cateizamos e atualmente vivem isolados em suas terras, permitindo uma socialização àqueles que possuem interesse, como vagas em universidades.	Um indígena num contexto urbano parece um tanto contraditório, já que parece oposto a sua cultura, e os humanistas diriam que não temos o direito de intervir na cultura deles, mas não penso assim. Penso que eles devem ter opção de acessar facilidades, saúde, segurança, cargos públicos e o que assim desejarem.
3/2/2021 16:01:22 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Tecnólogo ou Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não	Não	Sim	Não sei	Não	Conhecimento da escola e atualmente sei o que sai na mídia. Aldeias sendo dizimadas por doenças, exploração mineral, desflorestamento, conflitos armados com o 'homem branco'.	Não sei o que responder.
3/2/2021 16:05:15 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	profissionalizante - Técnico	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	POVO DE RICA CULTURA QUE SOFREU COM A COLONIZAÇÃO EUROPEIA	POBREZA SE NÃO "ADAPTADO"
3/2/2021 16:05:38 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	Enino Médio ou Técnico	de 4 a 8 salários mínimos	Parda	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	vivem fora da sociedade	excluído
3/2/2021 16:24:44 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Não	Não	Não	Que foram os primeiros a cultivar a nossa terra.	Que os mesmos foram expulsos da sua terra e são obrigados a viver na rua.
3/2/2021 17:07:14 Gramado - RS	Gramado - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não	Que tenho mais informação hoje sobre a situação deles, que na época da ditadura. Que não são guaranis que moram aqui na serra, mas kaingangues. Que há muito pra aprender e muito a ser feito para que tenhamos justiça e equilíbrio social.	Um indígena Uma pessoa com raízes indígenas cuja maneira de vida foi modificada devido à urbanização.
3/2/2021 17:22:09 Orlando, Florida - EUA	Orlando, Florida - EUA	Feminino	de 16 a 24 anos	Enino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	4º grau - triavós	Não sei	Não sei	Não	Não	Não	São povos nativos que habitam o Brasil desde antes da colonização europeia.	Entendo como a relação que o indígena tem com a cidade, por exemplo, muitos indígenas, além de terem suas vidas na comunidade, estudam, trabalham e interagem de outras maneiras com os centros urbanos.
3/2/2021 17:42:06 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não	Não	Não	Não	Minha percepção é que eles vivem em suas comunidades, provavelmente afastadas dos centros urbanos, e tentam ao máximo preservar sua cultura.	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Voce possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Voce possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Voce possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/2/2021 18:31:43 DF	Taguatinga - DF	Masculino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação em Tecnologia	de 9+ salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Não sei	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas? Acho que sofrem muito com a invasão de suas terras, indiferença e desrespeito.	A impressão que dá é que eles foram retirados a força das suas moradias, por vários motivos. Nenhum bom.
3/2/2021 21:34:08 RS	Caxias do Sul - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Superior	de 9+ salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Sim	Sim	Não	2º grau - avós	Muito pouco	Povo que vive em tribos
3/2/2021 22:06:32 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não	Sim	Não	A percepção é que mesmo levados quase a extinção ainda mantêm forte suas tradições.	Descendentes, mesmo não estando em suas aldeias ou sendo expulsos de sua terras.
3/2/2021 23:19:07 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Parda	Não	Não sei	Sim	4º grau - trivós	Sim	Não sei	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas? A percepção é a de uma população menosprezada e abandonada. Incompreendidos e marginalizados. Não conheço nenhuma tribo, mas vários indígenas que vivem ou na periferia ou no interior, onde ainda ecoam os ventos do passado escravagista. Minha avó materna era de origem indígena, só reconheci muito tardiamente. Ela tinha os cabelos pretos e lisos de pele morena e vivei com meu avô que era sarará (feições de negro de pele clara). Vindos do interior do Nordeste, onde é difícil distinguir as origens das famílias. Como muitos neste país, sou o pardo que não é nem preto, nem branco mas um pouco de todas as cores.	Nas grandes cidades, são marginalizados, deslocados. Se misturam à grande massa que luta por sobrevivência. Ou como figuras paradoxalmente exóticas (que vêm de fora, de outro lugar...mas como?). Em Porto Alegre, não é muito diferente de outras cidades do país. É preciso andar pelas ruas, ver que estão por aí mas quase invisíveis, lutando por espaço. Ao mesmo tempo que nossos hábitos cotidianos herda muito dos indígenas, não se olham para eles como parte da cidade. Ainda persiste no imaginário, a ideia de que deveriam viver no neolítico, no meio do mato e sem direito aos recursos ou sem direito à cidadania.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência de europeia?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/3/2021 7:52:03	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação - Tecnologia	de 9+ salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	2º grau - avós	Não	Moram nas aldeias ou em Beira de Estradas. Deviam ter proteção do Estado. Mantém os costumes de seus ancestrais. Não tenho conhecimento suficiente para opinar visto que os indígenas que conheço já nasceram e se criaram na cidade	Os descendentes de indígenas que vivem fora destas condições e que tenham como ascendentes mistura de raças já não deveriam ser considerados indígenas, na concepção da palavra, como grupo étnico. Assim como acontece com europeus ou negros em sentido de raça e não de cor, porque já se perderam os costumes ancestrais. Por exemplo, sou índia de ascendência, mas não conheço os costumes indígenas. Só aquilo que vemos nos noticiários e liemos em algum livro.
3/3/2021 8:59:43	RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Superior ou Tecnologia	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	São pessoas comuns que na sociedade atual pouco mencionam e possui poucos hábitos referentes a suas origens	
3/3/2021 9:06:21	Florianópolis - SC	Feminino	de 25 a 34 anos	Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não	Me remete ao processo de colonização desse grupo étnico pela cultura europeia.	
3/3/2021 9:24:30	Itaquí - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Sim	4º grau - trivós	Sim	Indígenas que moram na cidade. Roupas e cultura mudada. Entendo que não há problema serem inseridos no contexto urbano pois, precisam se manter diante da perda de boa parte de suas terras e para que saiam da situação mendicância que alguns vivem, de em alguns casos exploração da imagem com o turismo e cobrança de pedágios em estradas que passam por suas terras.	
3/3/2021 9:26:54	Taboado - MS	Feminino	de 45 a 59 anos	3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	4º grau - trivós	Não	São tribos que tentam preservar suas origens, com rico conhecimento sobre a natureza em geral. Vasto poder cultural e artístico. Povo unido que vive em comunidades próprias, dependentes e devotos da natureza. Mais suscetíveis às doenças do homem branco.	
3/3/2021 11:02:17	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação - Tecnologia	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não	Não	Não	4º grau - trivós	Sim	Pessoas humilhadas, sem direitos sobre seu território original.	
3/3/2021 16:21:47	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não	Não	Não	2º grau - avós	Não	Pessoas geralmente em situação de necessidade. A grande maioria deles quando moram em cidades trabalham muito com artesanato e chás, são excluídos da sociedade não sendo valorizados.	
3/3/2021 18:32:32	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Parda	Sim	Não	Não	Sim	1º grau - pais	Sim		

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a cor/sua cor?	Voce possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Voce possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Voce possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/4/2021 10:12:51 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não	O que você entende por indígena em contexto urbano? O indígena está cada vez mais inserido no contexto urbano, seja para somente trabalho, seja para moradia.	
3/4/2021 10:34:35 RS	Porto Alegre - RS	Não-binário	de 25 a 34 anos	3º ano - Médio	de 9 + salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Não	Sei muito pouco, mas me vem na cabeça as pessoas que vendem cestas e brinquedos de madeira no centro. Me parecem pessoas pobres, mas não me gera uma sensação de medo que as vezes acontece. Parecem pessoas que vão ali trabalhando e vivem em condições difíceis.	
3/4/2021 10:52:15 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	3º ano - Médio Tecnológico ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	4º grau - triavós	Sim	Não	Não	Me parecem essas pessoas do centro mesmo. No contexto urbano se perde um pouco da cultura.	
3/4/2021 11:16:06 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	3º ano - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não há	Não	Não	Não	Entendo que seja um processo natural que, no momento em que vivemos, seria inevitável se manter isolado.	
3/4/2021 11:31:10 RS	Campo Bom - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Não há	Não	Não	Não	Acho que eles são menosprezados o tempo todo, acho que eles mereçam muito mais reconhecimento e acolhimento. Até porque são donos do Brasil, né? Não consigo entender como e de onde veio esse desprezo pelos indígenas. Em sapiranga a prefeitura colocou pedras para que eles não pudessem ficar embaixo do Viaduto, em Campo Bom fizeram o mesmo no parque. Lembro de uma aula em Realidade da Cidadania Brasileira que a professora relatou que levou indígenas em um museu de SL e eles ficaram emocionados vendo uma geladeira muuuito antiga (aqueles azuis) e falaram que o sonho era um dia poder ter uma dessas. O Brasil deve taaaaando a eles e daí ver cada vez mais o governo genocida tentando acabar com eles. /	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indigena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/4/2021 11:35:25 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Parda	Não	Não sei	Sim	Não sei	Sim	Não	Sim	Assim como qualquer outro cidadão, os indígenas também possuem o direito a cidade. Entretanto, muitos deles veem para cidades pois sua terra está sendo destruída ou tomada por madeiras e grileiro, forçando-os a vir pra cidade na busca de sobrevivência. Instituições, como a Emater/Asscar buscam dar auxílio, mas nem sempre é fácil. Seria o indígena ocupando espaços urbanos e fazendo parte da sociedade urbana. Ocupando cargos, postos ou vagas em atividades profissionais e estudantis.
3/4/2021 11:50:06 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	Não	Sim	Parecem muito introspectivos
3/4/2021 12:24:43 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Não	Não	Não	Não sei	Sim	Não	Sim	Sou nascido em belém do Pará e tenho traços daquela região embora ainda fuja um pouco do fenolipo, estando mais voltado pra branco que para indígena de fato (acredito que eu tenha mistura de portugueses com índio). Cresci com hábitos e cultura que pra mim era apenas hábitos e culturas normais, até chegar no Rio Grande do Sul e ver que onde cresci existe a taxação de "cultura indígena". No começo me senti inferior, acho que o subjugamento da cultura exterior ao estado do RS é real, maior há 10 anos. Hoje eu tento resgatar minha cultura indígena pois quero valorizar. Acredito que indígenas possuem uma visão comunitária e de comunhão com o ambiente melhor que a imposta por modelos de sociedade eurocêntricos ou norte americanos. Gosto de ler o que Alton Kriehak escreve.
3/4/2021 12:55:20 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Infelizmente a primeira coisa que me vem a cabeça são os ambulantes das áreas comerciais. Ou cenas de violência como manchetes de "indígena é encontrado morto em parada de ônibus". É uma cultura fora do modelo imposto, logo, não aceita.
														São poucos indígenas que tem uma oportunidade.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indigena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/4/2021 14:48:03	Canoas - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não	Não	Não	Na minha cidade natal, havia muitas tribos indígenas que viviam nas redondezas, cresci ouvindo que eles eram "vagabundos" pois não trabalhavam e que eram oportunistas, pois apareciam na nossa casa para pedir roupas, alimentos etc. Eu tinha medo deles, mas comemorava o dia do índio na escola. Já vi protestos do povo indígena pedindo por respeito e melhorias para sua tribo, ainda assim as pessoas no meu círculo criticavam isso como arruaca. Porém eu cresci, mudei de cidade e fui aprendendo realmente quem eram os oportunistas da sociedade. Do índio foi tirado tudo, sua terra, sua cultura e dignidade. Não era mais possível a eles viverem sem ter o que caçar, colher... Eu fui ensinada a odiar os índios e ter medo deles, mas na verdade eles que são as vítimas... São pessoas que vivem em aldeias, com uma organização própria. Respeitam o meio ambiente e não comungam com os princípios do capitalismo. Muito pouco, apenas que é um povo com seus próprios rituais e cultura, estão sempre afastados, não sei se por opção deles ou da sociedade	Pessoas que precisaram mudar sua cultura para se adaptar a invasão do seu território. Acredito que os espaços indígenas estão diminuindo fortemente, o que leva muitos a migrarem para a cidade. Por outro lado, podem também estar na cidade para estudos.
3/4/2021 15:07:55	Porto Alegre - RS	Feminino	de 36 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação ou graduação - Superior	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	3º grau - bisavós	Não	Deveriam ter mais chance no contexto urbano e extremamente invisível e apagada	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas
3/4/2021 15:25:12	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	de 4 a 8 salários mínimos	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas
3/4/2021 18:53:03	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas
3/4/2021 19:16:27	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Ensino profissionalizante - Técnico	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Não	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas	Entendo que estão fora (por diversos motivos: exploração, pobreza, etc.) do seu habitat natural (natureza). São aqueles que têm que abandonar seu lugar onde vivem e por falta de oportunidades abandonam suas origens e se deslocam para áreas urbanas

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência européia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/4/2021 19:37:55	Alvorada - RS	Masculino	de 35 a 44 anos	Ensino profissionalizante - Técnico 3º ano - Ensino Médio Tecnólogo	De 1 a 3 salários mínimos de 4 a 8 salários mínimos	Preta	Sim	4º grau - travôs	Sim	3º grau - bisavós	Sim	3º grau - bisavós	Não	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas? São os guardiões desta terra. Os verdadeiros donos. A pureza, a magia, o conhecimento das ervas e plantas. E também o descaso para com esses povos.	Estão cada vez mais marginalizados. Fugindo da fome, da miséria e violência.
3/4/2021 19:40:35	Porto Alegre - RS	Feminino	60 anos ou +	Ensino Médio Tecnólogo	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não sei	Não	Não	Não	Não sei nada	Nada Acredito que sejam as pessoas que estejam em um contexto área verde x cidade ou índios que estejam trabalhando em regiões urbanas, para levar sustento aos seus.
3/4/2021 20:00:10	Canoas - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	graduação - Superior Tecnólogo	salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Não sei	Sim	Não sei	Não	São vítimas da sociedade urbana	
3/4/2021 20:32:02	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	graduação - Superior Tecnólogo	de 9 + salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Não	Não	Não	Não	Não	Não conheço os indígenas. É um povo que habita ainda, em grande número, o Brasil mas, vive esquecido, e são usados por oportunistas pra fazerem deles massa de manóbra. Infelizmente,	Não tive conhecimento sobre.
3/4/2021 21:26:50	Porto Alegre - RS	Feminino	60 anos ou +	graduação - Superior Tecnólogo	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não	Não	Não	Não	Não	Contribuem com sua arte e conhecimento de chás e poderiam contribuir bem mais, se tivessem apoio governamental....	Não entendo muito sobre o assunto, pois eles acabam vindo para a cidade para vender os seus produtos, é muito difícil de vermos eles fazendo outras atividades.
3/4/2021 21:28:01	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	graduação - Superior 3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não	Tetrvós	Não sei	Não	Não	Sei que eles possuem suas culturas, fazem artesanato, vivem em grupos mantendo os seus costumes	
3/4/2021 23:27:01	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	Ensino Médio	salários mínimos	Parda	Sim	Não sei	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Não	São excluídos da sociedade	
3/5/2021 7:24:44	Porto Alegre - RS	Masculino	60 anos ou +	Mestrado e Pós-graduação	de 9 + salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Não sei	Não	Não	Povos que precisam de ajuda para manter sua cultura	Lutando pelo sustento

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência européia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/5/2021 8:15:20 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	Qual a sua graduação - Superior ou Tecnólogo	Qual a sua escolaridade e completa: familiar?	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	2º grau - avós	Não	Marginalizados e verdadeiros donos do contexto urbano.
3/5/2021 16:01:19 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	de 4 a 8 graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não	Pessoas descendentes de povos indígenas nativas do país e regiões próximas
3/6/2021 8:30:21 RS	Montenegro - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	Alé 1 salário mínimo	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não sei	Não sei	Sim	Não sei	Não	Penso que por conta do colonização, crescimento dos centros urbanos e devastação das áreas verdes, eles acabaram "perdendo" a alma da cultura deles, sendo obrigados a migrar pra essa seiva de pedra. Digo "perdendo" pq na verdade foi sendo roubada, retrada deles ao longos dos séculos.
3/6/2021 8:52:15 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação ou Tecnólogo	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Sim	2º grau - avós	Sim	2º grau - avós	Sim	Infelizmente são discriminados, mas penso que é por ignorância, desinformação e desconhecimento, de boa parte da população, sobre a cultura indígena.
3/6/2021 10:51:47 Osório - RS	Osório - RS	Feminino	60 anos ou +	de 4 a 8 graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	2º grau - avós	Não sei	Não sei	Sim	2º grau - avós	Sim	Estão perdendo sua identidade
3/6/2021 21:23:33 RS	Porto Alegre - RS	Masculino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	acho que 5º grau	Não	Não	Não	Não	Não	Tem sido um tema de meu interesse de uns tempos pra cá. Andei pesquisando bastante sobre os povos, etnias e troncos linguísticos. Estou em um grupo no facebook sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e aprendi várias coisas, que também me despertaram curiosidade pra pesquisar mais por fora.
3/6/2021 23:11:02 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não	Não	Não	Não	Sim	Me vem a cabeça duas "categorias": "O indígena que foi forçado a esta "ocidentalização" não há muitas gerações e o indígena cujos ancestrais, de alguma forma, já sofreram esse processo à mais tempo. De qualquer forma, são povos que sofreram diásporas dentro de seu proprio continente.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/10/2021 15:20:54	Montenegro - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Não sei	Não sei	Sim	2º grau - avós	Não sei	Não sei	Não	Os índios foram os primeiros habitantes do Brasil, desconhecer ou desmerecer sua importância é o mesmo que negar sua cultura e suas raízes! É herança cultural e diversidade!	Mudança da terra de origem para cidade.
3/10/2021 16:51:56	São Paulo - SP	Feminino	de 35 a 44 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	Até 1 salário mínimo	Parda	Não sei	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	3º grau - bisavós	Não	Sei que é um povo que ainda luta em difícil batalha por seus direitos, povo que merece viver em paz da forma que deseja, povo que preza, valoriza a terra a natureza e tudo que ela nos fornece.... retribuindo com os cuidados, povo de muita sabedoria, etc. Sei que a discussão em torno das pessoas indígenas é diferente em alguns sentidos da discussão racial, já que se trata de uma discussão étnica. Entendo que pessoas indígenas como pessoas que compartilham determinados "costumes", culturais e que tem sua identidade étnica reconhecida pelos membros do coletividade.	Que estes vem ou vivem nas cidades...e sofrem com preconceito e discriminação.
3/10/2021 17:13:23	Agostinho - PE	Masculino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	Até 1 salário mínimo	Preta	Não	Não	Sim	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	Acho que eu consigo pensar em pelo menos duas situações: Pessoas indígenas nascidas em aldeias que precisam ir para as cidades pela pressão de trabalho formal, estudos formal etc, pela sobrevivência, e pessoas que tiveram sua identidade étnica apagada pelo processo de miscigenação e colonização, que cresceram longe de suas raízes e tão nesse processo de descoberta e retomada.	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você possui ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você possui ascendência indígena?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você conhece ou convive com algum indígena?	Qual a sua percepção ou que sabe sobre os indígenas?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/10/2021 18:02:13	Lavras - MG	Não-binário	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Parda	Sim	2º grau - avós	Não sei	Sim	Sim	como tal	Sim	Não considero que eu saiba muito, porque é um universo amplo e diverso para se conhecer. São muitos povos e étnias diferentes. Sempre tive experiências de aproximação com alguma cultura indígena pelo meu histórico familiar e por conexão íntima própria, também. Mas tudo no contexto de quem cresceu em contexto urbano, no qual as coisas chegam diferentes, e até mesmo distorcidas, embora sejam pontos que eu sempre levei em consideração, buscando uma conexão mais verdadeira para além dessa. Enfim, seria muita coisa para escrever sobre o assunto, ainda que essa coisa não chegue perto da imensidão real.	contato com os colonizadores, e o resultado disso se deu de muitas maneiras. Muitas vezes, aldeias foram despejadas e terras tomadas, deixando indígenas sem ter para onde ir e indo para centros urbanos tentar a vida, ou então, outras pessoas indígenas foram mantidas em condições de exploração no meio rural e em algum momento elas ou os descendentes delas migraram para as cidades. Em muitas dessas histórias, os descendentes são fruto de violações entre essas pessoas e pessoas de outras raças, principalmente brancas, ou por vezes fruto de afeto com pessoas de outras raças, também. Mas no primeiro caso se enquadraram no projeto de embranquecimento do país. São essas pessoas, forçadas a se desconectarem de suas aldeias e por isso muitas vezes perdendo a conexão com ser indígena, quando retomam ou porque vivem essa conexão mesmo distantes das aldeias de origem, que são os indígenas em contexto urbano. Ou simplesmente aqueles que recentemente migraram para cidades também onde acabaram firmando a vida sem perder suas origens e passando elas para suas próximas gerações, seja porque as violências do sistema nas aldeias continuam pressionando indígenas a sair delas, ou por vontade própria, mesmo. A questão é que indígenas são (ou talvez, somos, pq se eu for, esse seria meu caso, mas minha mãe é branca e meu pai só reconhece a minha mãe é branca e meus pensamentos nativos em ambientes transformados pela lógica de consumo e organização social ocidental. Aqueles que pura algum motivo foram inseridos na cidade e não vêm condições de voltar ou reestabelecer vínculo com seus parentes
3/10/2021 18:51:58	Extremoz - RN	Masculino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	Até 1 salário mínimo	Parda	Sim	Não sei	Não sei	Sim	Sim	2º grau - avós	Sim	As pessoas nativas de Atya Yata que foram vítimas da pilhagem das nações imperialistas do Ocidente	
3/10/2021 21:41:45	São Bernardo do Campo - SP	Masculino	de 35 a 44 anos	Ensino profissionalizante - Técnico	De 1 a 3 salários mínimos	Branca	Sim	Não sei	Não	Sim	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Um povo coletivo e unido	

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade e completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Se sim, qual o grau de ascendência europeia?	Se sim, qual o grau de ascendência africana?	Se sim, qual o grau de ascendência de parentesoo: indígena?	Se sim, qual o grau de parentesoo: indígena?	Se sim, qual o grau de parentesoo: indígena?	O que você entende por indígena em contexto urbano?
3/10/2021 23:37:29 SP	São Carlos - SP	Não-binário	de 45 a 59 anos	Mestrado e doutorado - de 4 a 8 Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Parda	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	<p>Pessoas ou povos que vivem não aldeados, ou seja, fora de seu território original, vivem em cidades por diferentes motivações, seja em busca de condições melhores de vida porque a vida na aldeia tornou-se precária, para estudos ou trabalhos temporários, ou até "indígenas ressurgentes" que são descendentes nascidos e "adaptados" ao meio urbano, que perderam parte da conexão com sua história de origem devido a processos de opressão e exclusão social ou "políticas de branqueamento", mas que entraram em processo de reconhecimento e resgate de sua ancestralidade indígena.</p>
3/10/2021 23:59:08 São Paulo - SP	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Branca	Sim	3º grau - bisavós	Não	Não sei	Não	Não	<p>Povo diverso que vive marginalizado pela sociedade, que sofreu /sofre violenta expulsão de seu território original, culturalização escravizadora e genocídio, durante séculos seguidos, mas ainda segue resistindo a manter sua cultura e modo de vida. O povo é diversificado, multiétnico, ha etnias isoladas do contato com o branco, há outras adaptadas a contextos urbanos</p>

APÊNDICE H - RESPOSTAS DOS INDÍGENAS

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você se identifica com a cultura indígena?	Qual a sua etnia?	Você possui ascendência africana?	Se sim, de qual grau de parentesco?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o cenário: não poder entrar e ser mal recebidas em loja eu e minha mãe	Se sim, se você se sentir confortável, relate o cenário: não poder entrar e ser mal recebidas em loja eu e minha mãe	Você é um indígena em contexto urbano?	O que é um indígena em contexto urbano?
3/10/2021 16:03:28	Belo Horizonte - MG	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Puri	Sim	1º grau - país	Se sim, se você se sentir confortável, relate o cenário: não poder entrar e ser mal recebidas em loja eu e minha mãe	Sim	Indígena em contexto urbano	Que vive em cidades urbanas e não em aldeia
3/10/2021 15:09:35	Embu das Artes - SP	Feminino	de 35 a 44 anos	Ensino profissionalizante - Técnico	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Puri	Sim	3º grau - bisavós	Sinto mais preconceito na área de trabalho, sou atriz e muitas vezes que pedem o meu "perfil" indígena e quando eu envio meu material com o meu cabelo ondulado, me descartam da seleção, acham que todos indígenas são iguais	Em contexto urbano	Em contexto urbano	É uma pessoa indígena que vive na cidade
3/10/2021 17:07:55	Guaianases - SP	Feminino	de 16 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Potiguara	Não sei	Não sei		Em contexto urbano	Em contexto urbano	que vive em zona urbana, seja ela no interior ou na cidade
3/10/2021 17:20:18	Ouro Preto - MG	Masculino	de 35 a 44 anos	Tecnólogo ou Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Indígena	Indígena	Borum-K'ien	Sim	4º grau - triavós	Desconfortável, um homem negro falando q nos indígenas eramos inferiores	Aldeado	Em contexto urbano	São todos que nao moram na aldeia
3/9/2021 21:34:43	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	Superior	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Guarani	Não	Não	Sou mulher indígena e todo o dia sofro preconceito e racismo. Quando criança ouvia que não éramos gente por sermos Bugres.	Em contexto urbano	Em contexto urbano	Indígena da cidade da periferia.
3/2/2021 7:25:41	Porto Alegre - RS	Feminino	60 anos ou +	Ensino profissionalizante - Técnico	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Bugres	Não	Não		Em contexto urbano	Em contexto urbano	Acho que é quem nasceu e se criou na cidade, como o meu caso. É vivenciar a cidade em um efetamento étnico racial constante e uma luta na busca de nossa ancestralidade.
3/10/2021 15:56:29	Porto Alegre - RS	Masculino	de 45 a 59 anos	9º série - Ensino Fundamental	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Indígena	Sim	1º grau - país	Vivo num país que o presidente estimula o genocídio do meu povo	Em contexto urbano	Em contexto urbano	Na Universidade questionam meu nível de cognição (demonstram surpresa por eu estar neste espaço)
3/9/2021 23:23:23	Porto Alegre - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Kubeo (Am)	Não	Não		Em contexto urbano	Em contexto urbano	Nasci na cidade, cresci na periferia e nunca morei em aldeia

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você se identifica com a cultura indígena?	Qual a sua etnia?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	
3/9/2021 21:57:51 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 16 a 24 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Guarani	Sim	1º grau - pais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3/9/2021 22:04:48 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 45 a 59 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Guarani	Não sei	Não sei	Não sei	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3/9/2021 22:14:57 RS	Porto Alegre - RS	Feminino	de 35 a 44 anos	9ª série - Ensino Fundamental	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Guarani	Não	2º grau - avós	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3/10/2021 22:47:03 Recife - PE	Recife - PE	Feminino	de 25 a 34 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Tabajara	Não	Não sei	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3/10/2021 16:57:09 Recife - PE	Recife - PE	Feminino	de 19 a 24 anos	3º ano - Ensino Médio	de 4 a 8 salários mínimos	Indígena	Sim	Xucuru do Ororuba	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Você se identificou ou viveu alguma situação de Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido: O que é um indígena em contexto urbano? Um ser que por muito tempo foi apagado e subjugado pela sociedade e hoje busca reconectar a ancestralidade e levantar a identidade em forma de luta em honra aos nossos ancestrais.

Você se identificou ou viveu alguma situação de Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido: O que é um indígena em contexto urbano? Um indivíduo em constante busca pela ancestralidade, que através da reconstrução histórica tenta entender os processos do qual foi submetido e assim se erguer dentro da sociedade e trazer a luta, a ancestralidade e a espiritualidade herdada dos antepassados. Defender nossos direitos dentro da cidade, e lutar em defesa dos nossos territórios e bem viver.

Você se identificou ou viveu alguma situação de Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido: O que é um indígena em contexto urbano? Por viver em contexto urbano, muitos de nossos parentes aldeados não querem nos reconhecer como indígenas e isso é muito triste.

Você se identificou ou viveu alguma situação de Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido: O que é um indígena em contexto urbano? Ser indígena e não morar em aldeia e sim nas cidades. O mesmo que está na aldeia porém com diferentes vivências e experiências. Muitas vezes atravessado pelo etnocídio ou outras vezes em busca de forma de fortalecer a luta ou a própria sobrevivência.

Você se identificou ou viveu alguma situação de Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido: O que é um indígena em contexto urbano? Pessoas indígenas que não nasceram ou não vivem na aldeia.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você se identifica com a cultura indígena?	Qual a sua etnia?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Você é um indígena?	O que é um indígena em contexto urbano?	
3/10/2021 15:15:58 RJ	Rio de Janeiro - RJ	Feminino	de 45 a 69 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 9 + salários mínimos	Indígena	Sim	Guarani Kaiowá	Não	1º grau - pais	São tantos os casos que é impossível escolher um só. Toda estrutura de poder: escola, trabalho, hospitais, bancos, farmácias, em todos os lugares.	Sim	Em contexto urbano	É morar numa cidade ou área urbana mas conhecer sua ancestralidade e a honrar. Também é ser considerado um alienígena. E viver numa fronteira. Você é seu território e a própria fronteira. E fronteiras são territórios onde se dão conflitos. Mas também se dão encontros. E se fazem pontes. Margens são férteis e nos dão uma visão muito peculiar da vida. Então, como tudo na vida há luz e sombra. Também é ser ambiguidade. E tudo o que parece ambíguo dá medo. De todos os lados. Para os brancos da cidade sou raíé. Para muitos indígenas aldeados não sou indígena. Para muitos negros sou "praticamente branca", portanto senta privilegiada. Medo leva a agressão. Então sim, há agressões e violências psicológicas.
3/10/2021 15:36:32 RJ	Rio de Janeiro - RJ	Não-binário	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Pataxó	Sim	4º grau - travós	relacionamento com homens, em todos os lugares.	Sim	Em contexto urbano	Uma pessoa que sofreu a violência de ter que se afastar por necessidades do aldeamento.

Carimbo de data/hora	Qual a cidade e estado que você mora?	Qual o gênero que você se identifica	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua escolaridade completa?	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua cor?	Você se identifica com a cultura indígena?	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de parentesco?	Você presenciou ou viveu alguma situação de violência?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Você é um indígena em contexto urbano?
3/10/2021 16:12:51 RJ	Rio de Janeiro -	Feminino	60 anos ou +	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	de 4 a 8 salários mínimos	Indígena	Sim	Não	Não	Não	Fui ao médico para realizar um procedimento de desvio de septo nasal, pois tinha dificuldade para respirar. O médico perguntou se eu não queria aproveitar para fazer uma plástica e corrigir o meu nariz "de bugre".	Em contexto urbano
3/10/2021 22:05:07 RS	Santa Maria -	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Não	Não	Sim	Fui deslegitimada da minha etnia por afirmarem que ela estava extinta, mesmo eu mostrando fotos de minha avó indígena	Em contexto urbano
3/10/2021 17:03:31 SP	Santo André -	Feminino	de 45 a 59 anos	Tecnólogo ou Superior	de 4 a 8 salários mínimos	Indígena	Sim	Não	Não	Sim	Fui deslegitimada da minha etnia por afirmarem que ela estava extinta, mesmo eu mostrando fotos de minha avó indígena	Em contexto urbano
3/10/2021 20:56:14 São Paulo - SP	São Paulo - SP	Prefiro não dizer	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	Até 1 salário mínimo	Indígena	Sim	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Pataxó há há hae	Aldeado
3/9/2021 22:34:58 São Paulo - SP	São Paulo - SP	Masculino	de 25 a 34 anos	3º ano - Ensino Médio	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Sim	Não sei	Sim	Tupinambá não gosto de me caracterizar pela etnia... prefiro me dizer tapuya ou alienindia... porém construo a retomada kanri	Em contexto urbano
3/10/2021 18:08:47 São Paulo - SP	São Paulo - SP	Prefiro não dizer	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Não sei	Não sei	Sim	retomada kanri	Em contexto urbano

São indígenas que por apaqueamento ou por terem migrado para cidade perderam seus laços com a aldeia, mas não perderam o seu pertencimento e sua ancestralidade. É alguém que carrega em seu ser a relação com a terra, com as plantas, um chamado da ancestralidade, mas teve seu espaço roubado e precisa buscar formas de sobreviver na cidade, apesar do concreto, da violência, da dor e do vazio. Que mora cidades, que convive com costumes dos não indígenas, muitos nem conheceram seus coletivos pois for esbulhados do território. Indígenas que sobrevivem em territórios urbanizados, que eram matas que foram invadidas pelos não indígenas

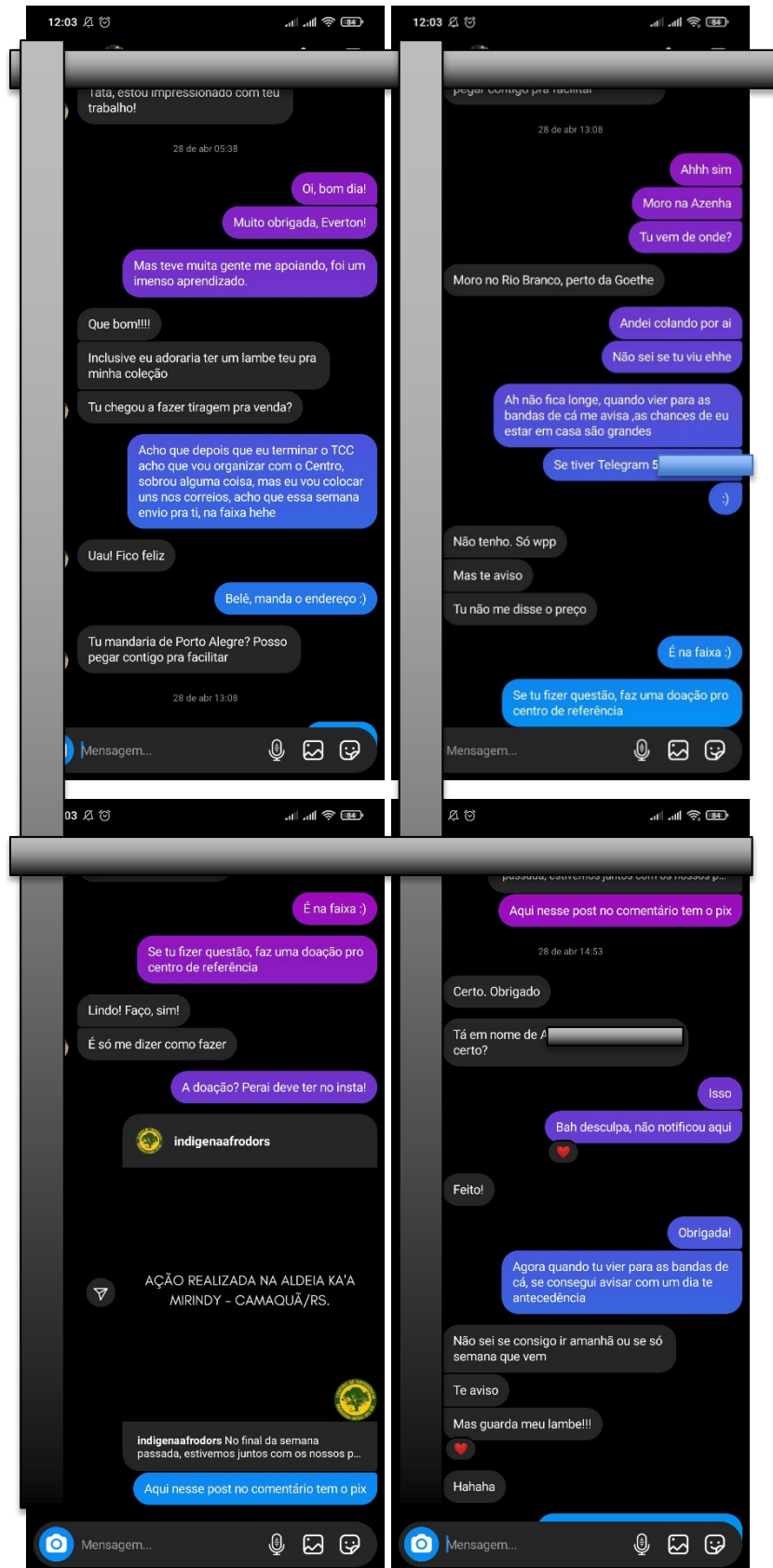
É alguém que a família ao decorrer das violências regionais e territoriais perdeu sua morada dentro de aldeamentos e vive uma vida Urbanizada em grandes cidades principalmente na Periferia I

Aquele que vive em centros urbanos. Pode ter nascido em contexto urbano ou rural. Pode ter nascido em contexto comunitário que se auto-declare indígena ou não. Mas para mim é só um local de vivência.

Carimbo de data/hora	3/10/2021 21:25:07	Uruguca - BA	Feminino	de 35 a 44 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Qual a sua renda familiar?	Qual a sua escolaridade completa?	Qual a sua faixa-etária?	Qual a sua cor?	Qual a sua cultura indígena?	Qual a sua etnia?	Você se identifica com a cultura indígena?	Você possui ascendência africana?	Se sim, de qual parentesco?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Você é um indigena em contexto urbano?
																Fui muito discriminada pela minha cor na infância qd estudei em escola particular de pessoas brancas. sempre fui revistada em situações de aeroporto, já fui presa por ter comido um pedaço de pão duro que eu joguei no lixo e por isso não paguei, já fui seguida e vigiada em lojas, me confundiam como babá, qd estava com meu irmão mais novo que tem pele e cabelo claros, não me deixaram entrar numa loja pra comprar chinelo pois eu estava descalça (tinha sido roubada na praia), dentre outras situações...	Aquela pessoa que tem origem indigena mas mora ou nasceu na cidade, por todo processo de colonização que afetou de diferentes formas os povos...
																Comigo diversas vezes. Uma vez estava na fila da farmácia quando um homem com o filho no colo simulou mal cheiro vindo de mim e disse: funn.. filho.. cheiro de preto, né?	Alguém que sofreu processos de desterritorialização, etnicídio e memoricídio.

3/9/2021 22:03:24	Viamão - RS	Feminino	de 25 a 34 anos	Mestrado e doutorado - Pós-graduação	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Mura	Sim	3º grau - bisavós	Sim	Sim	Você presenciou ou viveu alguma situação de preconceito, parentesco, parentesco africana?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Quando cheguei no Rio Grande do Sul, me chamavam de índia para me humilhar, para demonstrarem superioridade. Também sofri xenofobia por ser nordesta. Era Orientadora de uma escola e a diretora vivia fiscalizando meu trabalho porque vim lá de "cima", e a fama do norte é não ter uma educação qualificada. Também quando passei no Mestrado na UFRGS, ouvi: "eles tem obrigação de dar vaga pra índio". Expressões como: "o que está fazendo aqui, você deveria estar no mato", "Só podia ser índia". E assim por diante.	Em contexto urbano	Resistência para não ser engolida pelo projeto colonial que expulsou nossos antepassados de nossos territórios ancestrais. Um indígena nascido ou que se mudou para o meio urbano devido a necessidade, fugindo de agressões e ataques de não indígenas. Ou devido a fatores terceiros como migração do seu povo fruto do processo de invazão de terras.
3/10/2021 19:04:53	Vitoria - ES	Masculino	de 16 a 24 anos	Tecnólogo ou graduação - Superior	De 1 a 3 salários mínimos	Indígena	Sim	Aranã	Sim	1º grau - pais	Sim	Sim	Você possui ascendência africana?	Se sim, qual o grau de ascendência?	Se sim, se você se sentir confortável, relate o ocorrido:	Você é um indígena em contexto urbano?	Em contexto urbano

APENDICE I - CONTATO INSTAGRAM



ANEXOS

ANEXO I - CARD

“ A cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e hoje em dia não tem esse problema em seu país ”

Em pronunciamento na Câmara dos Deputados, em abril de 1998

0058 @BOLSONARPOETA

POS-QUIM
Curtir esta página · 18 h

pos-quim.com

215 · 30 comentários · 160 compartilhamentos

Curtir · Comentar · Compartilhar

Mais relevantes

Fonte: meu professor me disse

Curtir · Responder · 17 h

“ E tá errado, porra? ”

Escreva um comentário



ANEXO 2 - QUADRINHO ENTREVISTA ALICE

Alice

Alice de Oliveira Martins, líder da Ocupação Baronesa em Porto Alegre

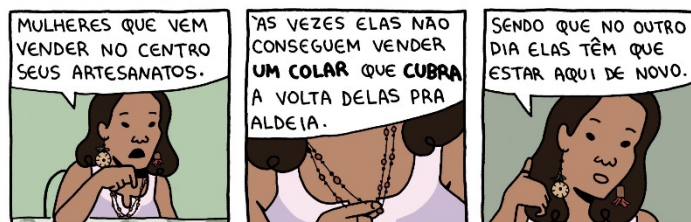
Entrevista realizada em fevereiro de 2020

<https://www.pablitoaguiar.com.br/inicio/entrevistas-em-quadrinhos/alice/>



ALICE

POR PABLITO AGUIAR





E AÍ ENTÃO A GENTE DECIDE *SUSPIRO* VIA PARA ESTA CASA, NO DIA 21 DE JULHO.



É MUITO COMPLICADO VOCÊ MILITAR NA DEFESA DE TERRITÓRIO.



VOCÊ SOFRE MUITA VIOLÊNCIA. OS MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO CRIMINALIZADOS.



EU JÁ SOFRI VÁRIAS ABORDAGENS DA POLÍCIA.



PORQUE ELES QUEREM CRIMINALIZAR E DIZER QUE SOMOS PESSOAS SEM NADA PRA FAZER.



EM RESUMO, DIZER QUE A GENTE É UM MONTE DE VAGABUNDO.



SENDO QUE DAMOS ASSISTÊNCIA PARA AS PESSOAS E FALAMOS SOBRE OS SEUS DIREITOS.



AQUI DENTRO JÁ FORAM ACOLHIDAS DIVERSAS FAMÍLIAS. PESSOAS QUE ESTAVAM PRA FICAR NA RUA.



OU SEJA, REALIZAMOS INTERVENÇÕES DAS QUAIS O ESTADO SE ISENTA, NÉ?



ENTÃO, EU TÔ TE FALANDO TUDO ISSO POR QUÊ?



PRA TE DIZER QUE EU SOU UMA MULHER INDÍGENA, COM 38 ANOS.



GUARANI KAIOWÁ EM CONTEXTO URBANO. NÃO MOREI NA ALDEIA.



PORQUE NA ÉPOCA DA DITADURA É QUANDO MEUS AVÓS PERDEM SUAS TERRAS.



É TAMBÉM FALO TUDO ISSO PRA GENTE COMPREENDER O MODELO QUE PENSEI A DEFESA DE TERRITÓRIO.



QUE É ATRAVÉS DO PERTENCIMENTO DOS POVOS.



BOM, ENTÃO SE A GENTE VAI FAZER OCUPAÇÕES.





VAMOS FAZER ATRAVÉS DA RETOMADA DE TERRITÓRIOS ANCESTRAIS.







ANEXO 3 - GASTOS COM A AÇÃO

RECEBEMOS DE ELYON SOLUCOES GRAFICAS LTDA OS PRODUTOS CONSTANTES DA NOTA FISCAL INDICADA AO LADO		695 NF-e Nº. 60074 SÉRIE 1												
DATA DE RECEBIMENTO	IDENTIFICAÇÃO E ASSINATURA DO RECEBEDOR													
 ELYON SOLUCOES GRAFICAS LTDA R MARIO REGALLO PEREIRA 242 - JARDIM GILDA MARIA CEP: 05550-060 SP- São Paulo Fone: 3333-6161		DANFE Documento Auxiliar da Nota Fiscal Eletrônica 1 - SAÍDA 1 0 - ENTRADA Nº 60074 SÉRIE 1 Pág. 1 / 1												
CONTROLE DO FISCO														
														
NATUREZA DE OPERAÇÃO 6.923 - REMESSA DE MERC POR CONTA E ORDEM DE TERCEIROS														
INSCRIÇÃO ESTADUAL 147596903113	INSC. EST. DO SUBS. TRIBUTÁRIO	CNPJ 07.046.094/0001-89	CHAVE DE ACESSO DA NF-e P/ CONSULTA DE AUTENTICIDADE NO SITE WWW.NFE.FAZENDA.GOV.BR NFe35210407046094000189550010000600741611518940											
Consulta de autenticidade no portal nacional da NF-e www.nfe.fazenda.gov.br/portal; ou no site da Sefaz autorizadora.														
Protocolo de autorização de uso: 135210391710972 / 2021 14:38:21														
DESTINATÁRIO REMETENTE NOME/RAZÃO SOCIAL TAIS ALINE BAPTISTA SALOMAO		DATA DE EMISSÃO 12/04/2021 DATA DE ENTRADA / SAÍDA HORA DE SAÍDA												
		RARRCO / DISTRITO MENINO DE DEUS CEP 90130-051												
RS		INSCRIÇÃO ESTADUAL												
FATURA														
CÁLCULO DO IMPOSTO														
BASE DO CÁLCULO DO ICMS VALOR DO ICMS 0,00	VALOR DO ICMS 0,00	BASE DO CÁLCULO DO ICMS SUBSTITUIÇÃO	VALOR DO ICMS SUBSTITUIÇÃO											
VALOR DO FRETE 0,00	VALOR DO SEGURO	DESCONTO 0,00%	OUTRAS DESPESAS ACESSÓRIAS 0,00											
VALOR DO IPI 0,00		VALOR TOTAL DOS PRODUTOS 312,14												
VALOR TOTAL DA NOTA 312,14														
TRANSPORTADOR / VOLUMES														
RAZÃO SOCIAL TEX TRANSPORTE DE ENCOMENDAS EXPRESSAS LTDA.	FRETE POR CONTA 1 - emissor 2 - destinatário 1	CODIGO ANTT	PLACA DO VEICULO											
ENDEREÇO R LUIZ CUNHA 56-B	MUNICÍPIO Presidente Prudente	UF SP	CNPJ/CPF 06.387.990/0014-00											
QUANTIDADE 1,00	ESPÉCIE PACOTE	MARCA	INSCRIÇÃO ESTADUAL 562268400110											
		NUMERAÇÃO	PESO BRUTO 3,30											
			PESO LÍQUIDO 3,30											
DADOS DO PRODUTO / SERVIÇOS														
CÓD. PROD	DESCRIÇÃO DO PRODUTO / SERVIÇO	#PED. CLIENTE	NCM/SH	CST	CFOP	UND	QTDE	V.UNIT	V. TOTAL	BC ICMS	V. ICMS	V. IPI	ALIQ. ICMS	ALIQ. IPI
000	Lambe Lambe 4x6 33.93x42.00 Offset 90g/m 1334415		49011000	090	6.923	UND	75,000	1,528657	114,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
000	Lambe Lambe 4x6 39.00x42.00 Offset 90g/m		49011000	090	6.923	UND	60,000	1,647000	98,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
000	Lambe Lambe 4x6 33.00x42.00 Offset 90g/m		49011000	090	6.923	UND	60,000	1,647000	98,82	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
CÁLCULO DO ISSQN														
INSCRIÇÃO MUNICIPAL	VALOR TOTAL DOS SERVIÇOS 0,00	BASE DE CÁLCULO DO ISSQN 0,00	VALOR DO ISSQN 0,00											
DADOS ADICIONAIS														
Valor Aproximado dos Tributos: R\$ 0,00 Faturada em 12/04/2021 através da NF18138. Consignar frete para MR Print Helion - CNPJ 17.136.884/0001-09 CLIENTE RETIRA: Porto Alegre / RS			Reservado ao Fisco											

CNPJ: 05.563.868/0007-09 BELLER COMERCIO DE PAPEIS LTDA
AV. DA AZENHA, 1132 LJ 02 AZENHA Porto Alegre-RS 90160-006
Fone: (51)3084-5535 I.E.:096/3428152

Documento Auxiliar da Nota Fiscal de Consumidor Eletronica
Codigo Descricao Qtde Un Valor unit. Valor total
001 378 COLA BRANCA LIQ 1000g MAXI FRAMA 2 UN X 16,50 33,00
Qtde. total de itens 001
Valor total R\$ 33,00
FORMA DE PAGAMENTO VALOR PAGO R\$
Cartao de Debito MasterCard 33,00

Consulte pela Chave de Acesso em

<https://www.sefaz.rs.gov.br/NFE/NFC-NFC.aspx>
4321 0405 5638 6800 0709 e529 2000 1027 6015 5497 5936
CONSUMIDOR NAO IDENTIFICADO

NFC-e n° 000102760 Serie 202 17/04/2021 11:45:48
Protocolo de Autorizacao: 143210489866376
Data de Autorizacao 17/04/2021 11:45:48



FERRAGEM RJ

CNPJ: 01.829.104/0001-76 FERRAGEM R J LTDA
AVENIDA DA AZENHA, 1245 AZENHA - PORTO ALEGRE -
RS 90160-002 Fone: (51)3028-6237 I.E.: 098/2631388

DOCUMENTO AUXILIAR DA NOTA FISCAL DE CONSUMIDOR ELETRONICA
Cód Descrição Qtd Un VI Unit. VI Total
001 3 ACESSORIOS PINTURA
1 UN X 8,800 8,80
002 3 ACESSORIOS PINTURA
1 UN X 3,000 3,00
QTD. TOTAL DE ITENS 002
VALOR TOTAL R\$ 11,80
FORMA DE PAGAMENTO Valor Pago
Cartão de Débito 11,80

Consulte pela Chave de Acesso em

www.sefaz.rs.gov.br/nfce/consulta
4321 0401 8291 0400 0176 6500 1000 0244 2710 0069 8934
CONSUMIDOR NAO IDENTIFICADO
NFC-e n° 000024427 Serie 001 17/04/2021 11:31:07
Protocolo de Autorizacao: 143210489748270
Data de Autorizacao 17/04/2021 11:31:12



Operador : 0
EMITIDO POR EMPRESA OPTANTE PELO SIMPLES
NACIONAL

Tributos Totais Incidentes(Lei Federal 12.741/12): R\$ 1,33
MKM Automação - NFCe - Express

13/04/2021 - BANCO DO BRASIL - 18:21:16
189901899 SEGUNDA VIA 0009
COMPROVANTE DE TRANSFERENCIA
DE CONTA CORRENTE P/ CONTA CORRENTE

CLIENTE: TAIS A BAPTISTA SALOMAO

DATA DA TRANSFERENCIA 13/04/2021
NR. DOCUMENTO 601.248.000.112.303
VALOR TOTAL 90,00

***** TRANSFERIDO PARA:
CLIENTE: RZ PLOTAGEM

NR. DOCUMENTO 601.899.000.052.220
NR. AUTENTICACAO 0.22C.67F.B3B.99A.E29